

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL DOUTORADO**

PATRÍCIA SOCORRO DA COSTA CUNHA

“ESTOU NA RUA... A GENTE TRABALHA”: Identidades de mulheres venezuelanas na prostituição em Boa Vista-RR

São Leopoldo - RS

2024

PATRÍCIA SOCORRO DA COSTA CUNHA

“NA RUA... A GENTE TRABALHA”: Identidades de mulheres venezuelanas na prostituição em Boa Vista-RR

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof^ª. Dra. Dorotea Frank Kersch

São Leopoldo - RS

2024

C972e Cunha, Patrícia Socorro da Costa
“Estou na rua... a gente trabalha” : identidades de
mulheres venezuelanas na prostituição em Boa Vista-RR /
por Patrícia Socorro da Costa Cunha. – 2024.
166 f. ; il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Dorotea Frank Kersch.

1. Narrativas. 2. Migração. 3. Prostituição. 4. Identidade.
I. Título.

CDU 81'42

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

PATRÍCIA SOCORRO DA COSTA CUNHA

“NA RUA... A GENTE TRABALHA”: Identidades de mulheres venezuelanas na prostituição em Boa Vista-RR

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof^ª. Dra. Dorotea Frank Kersch

APROVADA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2024.

BANCA EXAMINADORA

**PROF^ª. DRA. SILVIA REGINA DELONG – UNESPAR
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF^ª. DRA. MARTA HELENA FACCO PIOVESAN – UEMA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF^ª. DRA. CATIA DE AZEVEDO FRONZA – UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF^ª. DRA. DOROTEA FRANK KERSCH – UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a todas as pessoas que fizeram a diferença em minha vida e contribuíram para esta jornada, pois sem elas, a construção desta pesquisa não teria sido possível.

À memória de meus saudosos pais, Sebastião Souza Cunha e Ana da Costa Cunha, que, com seus sacrifícios, me proporcionaram a oportunidade de uma formação superior e uma vida melhor. A força deles continua a me inspirar a cada passo.

Ao meu querido esposo, Rômulo Luiz, e aos meus amados filhos, Pâmella Patrícia, Otávio André, Rômulo Jared e Heuller Pablo. Vocês sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais desafiadores, oferecendo apoio incondicional e me motivando a seguir em frente, nunca desistindo dos meus sonhos. Amo vocês profundamente!

Às minhas netas, Paloma Manuella, Ana Lis, Patrícia Mikaella e meu neto, André Felipe. Vocês são minha inspiração constante, lembrando-me de que a vida é um processo contínuo de aprendizado e transformação.

Ao meu tio Zacarias Seixas Costa, meu pai de coração, por cuidar de nossa família após a morte de minha vó Neca. Um herói na luta contra o câncer.

A todos os meus familiares - irmãos, sobrinhos, tios, primos, noras e genro - que me acompanharam nesta caminhada. Vossa presença e apoio foram fundamentais para minha superação e persistência.

Esta dedicatória é um tributo ao amor, à força e à resiliência que me cercam. A cada um de vocês, meu eterno agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja infinita misericórdia e proteção estiveram ao meu lado durante toda a jornada de estudos e pesquisa no doutorado. Sua presença foi um alicerce fundamental em cada passo que dei.

Aos meus pais, Sebastião de Souza Cunha e Ana da Costa Cunha, *in memoriam*, que sempre me amaram incondicionalmente e se dedicaram ao meu desenvolvimento espiritual, intelectual e cultural. Seu legado de amor e determinação é a força que me impulsiona a seguir em frente.

À minha orientadora, Prof^ª. Dra. Dorotea Frank Kersch, expresso minha profunda gratidão. Você foi uma verdadeira mestra e amiga, cujas sábias orientações foram fundamentais para o desenvolvimento desta tese. Sua capacidade de despertar em mim um amor profundo pela Linguística, não apenas como ciência, mas também como uma forma de transformação pessoal, deixa uma marca indelével em minha vida.

À minha família, meu agradecimento sincero por estenderem as mãos nos momentos de incertezas. Vocês sempre acreditaram em mim, nos meus sonhos, estudos e na minha pesquisa, sendo o suporte necessário para que eu pudesse continuar minha trajetória.

A todos vocês, minha eterna GRATIDÃO. Sem o apoio, amor e encorajamento de cada um, esta conquista não seria possível.

RESUMO

Desde 2015, o Brasil, especialmente o Estado de Roraima, tem acolhido um número crescente de migrantes e refugiados da Venezuela, contando com mais de 134.071 pessoas interiorizadas até 2024, de acordo com dados do ACNUR e do CONARE. Esse influxo populacional gerou desafios significativos, como a escassez de infraestrutura e o impacto negativo nos serviços essenciais de educação, saúde e segurança. Dentre as consequências desse fenômeno migratório, destaca-se o aumento da prostituição, especialmente entre mulheres migrantes venezuelanas. Apesar da importância dessa temática, a construção identitária dessas mulheres no contexto da prostituição em Roraima é uma lacuna nos estudos linguísticos nesse contexto fronteiriço. Este estudo tem como objetivo conhecer as narrativas de mulheres migrantes da Venezuela e a construção identitária delas como migrantes, venezuelanas e prostitutas residentes na cidade de Boa Vista-RR, visando compreender os desafios enfrentados por elas como profissionais do sexo em terras brasileiras e como elas se representam em suas narrativas. Busca-se compreender os desafios que enfrentam como profissionais do sexo em um novo país e como se representam em suas narrativas. A pesquisa foi realizada por meio da escuta das narrativas de três prostitutas venezuelanas que atuam nas esquinas de Boa Vista. A análise das narrativas foi fundamentada nos estudos de Labov (1972), Bastos e Biar (2015) e Biar, Orton e Bastos (2021), adotando uma abordagem da Linguística Aplicada. As narrativas revelam que as migrantes enfrentam a imposição da língua portuguesa em detrimento do espanhol ao atender seus clientes. Elas veem a prostituição como uma ocupação legítima, livre de culpas ou preconceitos, em um processo de ressignificação de seu trabalho. Além disso, a memória e a identidade se entrelaçam em suas histórias, sendo que a principal preocupação das migrantes é trazer suas famílias da Venezuela para o Brasil, proporcionando melhores condições de vida aos familiares longe de seu país natal.

Palavras-chave: Narrativas. Migração. Prostituição. Identidade.

ABSTRACT

Since 2015, Brazil, especially the state of Roraima, has welcomed a growing number of migrants and refugees from Venezuela, with more than 134,071 people expected to be internalized by 2024, according to data from UNHCR and CONARE. This population influx has generated significant challenges, such as a lack of infrastructure and a negative impact on essential education, health, and security services. Among the consequences of this migratory phenomenon, the increase in prostitution stands out, especially among Venezuelan migrant women. Despite the importance of this issue, the identity construction of these women in the context of prostitution in Roraima is a gap in linguistic studies in this border context. This study aims to understand the narratives of migrant women from Venezuela and their identity construction as migrants, Venezuelans, and prostitutes living in the city of Boa Vista-RR, aiming to understand the challenges they face as sex workers in Brazil and how these women represent themselves in their narratives. The aim of this study is to understand the challenges they face as sex workers in a new country and how they represent themselves in their narratives. The research was conducted by listening to the narratives of three Venezuelan prostitutes who work on street corners in Boa Vista. The analysis of the narratives was based on the studies of Labov (1972), Bastos and Biar (2015) and Biar, Orton and Bastos (2021), adopting an Applied Linguistics approach. The narratives reveal that the migrants face the imposition of the Portuguese language instead of Spanish when serving their clients. They see prostitution as a legitimate occupation, free from guilt or prejudice, in a process of redefining their work. In addition, memory and identity are intertwined in their stories, with the migrants' main concern being to bring their families from Venezuela to Brazil, providing better living conditions for their relatives far from their home country.

Keywords: Narratives. Migration. Prostitution. Identity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Principais grupos migrantes no século XXI	27
FIGURA 2	Como ocorre o fluxo migratório no século XXI	29
FIGURA 3	Migração venezuelana na América Latina	32
FIGURA 4	Fronteira do Brasil com a Venezuela	36
FIGURA 5	Entrada de venezuelanos em Roraima pela fronteira seca	37
FIGURA 6:	Interiorização de venezuelanos no Brasil	38

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1	Chegando a Roraima	84
Excerto 2	Difícil situação para viver	88
Excerto 3	Na verdade eu tentei sim	90
Excerto 4	A esquina para manutenção de vida	97
Excerto 5	Quatro anos nas esquinas de Boa Vista	100
Excerto 6	De assistente administrativo à prostituta	103
Excerto 7	No tou precisando	106
Excerto 8	Cinco anos de Brasil	118
Excerto 9	Esquinas pelo salário	119
Excerto 10	Auxílios não são o suficiente	122

LISTA DE SIGLAS

ACNUR - Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
ANPS – Articulação Nacional de Profissionais do Sexo
Asporr – Associação das Prostitutas de Roraima
CMB - Casa da Mulher Brasileira
CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados
CUTS – Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
MDH - Ministério dos Direitos Humanos
MDS - Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome
OBMigra - Observatório das Migrações Internacionais
OIM - Organização Internacional para as Migrações
ONU - Organização das Nações Unidas
PLATERTS - Plataforma Latino-Americana de Pessoas que Exercem Trabalho Sexual
RBP – Rede Brasileira de Prostitutas
SNPM - Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres
SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – ALÉM DA FOME HÁ O RECOMEÇO	21
1.1 Um conceito fundamental: migrante ou refugiado?	21
1.2 A migração: percurso histórico	25
1.3 Brasil como um dos principais destinos de migrantes e refugiados	31
1.4 O contexto migratório em Roraima	35
CAPÍTULO II – QUANDO HÁ CORPO, HÁ FOME	42
2.1 A Linguística Aplicada e a prostituição	42
2.2 Prostituição: trabalho, sexo ou prazer?	44
2.3 A prostituição como profissão para migrantes venezuelanas	53
2.4 Linguagem, identidade e narrativa no contexto social de prostituição	55
CAPÍTULO III – DAS NARRATIVAS PARA A VIDA	59
3.1 Narrando e construindo histórias de vida	60
3.2 Percurso das narrativas: construção e estrutura	65
CAPÍTULO IV – O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	72
4.1 Caracterização da pesquisa	72
4.2 Procedimentos éticos da pesquisa	73
4.3 As participantes da Pesquisa	75
4.4 Procedimento de transcrição	79
CAPÍTULO V – GANHANDO O PÃO NAS ESQUINAS DA VIDA	81
5.1 As três Lâminas das Análises Narrativas	81
5.2 Narrativas, sonhos e esperanças	83
5.2.1 Análise da narrativa de Carla Rodrigues	84
5.2.2 Análise da narrativa de Gabriela Oliveira	99
5.2.3 Análise da narrativa de Anita Suárez	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	150

INTRODUÇÃO

*Sou Imigrante, emigrante, migrante
Resistente, com força pra viver, almejando viver
Sou resistível como um Leão da África
Tenho garras de um falcão do mato
Sou persistente como a onda movível
Porém, me respeitem!
Só quero viver a vida...*

ANTÓNIO, Moisés. Moisés e a Poesia. Fevereiro de 2017¹

Primeiramente, quero contextualizar o leitor sobre o que me levou a pesquisar o presente tema dentro da Linguística Aplicada para fazê-lo compreender como os estudos linguísticos analisam o contexto social de uso da linguagem e fornecem novos paradigmas ao cenário científico dessa área de estudo. Desse modo, a capacidade de descrever a motivação da pesquisa permite ver o cientista não como um elemento solto no espaço, mas como parte integrante da comunidade em que se acha interposto.

Logo, cabe ao pesquisador estar atento às pistas dadas pelo cenário onde está inserido para ele se questionar “O que está acontecendo aqui?”, em que *aqui* não é um espaço físico específico, mas o *aqui* espaço da observação, o objeto a ser pesquisado. A partir dessa indagação, o cientista linguístico passa a “investigar”, pois, para Borges Neto (2004), não há na Linguística um único objeto de estudo, mas um “feixe” de fenômenos que se relacionam entre si, os quais podem ser estudados por diferentes concepções e que não dependem uns dos outros.

A Linguística Aplicada tem interesse por problemas de diferentes ordens como o ensino de línguas, singularidades das relações de serviço, tradução, confecção de dicionários, justiça (linguística forense) e a existência de problemas sociais que solicitam uma solução e uma hipótese em que a linguística aplicada possa contribuir para a sociedade. Nesse caso específico, nesta pesquisa, damos ênfase a um problema social que afeta mulheres, migrantes e profissionais do sexo.

Meus questionamentos para desenvolver os estudos apresentados nesta tese surgiram a partir de um acontecimento particular que descrevo: como sou advogada de formação inicial, eu precisava dos serviços da Casa da Mulher Brasileira (CMB), mas eu não sabia o endereço desse local. A saber, a CMB é um serviço que permite a integração de instituições que atuam

¹¹ O poeta angolano Moisés Tiago António, ou simplesmente Moisés António, publicou uma poesia sobre ser imigrante. Atualmente vivendo em Curitiba (PR), ele mantém uma página no Facebook chamada “Moisés e a Poesia”, onde esse e outros poemas podem ser encontrados. Disponível em: <https://www.facebook.com/ansia77/?fref=ts>. Acesso em: 24 nov. 2022. Verificar formato ABNT no caso de datas de acesso.

no processo de enfrentamento à violência contra a mulher e maior humanização no atendimento, onde ocorrem ações como a do “Programa Mulher, Viver sem Violência”, desenvolvidas pelo Ministério dos Direitos Humanos (MDH), por meio da Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (SNPM).

Na minha procura pela Casa da Mulher Brasileira, resolvi perguntar se alguém sabia me informar onde era e como chegar ao meu destino. Assim, em torno das 15h, no ano de 2021, em pleno sol escaldante de 40°C, próximo ao Mercado Municipal de Boa Vista, em Roraima, conhecido como Feira do Produtor, eu parei diante de cinco mulheres que vestiam minúsculas roupas, estavam fortemente maquiadas, paradas na esquina do mercado, e lhes perguntei se sabiam me informar onde ficava a CMB.

Elas, falando em espanhol, muito alegres e com voz muito alta, com muita simpatia e disposição em me ajudar, me indicaram o direcionamento da Casa da Mulher Brasileira na cidade. Após a informação dada por elas sobre a localização da CMB, eu segui meu caminho, mas fiquei intrigada com a presença dessas mulheres nos cruzamentos de Boa Vista, pois, de acordo com o espanhol falado por elas, percebi que eram migrantes, possivelmente venezuelanas, e que estavam paradas naquelas esquinas em busca de clientes, pois se tratavam de prostitutas².

Ao me deparar com as mulheres venezuelanas atuando como prostitutas, passei a refletir sobre o fato de que o Estado de Roraima, desde 2015, passa por uma situação, antes desconhecida no cenário macuxi: a chegada em massa de migrantes e refugiados venezuelanos os quais são amparados pela Operação Acolhida - força-tarefa humanitária executada e coordenada pelo Governo Federal, com o apoio de agências da Organização das Nações Unidas (ONU) e de mais de 100 entidades da sociedade civil. A Operação Acolhida oferece assistência emergencial aos refugiados e migrantes venezuelanos que entram no Brasil pela fronteira com Roraima. Além disso, a Operação Acolhida é uma resposta humanitária do Brasil às demandas venezuelanas, organizada desde 2018, e conta com três eixos de ação: acolhimento, interiorização e ordenamento da fronteira.

Dados da Operação Acolhida³ mostram que entre 800 a 1.000 venezuelanos entram por dia em solo brasileiro. A grande quantidade de venezuelanos chegados fez a Operação Acolhida

² O termo *prostituta* é utilizado nesta tese em consonância com o fato de o Estado brasileiro reconhecer, desde 2002, a profissão de prostituta, oficializada pelo Ministério do Trabalho, no item 5198 na Classificação Brasileira de Ocupações. Em outros momentos, utilizo o termo *profissional do sexo* embasada nessa mesma classificação do Ministério do Trabalho, como será explicado mais adiante.

³ OIM BRASIL. **Operação Acolhida dá aos venezuelanos um novo começo no Norte do Brasil**. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/operacao-acolhida-da-aos-venezuelanos-um-novo-comeco-no-norte-do-brasil>. Acesso em: 05 de mai. de 2023.

construir abrigos e desenvolver processo de interiorização desses migrantes e refugiados, pois Roraima não comporta todos que entram pela fronteira do Brasil com a Venezuela. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS)⁴, até abril de 2024, 125 mil migrantes e refugiados oriundos da Venezuela foram interiorizados para 1.026 municípios de todas as regiões do país, sendo Curitiba (PR) e Manaus (AM) os municípios que receberam o maior número de contemplados da ação.

Nesse cenário intrigante, eu me questioneei: O que fazia aquelas mulheres estarem sob um sol escaldante, em plena luz do dia, na esquina de um movimentado Mercado Municipal, em busca de clientes? O que aconteceu para elas estarem nessa situação? Quais as histórias escondidas por trás de cada uma delas? Essas reflexões me direcionaram para meu problema de pesquisa: Como as narrativas de mulheres migrantes venezuelanas que trabalham como prostitutas em Boa Vista-RR refletem suas experiências e desafios, e de que maneira essas experiências contribuem para a construção de suas identidades como migrantes, venezuelanas e profissionais do sexo?

Dessa forma, nesta tese, busco conhecer as narrativas de mulheres migrantes da Venezuela e a construção identitária delas como migrantes, venezuelanas e prostitutas residentes na cidade de Boa Vista-RR, visando compreender os desafios enfrentados por elas como profissionais do sexo em terras brasileiras e como essas mulheres se representam em suas narrativas. A partir do problema de pesquisa, tomo a orientação preconizada por Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p. 30), que abordam estudos de narrativas de migrantes. Para os pesquisadores, esses estudos apresentam narrativas fortes e vívidas:

As entrevistas com migrantes e aprendizes temporários constituem outra vertente da pesquisa de entrevistas narrativas. Os participantes são muitas vezes pessoas que estão se adaptando a novos ambientes de vida e/ou aprendizagem. As entrevistas são conduzidas para capturar sua adaptação aos novos ambientes socioculturais, linguísticos e educacionais.

Dado que ajustes são necessários em contextos formais e pessoais, a aprendizagem está ligada a vários mundos sociais. Esses estudos geralmente relatam os achados criando histórias narrativas fortes e vívidas para os leitores (tradução nossa⁵).

⁴ MDS. **Brasil acolhe mais de 125 mil migrantes e refugiados venezuelanos por meio da Operação Acolhida.** Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/brasil-acolhe-mais-de-125-mil-migrantes-e-refugiados-venezuelanos-por-meio-da-operacao-acolhida>. Acesso em: 08 de ago. de 2024.

⁵ *Migrant and sojourn learner interviews constitute another strand of narrative interview research. The participants are often people who are adjusting to new living and/or learning environments. Interviews are conducted to capture their adjustment to new sociocultural, linguistic, and educational environments. Given that adjustments are required in both formal and personal contexts, learning is tied to various social worlds. These studies usually report the findings by creating strong and vivid narrative stories for the readers.* (Barkhuizen; Benson; Chik, 20014, p. 30). Rever formato ABNT.

Destarte, a narrativa dessas migrantes nos conduz a tentar entender a história que existe por trás de cada pessoa. Com o alto fluxo migratório de venezuelanos para Roraima, a partir de 2015, muitos vêm a Boa Vista em busca de novas oportunidades de vida. Entretanto, há muitas outras histórias não reveladas por aqueles que atravessam as fronteiras do Brasil com a Venezuela. É com intuito de desvendar essas histórias que este estudo se propõe a conhecer as narrativas e como se constrói a identidade dessas migrantes prostitutas venezuelanas em Boa Vista.

Uma primeira hipótese levantada para meu questionamento é que a escolha de mulheres migrantes venezuelanas em se tornarem prostitutas no Brasil possa estar ligado ao fato de que a prostituição no Brasil não é considerada crime, bem como com a provável falta de aptidões para um emprego formal diferente. Essa hipótese parte, de certa forma, de uma percepção inicial, a ser ou não corroborada com a pesquisa, de que as mulheres que optam por essa atuação não terem formação ou conhecimento profissional especializado, mas também de que a mudança de contexto social, de alguma maneira, inviabilize-as de atuarem em outros setores profissionais, seja devido à falta de oportunidade, falta de domínio linguístico, ou outras razões a serem levantadas nessa pesquisa.

Dados de 2020 da Organização Internacional para as Migrações (OIM) BRASIL⁶ mostram que o perfil dos venezuelanos na América Latina e no Caribe sofre variações de acordo com o país de destino:

Os venezuelanos que se dirigiram aos vizinhos imediatos da Venezuela – Brasil, Colômbia, Guiana e Trinidad e Tobago – tendem a ter menor nível de escolaridade do que os venezuelanos que se mudam para outros países mais distantes, são mais propensos a serem mais jovens e solteiros e relatam acesso mais restrito à saúde e a serviços de saúde mental. A maioria manifestou a intenção de permanecer nesses países. Aqueles que viajaram para países próximos, mas não adjacentes – Equador e Peru – também tendem a ser jovens, mas mais de um terço possui um diploma técnico ou superior.

Esse perfil dos migrantes que chegam ao Brasil mostra que eles têm mais dificuldades para se adequar ao mercado de trabalho no país que os acolhe. Simões (2020, p. 1) afirma que, “no Brasil, Colômbia, T&T e Guiana há um número considerável de venezuelanos com baixa escolaridade. No Brasil, cerca de 25% desses migrantes possuem apenas o fundamental completo, enquanto na Colômbia esse número chega a 35%”. Assim, sem muito estudo, os migrantes tendem a procurar empregos que não exigem alto nível de escolaridade e

⁶ OIM BRASIL. **Perfil dos venezuelanos na América Latina e no Caribe revela variações de país para país.** Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/perfil-dos-venezuelanos-na-america-latina-e-no-caribe-revela-variacoes-de-pais-para-pais> Acesso em: 23 de mar. de 2023.

especialização, como atendente de farmácias, balconistas, caixa e vendedores em supermercados, frentistas em postos de gasolinas, empregadas domésticas, caseiros, jardineiros e demais profissões que não requerem diploma técnico ou superior.

Dessa forma, no atual contexto social migratório, em virtude do elevado número de migrantes que chegam a Roraima – especialmente nas cidades de Boa Vista e Pacaraima, onde a presença deles é mais expressiva – surge uma ampla fonte de pesquisa. Os estudos de Santos (2016), *Narrativas educacionais de prostitutas do centro de Fortaleza – CE*; Wofford e Tibi (2017), *A human right to literacy education: Implications for serving Syrian refugee children*; e Benseman (2012), *Adult Refugee Learners with Limited Literacy: Needs and Effective Responses*, têm como objetivo compreender as histórias de vida de pessoas que deixam seu país de origem em busca de novas oportunidades em um país diferente e ajudarão a compreender os nossos dados.

Dayrell (2003) revela que o sujeito é um ser atuante e participativo no mundo. Nesse contexto, ele se reinsere, se reinventa, se transforma e se modifica, ao mesmo tempo em que é construído e reconstruído nas relações sociais em que está inserido. Para Hall (2006), todos possuem uma história, edificam narrativas e transformam o mundo, e, nesse processo, se revelam. Na concepção de Dayrell (2003), todos são sujeitos concretos, com experiências particulares e trajetórias de vida que oferecem elementos essenciais para compreendê-los, ampliando a noção de identidade além de seus aspectos superficiais:

Geralmente, a noção de sujeito social é tomada com um sentido em si mesma, sem a preocupação de defini-la, como se fosse consensual a compreensão do seu significado. Outras vezes é tomada como sinônimo de indivíduo, ou mesmo de ator social. Para alguns, falar em "sujeito" implica uma condição que se alcança, definindo-se alguns pré-requisitos para tal; para outros, é uma condição ontológica, própria do ser humano (Dayrell, p. 42, 2003).

No processo social onde está inserido, cada indivíduo é aberto aos mais diversos processos de transformações, e isso o estimula a fazer escolhas conforme seus anseios e perspectivas de vida, mas sem perder os laços que o mantêm ligado à sua identidade, tais como os migrantes venezuelanos em Roraima. Isso é ratificado por Dayrell (2003, p. 42), ao afirmar que:

(...) o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade.

É, pois, nessa perspectiva histórica e identitária que a delimitação desse campo de estudo é aplicada somente à cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, onde estão presentes 13 dos 15 abrigos para venezuelanos sob o comando da Operação Acolhida. Desse modo, como objeto de estudo definido e delimitado para o desenvolvimento da pesquisa, tem-se história de vida das mulheres venezuelanas migrantes em Boa Vista e se estabelece como objetivo, como se disse acima, conhecer suas narrativas e a construção identitária como migrantes diante da abordagem da prostituição como profissão para elas e como essas mulheres se representam em suas narrativas. Assim, este estudo deverá contribuir para conhecer as narrativas de venezuelanos no Brasil por meio de suas histórias de vida, colaborar para a discussão e o desenvolvimento de políticas públicas que insiram os migrantes no mercado de trabalho brasileiro, e facilitar o atendimento de saúde pública na prevenção de IST (Infecções sexualmente transmissíveis) e vacinação para as profissionais do sexo que atuam nas esquinas de Boa Vista.

Quanto à relevância desta pesquisa nas perspectivas social, cultural e política para a comunidade acadêmica em geral, verifica-se que vários campos de estudo têm se ocupado em descrever, narrar e discutir as histórias de migrantes tanto em âmbito mundial, quanto nacional e local. No caso de nossa pesquisa, teremos subsídios para compreender as decisões dessas mulheres na profissão mais antiga do mundo, bem como os desafios e os preconceitos que enfrentam em suas construções identitárias.

São muitas as razões para o desenvolvimento desta tese. Primeiramente, pela tentativa de compreender, por meio da análise de narrativas, como as participantes constroem suas identidades e diferenças como migrantes venezuelanas, como mulheres, como prostitutas, além de compreender quais as perspectivas delas em relação ao futuro, e o que que elas pensam em relação às novas oportunidades no Brasil. Em segundo lugar, é importante entender as razões, os motivos e as causas que levam as migrantes venezuelanas que vêm para o Brasil a se prostituírem nas ruas da cidade de Boa Vista-RR. Em terceiro lugar, despertar a atenção da sociedade roraimense para a problemática do grande número de mulheres venezuelanas no campo da prostituição em Boa Vista. E, por último, ter informações para contribuir no desenvolvimento de novas investigações sobre essa temática e, com base nesses estudos, obter informações que possam contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas para os migrantes no Brasil no aspecto laboral e de saúde pública.

Essa problemática vem despertando preocupação em função do crescente ingresso de migrantes nesse ramo de atividade, conforme exposto por Paula (2018) e Lopes (2022). É notória, nas ruas da cidade de Boa Vista, a presença de garotas de programa nas calçadas, o que

se intensificou com o aumento da migração venezuelana para o Brasil. As migrantes venezuelanas não param de chegar a Boa Vista. Em uma única esquina, próxima à Feira do Produtor, no Mercado Municipal, é possível contar até seis mulheres em um único local. Se, por um lado, algumas migrantes podem já ter exercido a profissão na Venezuela, outras acabam, pela primeira vez, usando o próprio corpo para manutenção de sua existência após a chegada ao Brasil.

Em depoimento ao jornal alemão Deutsche Welle (DW), em 12 de dezembro de 2016, o coordenador do Gabinete Integrado de Gestão Migratória de Roraima, Edvaldo Amaral, afirmou que a prostituição em Boa Vista aumentou no Estado, e estima que haja entre 20 a 30 pontos de prostituição de venezuelanas. Essa realidade do alto índice de prostituição por migrantes, em Boa Vista, é de conhecimento dos munícipes, de criança a idoso, pois elas são conhecidas devido à sua constante presença em todos os locais da cidade, como o exemplo que ocorre no bairro residencial Caimbé (Jornal de Roraima, 2022). Conforme relatado por Paula (2018), as mulheres nessa situação são chamadas de “Ochenta” (em espanhol) pelos brasileiros, pois, enquanto as prostitutas brasileiras cobram em média cem reais por programa, as venezuelanas cobram "ochenta" reais (oitenta reais).

Outro problema apontado pelos moradores de Boa Vista, como observado nos depoimentos dados a Cambricoli (2018), é a intensificação da presença das prostitutas venezuelanas nas calçadas das ruas da cidade, seja no período diurno ou noturno. Segundo os moradores da cidade de Boa Vista, como destacado pelo Jornal de Roraima (2022), antes da chegada das prostitutas migrantes venezuelanas, duas ou três casas noturnas reuniam garotas de programa brasileiras, que trabalhavam apenas dentro dos estabelecimentos. Entretanto, com a migração venezuelana, os moradores afirmam que, hoje, em um único bairro (Caimbé), são mais de dez quarteirões ocupados por prostitutas migrantes. Outra reclamação relatada no Jornal é o fato de muitas delas fazerem sexo ao ar livre, sem se preocupar com os transeuntes. Além disso, também denunciam o aumento do tráfico de drogas associado ao alto índice de prostituição na cidade.

Observo na reportagem de Paula (2018), da Agência AIDS, que o crescente número de mulheres venezuelanas se prostituindo nas ruas da cidade de Boa Vista tem propiciado o aumento significativo de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), conseqüentemente, há uma sobrecarga nos serviços médicos e ambulatoriais públicos da cidade e do Estado. Isso, conforme Brito (2016), já levou o governo estadual a decretar situação de emergência em saúde pública nos municípios de Boa Vista e Pacaraima.

O fato de Boa Vista ser uma área de fronteira, ratifica a ideia de que brasileiros e venezuelanos sejam reflexo do homem pós-moderno, um sujeito fragmentado e de múltiplas identidades, conforme exposto por Hall (2006). Esse local eclético e multicultural é propício para os estudos linguísticos envolvendo a construção identitária.

Assim, um melhor conhecimento dessa realidade de migrantes venezuelanas que se prostituem, na cidade de Boa Vista-RR, pode ajudar a entender questões fundamentais sobre as discussões contemporâneas a respeito da construção da identidade dessas migrantes, que veem a prostituição como única forma de trabalho. Assim, é possível descobrir questões posicionais, simbólicas, performativas dessas identidades perante essa alternativa de vida no Brasil.

Ademais, outro fator importante é entender como se estabelecem as relações de trabalho dessas migrantes no Brasil, mesmo que o objetivo central desta pesquisa não seja, em específico, debater questões trabalhistas e suas delimitações legais. Abordar a relação identidade e atividade de trabalho auxilia, invariavelmente, a levantar questões sobre a situação legal dessas pessoas migrantes, bem como da situação do mercado de trabalho brasileiro, em especial de Boa Vista e Roraima, como um todo.

Para tanto, é essencial entender que a concepção de fronteira não se refere somente à questão de espaço e de delimitação entre dois territórios. Sturza (2006, p. 26) explica que fronteira “já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações”. Na fronteira, as diferentes línguas, culturas, identidades se mesclam, se transformam, se moldam, e se firmam como lugar de construção identitária, relacionada às características sociais decorrentes da dinâmica como os indivíduos se comportam nesse lugar como ocorre com os migrantes venezuelanos que chegam a Roraima.

No espaço fronteiro e diversificado culturalmente, Chiappini, Martins e Pesavento (2004), mostram que nesse local ocorre uma troca contínua onde o cotidiano, o imaginário, as línguas, os costumes, os conflitos, as expectativas e as vivências acabam refletindo em linguagens que se entrecruzam no cotidiano de quem lá vive. Isso também ocorre com as mulheres que migram da Venezuela para exercer a prostituição em Roraima.

Com base nessa contextualização, este estudo tem como objetivo geral conhecer as narrativas de mulheres migrantes da Venezuela e a construção identitária delas como migrantes, venezuelanas e prostitutas residentes na cidade de Boa Vista-RR, visando compreender os desafios enfrentados por elas como profissionais do sexo em terras brasileiras e como essas mulheres se representam em suas narrativas. Especificamente, procura-se neste estudo: (i) compreender a relevância da linguística para o estudo sobre a construção da identidade de prostitutas migrantes venezuelanas em Boa Vista; (ii) entender como se estabelecem as relações

de trabalho como prostitutas por meio das narrativas dessas mulheres migrantes venezuelanas ao escolherem a prostituição como ocupação laboral e assim identificar os problemas enfrentados por elas por serem mulheres, prostitutas e migrantes da Venezuela, na cidade de Boa Vista; e (iii) investigar como a identidade dessas venezuelanas se moldam aos aspectos linguísticos no exercício da profissão como prostituta na cidade de Boa Vista-RR e os desafios que elas têm nesse exercício laboral em um país diferente.

Para melhor direcionamento deste estudo, a abordagem teórica é orientada por perspectivas em que se observam as relações laborais e sociais, a linguagem e a identidade de mulheres prostitutas venezuelanas na cidade de Boa Vista-RR. Em relação às questões da construção da identidade, têm-se como norte os estudos organizados por Silva (2000), quanto à identidade e diferença. Sob a perspectiva dos estudos culturais, centro-me nos desenvolvidos por Stuart Hall e Kathryn Woodward, pois são as diferentes relações entre os que partilham elementos comuns como o trabalho, a profissão e a língua que os sujeitos constroem suas identidades. Nos estudos linguísticos sobre a identidade, Moita Lopes (2001, 2002) destaca a importância das interações sociais e das histórias pessoais na formação das identidades e discute como as identidades são construídas e compreendidas em diferentes contextos,

Na abordagem da temática da prostituição, apoio-me nos estudos de Clarkson (1939) e Roberts (1992), Del Priore e Venâncio (2010), Rago (2011), Queiroz (2018) para abarcar a prostituição no contexto histórico da humanidade aos dias atuais e, assim, compreender por que mulheres migrantes venezuelanas acabam optando pela prostituição como profissão ao adentrarem no Brasil. Em Foucault (1988), alicerço-me em uma abordagem sobre a sexualidade pelo fato de o autor entender que ela contribui na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, pois, para ele, a sexualidade é fator essencial na questão da identidade. Ao se analisar a relação da prostituição com o prazer e o labor, os estudos de Rago (2011) e Soares *et al.* (2015) estabelecem a afinidade de trabalho e prazer na profissão de prostituição, enquanto Pelúcio (2005), Barrero (2005), Olivar (2010), Corrêa e Holanda (2012), Piscitelli (2013), Lopes (2022), Arruda-Barbosa et al. (2023) relacionam o aspecto labor e sexo da prostituição como ofício.

Metodologicamente, com os dados gerados, este estudo é de natureza qualitativa e descritiva, pois essa abordagem busca “aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação” (Guerra, 2014, p. 16). Para Hammersley (2013), essa forma de investigação social além de adotar um design de pesquisa flexível e orientado a dados, usa dados relativamente não

estruturados, enfatiza o essencial papel da subjetividade no processo de pesquisa e estuda em detalhes um pequeno número de casos que ocorrem naturalmente e que usa formas verbais de análise.

Este estudo também se enquadra na análise de narrativa, que tem como um dos métodos o uso da entrevista narrativa. Por isso, para gerar os dados, usamos entrevistas narrativas gravadas, pois estas permitem o surgimento de histórias de vida, tanto do entrevistado como das entrecruzadas no contexto situacional, além de esse método estimular o entrevistado a fazer relatos sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.

Neste estudo, uso o método da entrevista narrativa, sem direcionamento de tópico. Para Mishler (1999), a entrevista é um evento social, no qual o entrevistado constrói com o entrevistador o discurso produzido na situação de entrevista. Além disso, cria-se a oportunidade de produzir *replayings*⁷ (Goffman, 1974), que muito nos podem dizer a respeito de quem são, e de como se posicionam os narradores no mundo que os cerca, possibilitando, assim, além de outros elementos, a compreensão “de como as pessoas produzem avaliações sobre o mundo e como gerenciam suas identidades sociais em contextos de entrevista específicos” (Bastos; Santos, 2013, p. 11).

Este estudo está estruturado em cinco capítulos: no Capítulo I – *Além da fome, há o recomeço*, apresento o conceito de migrante, com a distinção entre migrante e refugiado, a partir da Lei nº 13.445/2017, a Lei de Migração. Discuto o percurso histórico das questões migratórias, especialmente no contexto brasileiro e seus fluxos, e exponho dados sobre a crise e o fluxo migratório de venezuelanos, com foco em Roraima. O Capítulo II – *Quando há corpo, há fome*, aborda a prostituição, particularmente a atuação das mulheres venezuelanas migrantes como profissionais do sexo, seja por escolha ou necessidade. No Capítulo III – *Das narrativas para a vida*, apresento a fundamentação teórica sobre as narrativas de vida, e discuto como servem para construir e interpretar as histórias das migrantes.

O Capítulo IV – *O percurso metodológico da pesquisa* descreve os procedimentos metodológicos adotados, o caminho percorrido e como os dados serão organizados para análise. No Capítulo V – *Ganhando o pão nas esquinas da vida*, analiso as narrativas de prostitutas migrantes venezuelanas, dialogando com suas histórias de vida, experiências de migração, identidade e a prática da prostituição nas ruas de Boa Vista. Por fim, nas Considerações Finais,

⁷ Para Goffman (1974, p. 506), as narrativas são *replayings*, ou seja, como uma reconstrução de eventos, não como uma mera reportagem de evento, mas como algo para ser reexperimentado, “experenciado, aprofundado e saboreado” não apenas para o narrador, mas também para a audiência, com o intuito de envolvê-la e nela produzir uma orientação específica diante do narrador.

apresento uma síntese das análises, destacando os principais achados em relação à migração, prostituição e identidade das migrantes venezuelanas, as limitações do estudo e as sugestões para futuras pesquisas sobre esses temas.

Ademais, ressalto de antemão que esse estudo não se pretende como verdade absoluta, fechada e finalizada; pelo contrário, trata-se de um convite para futuras pesquisas e indagações, a partir das histórias contadas e não contadas em que mulheres revelam suas experiências e seus posicionamentos no ambiente onde estão inseridas.

CAPÍTULO I – ALÉM DA FOME HÁ O RECOMEÇO

*Eu procurei entender
qual a receita da fome,
quais são seus ingredientes,
a origem do seu nome.
Entender também por que
falta tanto o “de comê”,
se todo mundo é igual,
chega a dar um calafrio
saber que o prato vazio
é o prato principal.*

BESSA, Bráulio. **Fome**. 09/04/2019.

Neste capítulo, trago uma abordagem conceitual sobre a migração e a diferença semântica entre migrante e refugiado, com base na Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, denominada Lei de Migração.

Apresento também o tema dos movimentos migratórios, com ênfase nos deslocamentos que ocorrem com a entrada de venezuelanos para o Brasil, especificamente para o Estado de Roraima, dando destaque às causas que fazem essas pessoas deixarem seu país de origem em busca de uma vida melhor em outras terras longe da sua terra natal. Completo essas informações trazendo a realidade que desencadeia o fluxo migratório para o Brasil.

1.1 Um conceito fundamental: migrante ou refugiado?

Nesta tese, é essencial conceituar a expressão-chave da pesquisa: *migrante*, em vez de *emigrante*, como é abordado nos estudos geográficos. No campo linguístico, há uma distinção clara entre os termos *migrante*, *emigrante* e *imigrante*.

De acordo com o dicionário Michaelis *online*⁸, entende-se por migrante a pessoa “Que ou aquele que migra”. Por emigrante tem-se como definição “Que ou pessoa que deixa ou deixou seu país para viver em outro; emigrado”. No caso de imigrante, tem-se “Que ou aquele que imigra; que ou aquele que vem estabelecer-se em um país estrangeiro; meteco”. Mas, ao se pesquisar o significado de “migração”, esse dicionário conceitua como “Movimentação de um povo, ou de um grande número de pessoas, para um país diferente, ou a uma região diferente

⁸MIGRAÇÃO. *Michaelis on line*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/migra%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 17 de dez. de 2022.

dentro desse mesmo país, geralmente motivada por razões políticas ou econômicas; inclui a imigração (movimento de entrada) e a emigração (movimento de saída)”.

Esclarece-se que o emprego da palavra *migrante* é o conceito utilizado pela Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, denominada de Lei de Migração, para identificar também o estrangeiro que adentra ao território brasileiro, não só no caso de venezuelanos, mas de haitianos, sírios e outros povos. Nessa Lei, fica evidente a distinção entre imigrante, emigrante, residente fronteiriço, visitante e apátrida, como se verifica abaixo:

CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Seção I

Disposições Gerais

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante.

§ 1º Para os fins desta Lei, considera-se:

I - (VETADO);

II - imigrante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil;

III - emigrante: brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior;

IV - residente fronteiriço: pessoa nacional de país limítrofe ou apátrida que conserva a sua residência habitual em município fronteiriço de país vizinho;

V - visitante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que vem ao Brasil para estadas de curta duração, sem pretensão de se estabelecer temporária ou definitivamente no território nacional;

VI - apátrida: pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, promulgada pelo Decreto nº 4.246, de 22 de maio de 2002, ou assim reconhecida pelo Estado brasileiro (Brasil, 2017, Art. 1º).

Diante dos conceitos etimológicos e jurídicos acima, fica mais compreensível o uso da palavra migrante e não emigrante no contexto desta pesquisa. Desse modo, não se terá um uso equivocado desse termo. E, para compreender melhor o contexto migratório, faz-se mister entender esse percurso histórico.

Tanto a Lei nº 9.474/2017, quanto o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)⁹, mostram a contenda entre os termos *refugiado* e *migrante*, muito confundidos entre si. Existe alguma diferença entre eles? E essa diferença é importante? Sim, esses dois termos têm significados diferentes e confundi-los acarreta problemas para ambas as populações.

No site do ACNUR¹⁰, tem-se a seguinte conceituação para refugiados:

⁹ACNUR. **Refugiado ou Migrante?** O ACNUR incentiva a usar o termo correto. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/> Acesso em: 17 de dez. de 2022.

¹⁰ Idem.

Os refugiados são pessoas que deixaram tudo para trás para escapar de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos, e então se tornarem um 'refugiado' reconhecido internacionalmente, com o acesso à assistência dos Estados, do ACNUR e de outras organizações. São reconhecidos como tal, precisamente porque é muito perigoso para eles voltar ao seu país e necessitam de refúgio em algum outro lugar. Para estas pessoas, a negação de uma solicitação da condição de refugiado pode ter consequências vitais (ACNUR, 2015).

A Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 e determina outras providências, tem o seguinte esclarecimento jurídico:

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (Brasil, 1997, Art. 1º).

Pelo instituto jurídico, verifica-se que os refugiados são forçados a deixar seu país, porque a vida ou integridade física corre risco; não podem voltar a seu país de origem; não contam com proteção do país de origem; possuem direito de flexibilização de exigências documentais no Brasil; dependem de ato declaratório do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão do Ministério da Justiça e Segurança Pública, conforme preconiza a Lei nº 9.474/97. No Brasil, o processo de refúgio é submetido ao CONARE para ser analisado e decidido por ele. Aprovada a condição de refugiado, a pessoa passa a ter uma autorização de residência por tempo indeterminado, com embasamento legal pelo refúgio.

Desse modo, a Lei nº 9.474/97 e ACNUR entendem por refugiados as pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política, ou pertencimento a um determinado grupo social e que não podem ou, em virtude desse temor, não querem valer-se da proteção desse país, ou que, se não têm nacionalidade e se encontram fora do país no qual tinha sua residência habitual (apátridas) em consequência de tais acontecimentos, não podem ou, devido ao referido temor, não querem voltar a ele. Há, ainda, pessoas que estão fora de seu país de origem devido a conflitos, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de proteção internacional. Desse modo, é considerado refugiado quem foi forçado a se deslocar, conta com a proteção internacional e o princípio da não-

devolução, ou seja, não poderá voltar ao país de origem ou onde morava antes por significar um risco à sua vida.

O termo migrante utilizado nesta pesquisa encontra suporte na Lei de Migração, para designar o deslocamento voluntário com pretensão de fixar residência, podendo, porém, retornar a seu país de origem sem riscos. Para ACNUR, tem-se o seguinte conceito:

Os migrantes escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões. Diferente dos refugiados, que não podem voltar ao seu país, os migrantes continuam recebendo a proteção do seu governo (ACNUR, 2015).

As diferenças semânticas entre migrante e refugiado são importantes para os governos, pois os migrantes são tratados conforme a legislação de imigração de cada país, enquanto os refugiados estão sujeitos às normas de refúgio e proteção, tanto em leis nacionais quanto no direito internacional. Os países têm responsabilidades específicas em relação às pessoas que solicitam refúgio em seu território ou nas suas fronteiras.

No Brasil, como se disse acima, o processo de refúgio é submetido ao Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão do Ministério da Justiça e Segurança Pública, analisado e decidido por ele. Aprovada a condição de refugiado, a pessoa passa a ter uma autorização de residência por tempo indeterminado, com embasamento legal pelo refúgio.

Embora o refúgio seja uma proteção legal internacional, e, no Brasil, a Lei nº 9.474/97 determine como essa proteção é aplicada e como se reconhece a condição de refugiado, nem todos migrantes são considerados refugiados. Entretanto, algumas portarias preveem autorização de residência para algumas nacionalidades específicas, como é o caso dos haitianos, que, em geral, não costumam ser reconhecidos como refugiados, pois a Lei de Refúgio não prevê reconhecimento para pessoas que passaram por desastres naturais como ocorreu com eles. Outros povos como os sírios (afetados pelo conflito armado na República Árabe), e os afegãos (afetados pela situação de grave ou iminente instabilidade institucional, de grave violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário) podem requerer junto ao CONARE o visto temporário e a autorização de residência para fins de acolhida humanitária (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2024).

O papel do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, portanto, é ajudar os países a cumprirem suas responsabilidades de refúgio e proteção. Assim, o ACNUR aconselha a não confundir *refugiado* e *migrante*, porque isso pode gerar sérias consequências para a vida e para a segurança dos refugiados. Para esse Alto-Comissariado, misturar esses

termos desvia a atenção das salvaguardas legais específicas e pode prejudicar o apoio público aos refugiados e à instituição do refúgio, num momento em que mais refugiados necessitam dessa proteção. No estudo em tela, usa-se a temática da migração por ser esta a realidade dos venezuelanos que chegam a Roraima.

1.2 A migração: percurso histórico

Neste século XXI, o fenômeno do processo de migração está muito mais presente na realidade do mundo globalizado. Países que não tinham grandes problemas de migração em massa como o Brasil passam a despontar para o cenário nacional com a vinda de venezuelanos ao país, tendo como porto de entrada o Estado de Roraima.

A migração não é exclusividade dos seres humanos, pois também ocorre com alguns animais, como as gazelas, zebras, e gnus nas planícies da África Ocidental, principalmente em regiões como o Serengeti, na Tanzânia, na direção noroeste da famosa Reserva do Masai Mara, e no Quênia, que vão em busca de melhores pastos. O que diferencia a migração dos animais da dos seres humanos são os motivos pelos quais estes últimos migram de sua terra natal para outras localidades.

Os livros de História, por exemplo, *Pré-História* de André Leroi-Gourhan¹¹, mostram que, desde a pré-história, os hominídeos eram nômades e que a necessidade de sobrevivência os levava a se deslocarem pelo espaço terrestre com o início da humanidade em grandes movimentos migratórios em busca de comida e da coleta de alimentos. Com o passar dos tempos, os deslocamentos reduziram o aparecimento da prática da agricultura e da pecuária, fazendo os humanos fixarem território.

Verifica-se que as migrações ou movimentos migratórios sempre aconteceram por diversos motivos que envolviam desde causas naturais, como fenômenos atmosféricos que assolavam a terra – chuvas intensas, furacões –, causas sociais, como problemas políticos, guerras, crises econômicas etc.

Com base nos estudos de Gonçalves (2001), existem três variáveis para classificar os tipos de migrações: o espaço de deslocamento, o tempo de permanência do migrante e como se deu a migração. Quanto ao espaço de deslocamento, as migrações são classificadas como internas ou externas. A migração externa é aquela em que o indivíduo, ou grupo de pessoas, sai de seu país ou território natais com destino a outro diferente de seu contexto sociocultural,

¹¹ LEROI-GOURHAN, André. *Pré-História*. São Paulo: Pioneira/USP, 1981.

natural e familiar. A migração interna acontece dentro do próprio território do indivíduo, ou grupo, no qual possui identidade política e cultural.

Quanto ao tempo de permanência do migrante, as migrações podem ter caráter definitivo ou temporário. Ocorre a migração definitiva quando o indivíduo migrante passa a residir permanentemente no local para o qual migrou. A migração temporária ocorre quando o migrante reside apenas por um período pré-determinado no lugar para o qual migrou, como é o caso dos boias-frias, no Brasil.

De forma geral, Gonçalves (2001) expõe que as migrações ocorrem de forma espontânea ou forçada. Na migração espontânea, o sujeito realiza esse ato de forma espontânea para outra região, seja por motivo pessoal, econômico, político ou cultural. Por outro lado, a migração forçada ocorre quando a pessoa é obrigada a migrar de seu lugar de origem para outro em decorrência de catástrofes naturais, por exemplo, como ocorreu no final do século XIX, no nordeste brasileiro, em decorrência da seca. A migração forçada ocorre por fatores externos para fugir de necessidades extremas, como a falta de oportunidades, conflitos armados e pobreza extrema, guerras, doenças, fome, catástrofes naturais, perseguições ou ainda forçosamente pela escravidão, prática muito comum entre conquistadores e conquistados, conforme Gonçalves (2001, p. 1) nos explicita:

As migrações costumam figurar como o lado visível de fenômenos invisíveis. Aparecem muitas vezes como a superfície agitada de correntes subterrâneas. Verdadeiros termômetros que, ao mesmo tempo, revelam e escondem transformações ocultas. Os grandes deslocamentos humanos, via de regra, precedem ou seguem mudanças profundas, seja do ponto de vista econômico e político, seja em termos sociais e culturais. Os maremotos históricos provocam ondas bravias que deslocam em massa populações e povos inteiros. Numa palavra, a mobilidade humana é em geral um sintoma de grandes transições. Quando ela se intensifica, algo ocorreu ou está para ocorrer, ou melhor, algo está ocorrendo nos bastidores da história.

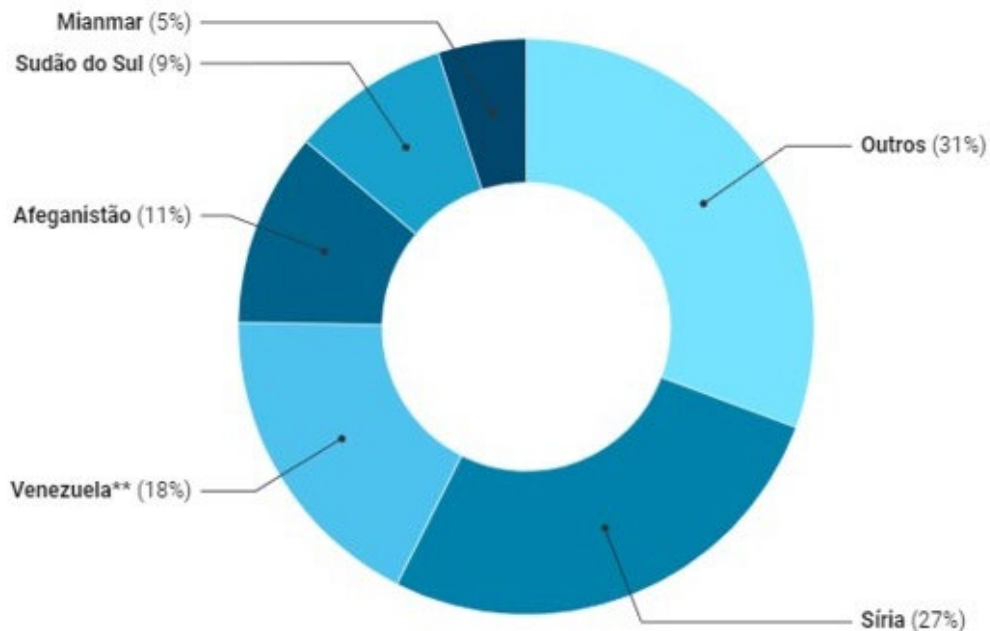
Outros exemplos de fluxos forçados de migração, conforme dados obtidos no site do ACNUR, são os casos dos refugiados que se veem impossibilitados de continuarem em seu país por alguma razão, normalmente ligada a perseguições étnicas, religiosas ou a qualquer outro tipo de conflito civil ou político, como ocorre em países como Afeganistão, Somália, Eritreia, Líbia e, principalmente, Síria.

Dados mais recentes do ACNUR, de 2023, mostram um aumento significativo no número de migração forçada. Mais de 117 milhões de pessoas migraram de seus países de origem devido a perseguições, conflitos, violência, violações de direitos humanos e eventos que perturbam seriamente a ordem pública. Esse dado representa um aumento de 8% em relação ao ano de 2022, com um acréscimo de 8,8 milhões de pessoas.

Esses dados do ACNUR mostram que 43,4 milhões de refugiados e outras pessoas necessitam de proteção internacional. Desse total, tem-se 31,6 milhões de refugiados sob a proteção do ACNUR; 5,8 milhões de outras pessoas necessitando proteção internacional; e 6 milhões de refugiados palestinos sob o mandato da United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA).

Os dados do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, de 2021, esclarecem que mais de dois terços (69%) de todos os refugiados (Mianmar, Sudão do Sul, Afeganistão, Síria e outros) e migrantes (venezuelanos) deslocados no exterior saíram apenas desses cinco países, como se observa na Figura 1.

FIGURA 1: Principais grupos migrantes no século XXI



Fonte: ACNUR/UNHCR Global Trends 2021.

Os dados do ACNUR (2023) revelam que os refugiados oriundos de Mianmar, Sudão do Sul, Síria, Afeganistão e outros, ameaçados pela grave guerra civil e pelo terrorismo do grupo Estado Islâmico, incluindo mulheres e crianças, arriscam suas vidas ao fugirem desses países com destino ao Oriente Médio e à Europa, enfrentando uma longa e perigosa travessia pelo Mar Mediterrâneo em embarcações precárias para chegarem a outros países nos quais eles possam recomeçar suas vidas.

Entretanto, não são somente a guerra e o terrorismo que favorecem a migração forçada. Muitas pessoas de países africanos e da Venezuela enfrentam uma migração forçada em decorrência da fome e da falta de oportunidades em seus respectivos países.

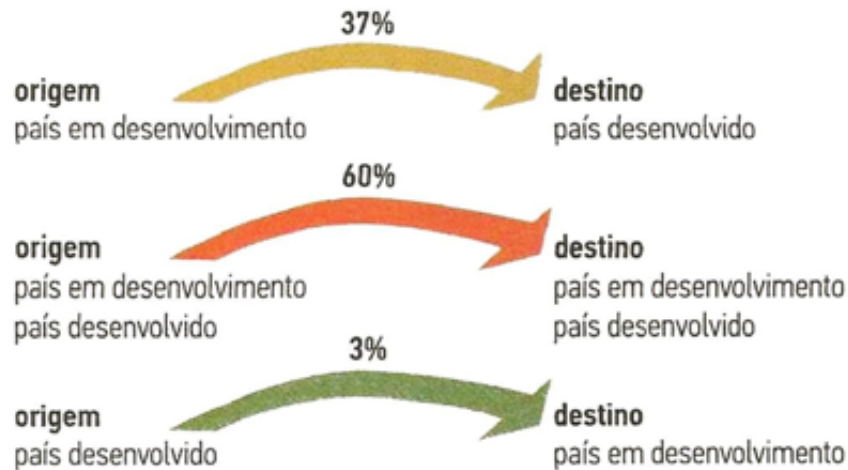
Os estudos de Gonçalves (2001) mostram que a mobilidade das populações é um fato reconhecido ao longo da história. Contudo, o século XXI contribuiu com outros fatores para que o processo migratório se acentue cada vez mais, assim como os avanços na tecnologia da comunicação beneficiaram a realização das viagens, o comércio entre os países, a instabilidade política, o desemprego e a pobreza em muitos países favoreceram a ocorrência da migração.

Para Botega (2017, p. 497-500), “a interface entre mobilidade social e migração internacional aparece na literatura a partir das trajetórias dos migrantes por algumas perspectivas”, como a incorporação no mercado de trabalho, a integração social no local de destino, estudo de remessas e projetos migratórios e de retorno. Para a autora, ao se estudar mobilidade social, é necessário compreender como ocorre o movimento migratório e se analisar “o lugar em que o indivíduo está ou o que ele tem, mas, sim, de onde ele vem, para onde está indo e em que medida está chegando lá” (Botega, 2017, p. 497). Por esse viés, Knowles (2017, p. 490) explica que há “muitas formas, pensar a mobilidade, essencialmente, quando se coloca em primeiro plano o movimento, a dinâmica, a inquietação, a emergência e a conectividade, (re)conceitualizando o mundo social e as formas como ele funciona”. Essas autoras mostram que a compreensão do processo de mobilidade leva em consideração fatores diversos, sejam eles espontâneos ou forçados.

As causas da migração podem, pois, ser políticas, econômicas ou naturais. A Organização Internacional para Migração (OIM), com o objetivo de fornecer informação sobre migrações para pesquisadores e tomadores de decisões, augura que uma em cada 35 pessoas é migrante em todo o planeta. Dados da OIM, de 2022, revelam que uma em cada trinta pessoas no mundo é um migrante. Em 2020, a OIM informava que aproximadamente 281 milhões de pessoas eram consideradas migrantes internacionais, uma quantidade equivalente a 3,6% da população mundial.

A Figura 2 traz dados que informam que 60% das migrações ocorrem tendo duas situações: a origem de países em desenvolvimento para países em desenvolvimento como ocorre com a migração de venezuelanos e haitianos para o Brasil. Outra situação ocorre tendo a origem em um país desenvolvido (Inglaterra) com destino a um outro país desenvolvido (Estados Unidos da América), reforçando a ideia de que essa é uma migração espontânea em decorrência econômica, como se visualiza abaixo:

FIGURA 2: Como ocorre o fluxo migratório no século XXI



Fonte: ACNUR/UNHCR Global Trends 2021.

O relatório da OIM (2024)¹² revela que as principais razões para pessoas migrarem internacionalmente são a necessidade de emprego, melhores salários, melhores condições de vida, existência de paz e estabilidade econômica e social. Nesse relatório, destaca-se que a migração internacional permanece sendo um impulsionador de desenvolvimento humano e crescimento econômico. Assim, os trabalhadores migrantes constituem a maioria dos migrantes internacionais do mundo, e a maior parte destes está vivendo em países desenvolvidos justamente para terem acesso ao mercado de trabalho. Segundo o relatório da OIM (2024), a maioria das migrações internacionais espontâneas ocorre pela busca de trabalho. As principais correntes migratórias emergem de Latino-Americanos, Africanos e Asiáticos em direção aos EUA, Europa e Japão.

O fluxo migratório espontâneo também acontece mesmo dentro do próprio território nacional, como ocorreu no Brasil, quando muitos nordestinos procuraram morar em grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo em busca de melhores condições de vida. No contexto atual, o relatório da OIM (2024) destaca que muitas das pessoas que migram espontaneamente têm razões econômicas, pois vão em busca de emprego, melhores salários ou remuneração paga em moedas fortes, como o dólar e o euro, por oportunidades de trabalho,

¹²OIM. **Relatório Mundial sobre Migração de 2024.** Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2024-05/world-migration-report-2024.pdf> Acesso em: 05 de ago de 2024.

reunião familiar e estudos. É o caso, por exemplo, de muitos brasileiros que migram para Portugal¹³.

Raczynski (1983) aponta pelo menos três pressupostos básicos sobre migração: os diferenciais de salário e de oportunidade de emprego entre áreas distintas; o cálculo racional do indivíduo em face de outros custos e utilidades entre a permanência e a mudança; e as correntes migratórias como somatórias das decisões individuais. Esses fatores, por exemplo, podem ser observados na migração de aproximadamente dois milhões de venezuelanos que buscam o Brasil como destino, e isso acaba se traduzindo em uma verdadeira crise humanitária. Dados da OIM (2024)¹⁴ revelam que aproximadamente 7,71 milhões de migrantes e refugiados venezuelanos já deixaram o país.

Ferreira (1986) e Salim (1992) estabeleceram uma discussão crítica das linhas explicativas do fenômeno migratório. Para Ferreira (1986), há uma visão comportamentalista nas possíveis atitudes dos indivíduos que, ao migrarem, por vontade própria, atendem aos apelos do mercado capitalista em busca de melhorar suas condições de vida e ganhos financeiros.

Salim (1992, p. 125) associa “o fenômeno social migração a outros fenômenos sociais que historicamente são determinados e que se relacionam a processos de mudança na estrutura da sociedade, da economia e da política que contextualizam sua dinâmica”. Para esse autor, ao analisar a migração como um fenômeno social, privilegia-se a livre decisão do indivíduo como determinação às variações em torno do comportamento do que se convencionou chamar de “capital humano”¹⁵.

Para Bourdieu e Wacquant (2000), no fenômeno migratório, há um paradoxo como duas faces de uma mesma moeda: presença/ausência, que não apenas unifica elementos opostos em um mesmo processo (regiões expulsoras e receptoras), mas também se inscreve numa realidade política, econômica, social e historicamente distinta. Isso pode ser comprovado no fato de uma pessoa ou família *ausente* de sua terra natal, mas *presente* em outra região é mais do que um simples deslocamento, pois é a transfiguração de um evento vital em um significado particular

¹³JORNAL CORREIO BRASILIENSE. **Vale a pena emigrar para Portugal?** Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2023/07/5107182-veja-se-vale-a-pena-migrar-para-portugal.html> Acesso em: 05 de ago. de 2024.

¹⁴OIM. **Venezuela (Bolivarian Republic of) Crisis Response Plan 2024.** Disponível em: <https://crisisresponse.iom.int/response/venezuela-bolivarian-republic-crisis-response-plan-2024>. Acesso em: 05 de ago. 2024.

¹⁵ A evolução histórica do capitalismo permitiu que principalmente as teorias neoclássicas admitissem as relações entre mercado e trabalho e bens e salários como fatores de deslocamentos migratórios em função da busca de emprego e renda. Dentro dessa abordagem, a industrialização seria um dos fatores explicativos para a migração para as cidades, a espacialização do desenvolvimento e o diferencial de renda das migrações interregionais (Menezes, 2001, p. 3).

na estrutura social na qual se insere a pessoa ou grupo familiar (alterações sociais profundas ocorrem tanto na origem como no destino). Esse deslocamento físico, segundo Sayad (1998), é também um deslocamento de poder, o poder de significação do evento na estrutura social, ou seja, o poder simbólico constitutivo do ato de migrar.

1.3 Brasil como um dos principais destinos de migrantes e refugiados

Diante da realidade de fluxo migratório cada vez mais acentuada no século XXI, a ONU, por meio do ACNUR, presente em 130 países, revela que o número de migrantes internacionais, já em 2015, alcançou a marca de 244 milhões representando um aumento de 41% em relação ao ano 2000, sendo 20 milhões deles formados por refugiados que procuram um país para se estabelecerem.

Em 2019, a Organização Internacional para Migrações contabilizou 272 milhões de migrantes internacionais, representando, na época, 3,5% da população global. Esses números representam um aumento de 23% na comparação com o ano de 2010, quando existiam 220,78 milhões de migrantes, ou seja, 3,2% da população global era migrante. Esses dados evidenciam o crescimento do processo migratório em relação aos anos anteriores, ou seja, um quantitativo de 200 milhões de pessoas acima da década de 70, quando o total de migrantes internacionais era de 2,3% da população mundial. Gradativamente, os dados oficiais mostram que as migrações evoluem com o decorrer dos anos (ACNUR, 2019).

Dados mais atualizados das Nações Unidas, no Relatório Mundial sobre Migração 2022, revelam que, em 2021, havia 281 milhões de migrantes internacionais (ONU, 2022). Em 2023, o ACNUR revela que, pelo menos, 25 milhões de pessoas foram forçadas a deixar suas casas em consequência de guerras e conflitos, com quase uma em cada cinco (19%) fugindo para outro país, como ocorreu nos ataques de Israel contra a Palestina que fizeram milhões de pessoas abandonarem suas casas (ONU, 2024).

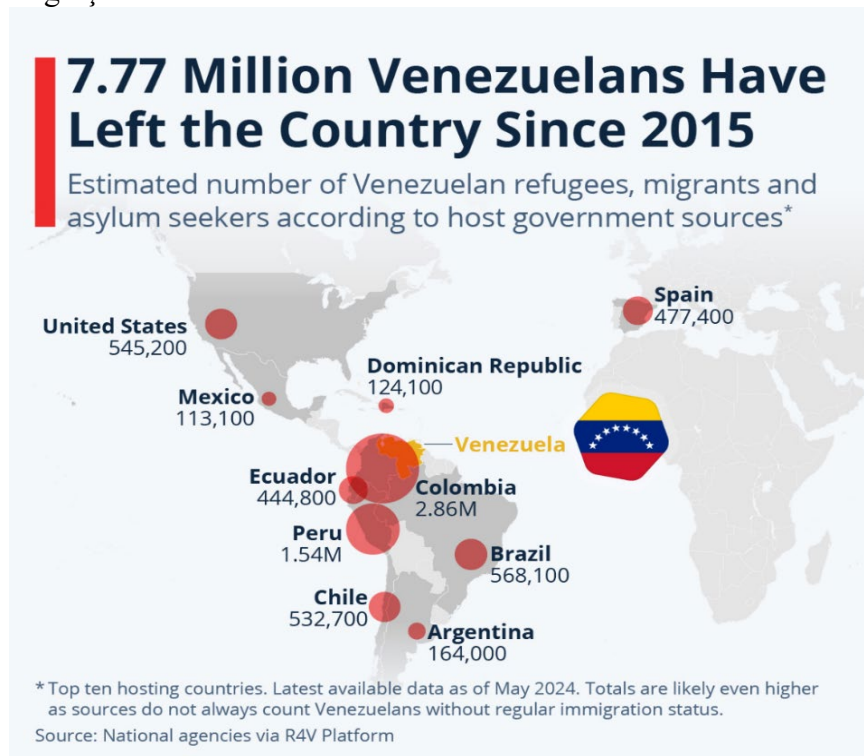
Se levar em consideração outros fatores para migração forçada além de guerras e conflitos, o ACNUR, em 2023, estimou um total de 117 milhões de migrantes forçados, com uma realidade cruel: 40% deles, ou seja, cerca de 47 milhões dessas pessoas seriam crianças. Essas informações estão em sintonia com os dados obtidos pelo ACNUR, junto ao Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra): em 2023, apontam que 70% do total de solicitações de asilo de venezuelanos foi feito por mulheres, e o total de 36,9% corresponde a meninas e meninos de até 15 anos de idade (ACNUR, 2023).

Neste século, como acontece em muitos países, como Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, o Brasil se tornou destino de muitos migrantes que veem o território brasileiro como oportunidade de uma vida melhor. Venezuelanos, bolivianos e haitianos que migram para o território nacional são atraídos por melhores condições de vida.

O atual quadro de adversidades econômicas, políticas e sociais no qual muitos países se encontram desencadeia altos índices de migração internacional. Esse fenômeno se transforma em uma urgente solução de sobrevivência para milhões de venezuelanos, que começaram a deixar o país em maior intensidade, como destaquei antes, a partir de 2015.

O Brasil acompanha a tendência mundial como receptor de migrantes. Cronologicamente, os dados da OIM de 2018 comprovam que, entre 2010 e 2015, a população de migrantes que vive no Brasil cresceu mais de 20%. Os dados da Plataforma de Coordenação Interinstitucional para Refugiados e Migrantes (R4V), que reúne informações do sistema das Nações Unidas e do governo brasileiro, informam que o Brasil é o terceiro destino mais procurado por esses migrantes para viver. De janeiro de 2017 a maio de 2024, o Brasil recebeu 568,1 mil venezuelanos que continuam a viver em terras brasileiras. Os demais países que mais receberam migrantes venezuelanos são, em primeiro lugar, a Colômbia, com 2,86 milhões de pessoas, seguida pelo Peru, com 1,54 milhão, como se visualiza na Figura 3.

FIGURA 3: Migração venezuelana na América Latina



Fonte: <https://www.statista.com/chart/28512/main-destinations-of-venezuelans/>. Acesso em: 23 de jan. de 2023.

Os dados da Figura 3 revelam que o Brasil se tornou um dos principais países de destino para os migrantes e os refugiados. O relatório do OBMigra, vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, de 2023, mostra que 143.033 pessoas estavam como refugiadas no Brasil. Esse dado comprova um aumento de 117,2% em relação ao ano de 2022. No que diz respeito à nacionalidade, os dados mostram que 97,5% dos migrantes são oriundos da Venezuela e outros 1,2% eram de cubanos (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2023). Embora no contexto mundial o número de mulheres que pediram asilo, em 2023, tenha sido maior do que os homens, ao se abordar o contexto brasileiro, os dados do OBMigra (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2023) mostram que os homens corresponderam a 51,7% do total de refugiados reconhecidos pelo Brasil, enquanto as mulheres representaram 47,6%. 44,3% do total de pessoas que tiveram o refúgio reconhecido eram crianças, adolescentes e jovens com até 18 anos de idade, acompanhando o crescimento da tendência mundial. Ademais, os dados do OBMigra (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2023) evidenciam o Brasil como principal rota de destino de haitianos e venezuelanos.

Em 2018, a OIM mostrava que 70% dos movimentos migratórios na América do Sul são intrarregionais, como ocorre com os venezuelanos, pois são migrantes que saem de seus países para outras nações e não mais para a Europa ou para os Estados Unidos, como acontecia antes. Os dados do OBMigra revelam o Brasil como um dos países que mais acolhe os migrantes e os refugiados na América Latina. Segundo o Atlas 2019 da Imigração, lançado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a cidade de Campinas, no estado de São Paulo, recebeu 31.747 registros ativos de haitianos entre 2009 e 2019, representando 33% dos mais de 107 mil haitianos que migraram ao Brasil após os onze anos da ocorrência do terremoto que devastou o Haiti. Ainda, de acordo com o Atlas 2019 da Imigração, a Venezuela é o segundo país, depois do Haiti, de onde as pessoas mais migram somente para a região de Campinas.

Oliveira (2019, p. 221) mostra que a migração venezuelana “se distingue de outros fluxos observados na região pela intensidade e velocidade com que ocorreram os deslocamentos”. O autor apresenta dados de que aproximadamente 5% desse povo migra constantemente desde 2014, sendo o Brasil um dos principais destinos na América Latina.

Em relação ao Brasil, os venezuelanos representam o maior percentual de migrantes para o país. Além do território brasileiro, outros países também recebem migrantes que deixam a Venezuela, de forma maciça, conforme dados da *National Agencies via R4v Platform* (2022),

como se visualiza na Figura 3. Esses dados mostram, de acordo com a BBC News (2024)¹⁶, que mais de 80% dos 7,7 milhões de migrantes venezuelanos que deixaram o país se estabeleceram em países da América Latina e do Caribe. Esses países, no entanto, já enfrentavam desafios significativos para oferecer serviços essenciais como saúde e educação a suas populações locais. Com a migração em massa proveniente da Venezuela, esses serviços têm se tornado ainda mais precários, agravando as dificuldades sociais e econômicas dessas nações.

O Brasil, conforme o CONARE, até agosto de 2024, recebeu cerca de 1.700.685 de migrantes, incluindo refugiados e solicitantes de refúgio de 55 países diferentes. Os venezuelanos representam 90% desse total. Ademais, de acordo com o Ministério da Justiça e Segurança Pública¹⁷ e o CONARE, mais de 450.752 mil solicitações de reconhecimento da condição de refugiado e não de migrante foram registradas no Brasil, tornando o país um dos principais destinos de migrantes e refugiados na América Latina.

O Brasil sempre esteve entre os países mais solidários em relação à questão migratória, posicionando-se entre os principais destinos de asiáticos e europeus. Ademais, as duas primeiras décadas do século XXI foram marcadas por importantes ondas migratórias de haitianos e venezuelanos que tiveram a região Norte como porta de entrada: os haitianos, cujo país foi devastado por um terremoto em 2010, adentraram principalmente pelo estado do Acre, e, mais recentemente, os venezuelanos chegaram pela fronteira terrestre com Roraima, fugindo da crise humanitária naquele país.

De acordo com o Relatório Anual do Observatório das Migrações (OBMigra), elaborado por Cavalcanti, Oliveira e Silva (2023), o perfil das nacionalidades de migrantes no Brasil passou por mudanças significativas nas últimas décadas. Entre 2010 e 2018, as principais nacionalidades de migrantes no Brasil eram, por ordem de frequência, haitianos, bolivianos, venezuelanos, colombianos, argentinos, portugueses, chineses e peruanos. Esse padrão refletia a dinâmica das migrações internacionais até aquele período, quando as movimentações migratórias eram, em grande parte, impulsionadas por questões econômicas, políticas e sociais de diferentes países da América Latina, além da crescente presença de migrantes vindos de outras regiões, como a Ásia e Europa.

¹⁶ BBC NEWS. **Quais países da América Latina recebem mais venezuelanos.** Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8x14rp2eplo>. Acesso: 24 de out. de 2024.

¹⁷ Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Migração no Brasil.** Boletim Informativo nº 4, outubro/2024. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/secretaria-nacional-de-justica-senajus/boletim-da-migracao-no-brasil_10102024_versao-agosto-final-10-out-2024-1.pdf Acesso em: 03 de nov. de 2024.

A partir de 2018, o perfil das migrações no Brasil começou a mudar drasticamente, especialmente com o agravamento da crise política e econômica na Venezuela. De acordo com os dados mais recentes, o número de migrantes venezuelanos aumentou de forma significativa, representando agora 39% do total de migrantes estrangeiros no país, o que os torna o grupo predominante. Além disso, mantiveram-se na lista de principais nacionalidades migrantes no Brasil: haitianos (14,7%), colombianos (7,7%), bolivianos (6,8%) e, surpreendentemente, uruguaios (6,7%). Isso indica que, apesar do aumento da imigração venezuelana, o Brasil ainda recebe migrantes de várias partes do continente e de países vizinhos.

Estima-se que mais de um milhão de migrantes venezuelanos vivam atualmente no Brasil, distribuídos em mais de 630 municípios em todo o território nacional. Essa presença massiva de venezuelanos, especialmente nos estados do Norte e Nordeste, como Roraima, Amazonas e Ceará, tem gerado desafios tanto para os migrantes quanto para as cidades e estados que os acolhem.

1.4 O contexto migratório em Roraima

A migração para o estado de Roraima é um fenômeno recente, impulsionado principalmente pelo grande fluxo de venezuelanos que buscam refúgio no Brasil devido à crise política, econômica e social que atinge a Venezuela. Por ser o estado brasileiro que faz fronteira direta com a Venezuela, Roraima, especialmente nos municípios de Pacaraima e Boa Vista, tem sido o ponto de entrada mais visível e intensificado para os migrantes. A cidade de Pacaraima, localizada na fronteira, tem visto um aumento considerável no número de venezuelanos que entram no Brasil, enquanto a capital, Boa Vista, se tornou o principal destino de acolhimento, abrigando uma grande parte da população migrante.

O impacto dessa migração em massa é perceptível nas ruas das cidades de Pacaraima, Boa Vista, e nos 15 municípios roraimenses. Silva e Sousa (2018) explicam que, entre os anos de 2015 e 2016, o aumento de migrantes em Roraima foi de 306,2%. Entre os anos de 2016 e meados de 2017, o aumento foi de 125,6%. Numa comparação entre 2015 e junho de 2017, o aumento foi de 816,7%.

Diversos fatores explicam esse intenso fluxo migratório para Roraima. A proximidade geográfica entre a Venezuela e o estado de Roraima é um dos principais elementos que favorecem a entrada de venezuelanos, uma vez que a fronteira entre os dois países é relativamente fácil de atravessar como se visualiza na figura 4. A proximidade do estado com o país vizinho, aliada à política de portas abertas adotada pelo Brasil, tem incentivado o fluxo

constante de migrantes. Outro fator importante que contribui para a migração para Roraima é a existência de redes de apoio estabelecidas por venezuelanos que já vivem no Brasil. Essas redes auxiliam na integração dos novos migrantes, oferecendo informações sobre o processo de regularização, além de ajudar na busca por emprego, abrigo e atendimento médico.

FIGURA 4: Fronteira do Brasil com a Venezuela



Fonte: <https://adonisnobrega.com/o-movimento-imigratorio-para-o-brasil-no-seculo-xxi/>. Acesso em: 25 de jan. de 2023.

A posição geográfica do Estado de Roraima desempenha um papel crucial no deslocamento de pessoas provenientes da Venezuela. Conforme ilustrado na Figura 4, Roraima faz fronteira com a Venezuela por meio de uma linha seca, sem a presença de rios ou lagos que dificultem o trânsito. Essa característica geográfica facilita o livre movimento de migrantes, permitindo que muitos venezuelanos atravessem a fronteira de maneira informal, utilizando principalmente rotas clandestinas.

A dinâmica de mobilidade se intensificou, especialmente durante o período de fechamento das fronteiras, que ocorreu como uma medida para conter a propagação da pandemia de COVID-19. Mesmo com as fronteiras fechadas, muitos migrantes continuaram a entrar no Brasil, enfrentando dificuldades para cruzar oficialmente a fronteira, fato que resultou

no aumento da migração irregular. Após a abertura das fronteiras, a migração de venezuelanos para Roraima se intensificou ainda mais.

A fronteira do Brasil com a Venezuela, no Estado de Roraima, é marcada somente por duas bandeiras que delimitam esses dois países. Isso faz com que milhares de venezuelanos adentrem a pé no Brasil sem nenhum impedimento geográfico ou jurídico, como se visualiza na Figura 5.

FIGURA 5: Entrada de venezuelanos em Roraima pela fronteira seca



Fonte: <https://noticias.r7.com/internacional/brasil-tem-maior-numero-de-pedidos-de-refugio-da-america-latina-20062018>. Acesso em: 26 de jan. de 2023.

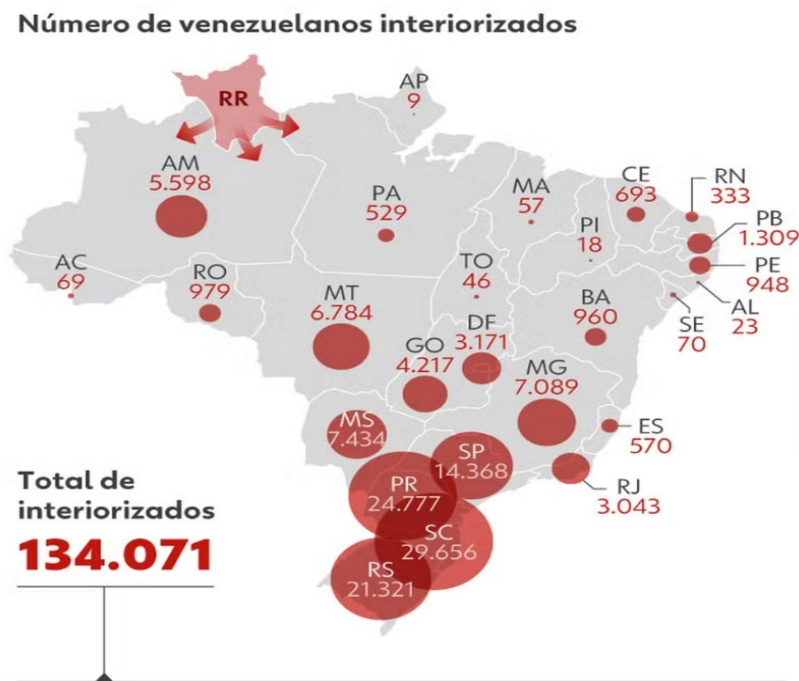
Outro ponto importante a ser destacado é o fluxo facilitado pela política brasileira em relação à entrada de migrantes venezuelanos. Essas pessoas não precisam de visto para adentrar no Brasil por meio do estado de Roraima. Isso representa um ponto crucial em sua decisão de migrar para o país. Além disso, esses migrantes podem permanecer no território brasileiro por até sessenta dias como turistas, sem a necessidade de regularizar sua situação imediatamente. Essa política de isenção de visto e a autorização para uma estadia temporária contribuem para que milhares de venezuelanos cheguem ao estado de Roraima, facilitando o acesso ao país sem grandes impedimentos burocráticos ou jurídicos.

Muitos venezuelanos vivem em estado de muita pobreza. As fronteiras dos dois países, como dissemos, favorecem a entrada desses migrantes sem muitos custos, pois eles podem

trazer suas coisas para Roraima e ficar em Pacaraima ou Boa Vista, até desfrutarem de condições de vida melhor. Ademais, com apoio da Operação Acolhida, de acordo com informações obtidas junto ao ACNUR, esses migrantes recebem o Bolsa Família do governo federal¹⁸ e o Aluguel Solidário, por um período de seis meses, da Prefeitura Municipal de Boa Vista. Desse modo, os migrantes têm um apoio social para serem atendidos no Brasil, como forma de amenizar a sua difícil situação financeira.

Dados do ACNUR revelam que Roraima tem três peculiaridades na entrada de migrantes venezuelanos: (a) os migrantes que utilizam o Brasil como um país de trânsito para outro país; (b) pessoas que desejam permanecer em Roraima; (c) e venezuelanos que querem permanecer no Brasil, mas não residir em Roraima. Muitos venezuelanos são interiorizados para outros estados da federação. O processo de interiorização é uma ação do governo federal que visa a integração dos venezuelanos que vivem em Roraima em outras partes do país e objetiva ajudar os migrantes a encontrarem novas oportunidades de emprego ou a se reunirem com familiares e amigos. Os dados da Operação Acolhida, na Figura 6, mostram que, em sete anos, 134.071 venezuelanos já foram interiorizados para os demais estados brasileiros.

FIGURA 6: Interiorização de venezuelanos no Brasil



¹⁸ Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Posto do Cadastro Único para migrantes e refugiados venezuelanos melhora atendimento em toda rede socioassistencial de Pacaraima (RR)**. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-contenudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/posto-do-cadastro-unico-para-migrantes-e-refugiados-venezuelanos-melhora-atendimento-em-toda-rede-socioassistencial-de-pacaraima-rr> Acesso em: 05 de ago. de 2024.

Fonte: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2024/07/21/busca-por-emprego-educacao-e-saude-o-raio-x-dos-9-anos-da-migracao-venezuelana-para-o-brasil.ghtml> Acesso em: 20 de out. de 2024.

Entretanto, de acordo com Silva e Sousa (2018) e dados oficiais do estado e dos municípios roraimenses, o grande fluxo de venezuelanos para Roraima, em especial para as cidades de Pacaraima e Boa Vista, tem ocasionado significativo crescimento das demandas locais. Sousa (2019) relata a sobrecarga dos serviços públicos no Estado decorrente da alta demanda de migrantes. No campo da saúde, Sousa (2019) cita o relato da diretora do Hospital Geral de Roraima (HGR), Marcilene da Silva Moura, ao explicar que, com a chegada dos venezuelanos, os medicamentos solicitados para atender a população durante todo o ano de 2018 se esgotaram em meados de agosto. Sousa (2019) continua explicando que essa área foi a mais impactada pelo fluxo migratório. Para a autora, doenças como sarampo e meningite, que já haviam sido eliminadas em território brasileiro, reapareceram, e Roraima apresentou quase 300 casos confirmados de sarampo até o dia 10 de agosto de 2018. Ademais, informações do 1º relatório da comissão externa da crise na fronteira da Venezuela com o Brasil, da Câmara dos Deputados, de 2019, mostram que ocorreu uma grande sobrecarga nos serviços de saúde do Estado, que já eram precários, e ficam mais difíceis para a população.

No que tange à educação, a Prefeitura Municipal de Boa Vista solicitou do governo federal verba para a construção de novas salas de aula com a finalidade de atender o número de venezuelanos que se matricularam nas escolas, pois a demanda por vagas ficou maior com a chegada deles a Roraima. Para Sousa (2019), o fluxo migratório de venezuelanos que se instalou no Brasil, principalmente no estado de Roraima, pode ser classificado como êxodo ou diáspora, que é a transferência permanente de povos de um lugar para outro. Ademais, a autora mostra os dados que apresentam grande número de migrantes que adentraram o território brasileiro, mas que não é possível confirmar com precisão o número de venezuelanos que permanecem em Roraima, pois muitos deles buscam uma nova vida em outros estados brasileiros ou até mesmo em outros países, tendo Roraima como a porta de entrada para esse sonho.

A migração venezuelana tem gerado um impacto significativo na segurança pública¹⁹ do estado de Roraima com o aumento no fluxo de migrantes. Entre os principais impactos estão o aumento da criminalidade e a sobrecarga das forças de segurança. A escassez de recursos e a falta de infraestrutura adequadas para lidar com um grande número de pessoas em situação de vulnerabilidade, muitas vezes sem acesso a trabalho formal, moradia digna ou serviços de

¹⁹ Jornal Folha BV. **Brasil está importando bandidos da Venezuela.** Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/colunas/brasil-esta-importando-bandidos-da-venezuela/> Acesso em: 24 de out. de 2024.

saúde, contribuíram para a escalada de violência. Aumento de furtos, assaltos, crimes de rua e até mesmo crimes mais graves, como homicídios e tráfico de drogas, foram observados nos últimos anos. Nesse aspecto, dados do 1º relatório da comissão externa da crise na fronteira da Venezuela com o Brasil, da Câmara dos Deputados, de 2019, revelam que:

a) Na área da segurança pública, com base nos dados fornecidos pela Secretaria Estadual de Segurança Pública, a partir de 2015 até a presente data, observa-se um aumento significativo dos casos de furto, roubo e lesão corporal, praticados por venezuelanos no Estado de Roraima, tendo o número de homicídios permanecido relativamente estável no período.

b) O aumento das citadas práticas delituosas refletiu-se no sistema prisional do Estado, que abriga, atualmente, 216 detentos de origem venezuelana. De acordo com a Secretaria de Justiça e Segurança Pública, a maioria dos venezuelanos reclusos incorreu nas condutas tipificadas na Lei nº 11.343, de 2016, e nos arts. 157 (roubo) e 121 (homicídio) do Código Penal. Nesse ponto, vale destacar o alerta desse órgão estadual para o estreitamento dos laços entre os criminosos nacionais e venezuelanos, o que pode favorecer o crime organizado transnacional, em particular o tráfico de armas e de drogas. (1º relatório da comissão externa da crise na fronteira da Venezuela com o Brasil, da Câmara dos Deputados, 2019, p. 54).

Diante dessa realidade, embora se leve em consideração o aspecto humanitário, o 1º relatório da comissão externa da crise na fronteira da Venezuela com o Brasil, da Câmara dos Deputados (2019, p. 4), ressalta que “a crise da Venezuela atinge diretamente o Brasil e, diante do seu agravamento e da necessidade de controle da situação, o Estado de Roraima, que já enfrentava situação difícil e de calamidade financeira, sofre as consequências da fuga de venezuelanos”. Isso é uma realidade que não pode ser esquecida.

Independente da forma como adentram no território brasileiro, os venezuelanos e outros migrantes têm o direito de serem resguardados e respeitados como cidadãos tais quais os brasileiros.

No próximo capítulo, explora-se a prostituição como uma profissão para as mulheres migrantes venezuelanas. Esse tema gera um conflito entre duas vertentes nos estudos. Primeiramente, sob a óptica dos movimentos feministas, busca-se entender por que essas mulheres optam pela prostituição ao chegarem ao Brasil, considerando a relação da prostituição com o prazer. Autoras como Pateman (1993), Raymond (2003) e Chesler e Hughes (2004) veem a prostituição como uma forma de opressão que submete a mulher a um papel de dominação e objetificação, sendo algo a ser combatido. Contudo, na perspectiva foucaultiana da sexualidade, conforme exposto por Foucault (1988), a abordagem é distinta. Foucault argumenta que a sexualidade não deve ser vista apenas como repressão, mas também como um fator central na formação da identidade. Ele defende que a sexualidade, entendida como uma forma de poder e prazer, pode contribuir para o desenvolvimento da identidade, oferecendo uma via para liberdade e expressão individual. Nesse sentido, para algumas mulheres, a prostituição pode

representar uma expressão de autonomia sexual, ressignificando o corpo e permitindo o exercício de poder sobre sua trajetória profissional.

A segunda vertente conflituosa nos estudos sobre prostituição refere-se à prostituição como trabalho. Alguns estudiosos, como Rago (2011), Soares *et al.* (2015), Rostagnol (2000) e Pasini (2005), defendem uma abordagem que vê a prostituição como uma atividade laboral legítima, em que a mulher utiliza o próprio corpo como um bem de trabalho, assim como qualquer outro trabalhador utilizaria suas habilidades ou força física para ganhar a vida. Para essas autoras, a prostituição não precisa ser encarada como uma prática moralmente condenável ou opressiva, mas como uma estratégia de sobrevivência que oferece uma forma de autossustento e independência econômica. Nesse sentido, a prostituição seria uma escolha consciente e racional para aquelas mulheres que optam por essa atividade como uma forma de garantir sua autonomia financeira e sua dignidade.

CAPÍTULO II – QUANDO HÁ CORPO, HÁ FOME

Prostituição ou outro qualquer nome,
 Por tua causa, embora o homem te aceite,
 É que as mulheres ruins ficam sem leite
 E os meninos sem pai morrem de fome!
 Augusto dos Anjos - Trecho de "As Cismas do Destino"

A prostituição, ao longo da história, recebeu várias explicações acerca dos motivos que mobilizam a mulher a tal prática, seja relacionada ao trabalho, ao prazer (Rago, 2011; Soares et al. 2015) e à patologia (Corrêa; Holanda, 2012). Neste estudo, procuro me ater às questões relacionadas à escolha da prostituição como trabalho pelas migrantes venezuelanas nas esquinas de Boa Vista/RR.

Mesmo sendo reconhecida como profissão no Brasil, a prostituição ainda possui um significado pejorativo e com forte valoração moralista. Os novos tempos marcam transformações sociais em que se evidenciam a diversidade, protagonismo feminino, o gênero, “meu corpo minhas regras”, mas, como pensar a prostituição nesse cenário de grandes conquistas sociais? Para uma melhor compreensão dessa temática, partimos do contexto histórico da prostituição, o reconhecimento como trabalho e a prática por migrantes venezuelanas na capital do Estado de Roraima.

2.1 A Linguística Aplicada e a prostituição

Neste capítulo, busca-se compreender a relevância da Linguística no estudo sobre a construção da identidade das prostitutas migrantes venezuelanas em Boa Vista. Como apontado por Fabrício (2006), o homem se constrói na linguagem e pela linguagem, sendo este o principal ponto de partida para a análise da dinâmica social e identitária das migrantes. Nesse contexto, a Linguística Aplicada oferece ferramentas essenciais para entender como essas mulheres negociam e constroem suas identidades, não apenas como migrantes, mas também como profissionais do sexo, em um ambiente de choque cultural e linguístico.

Qual a relação da Linguística Aplicada com a Prostituição? A Linguística Aplicada, conforme Moita Lopes (2013, p. 19), é “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central”. Portanto, a prostituição de migrantes venezuelanas envolve a linguagem em dois aspectos cruciais para a Linguística Aplicada. Primeiramente, essas mulheres são falantes nativas de espanhol e chegam ao Brasil, um país de

língua portuguesa, estabelecendo um desafio imediato de comunicação. Em segundo lugar, como profissionais do sexo, elas precisam se comunicar com clientes brasileiros que falam o português. Essa troca linguística é central para entender como as migrantes negociam sua inserção no mercado de trabalho sexual e, mais amplamente, sua adaptação à vida no Brasil.

A comunicação em português, além de ser um meio necessário de adaptação e sobrevivência, também se torna um fator fundamental na constituição das identidades dessas mulheres. No contexto multilinguístico e cultural de Boa Vista, elas mesclam a condição de migrantes, mulheres, prostitutas e falantes de uma língua estrangeira, em uma profissão que ainda carrega um forte estigma social. A Linguística Aplicada se preocupa com a linguagem em uso nas interações sociais, pois, como destaca Moita Lopes (2013, p. 18), ela é “o instrumento da construção do conhecimento e da vida social”. Nesse sentido, o estudo da linguagem dessas mulheres revela aspectos cruciais de suas experiências como migrantes e profissionais do sexo.

A prostituição é um tema que perpassa diversas áreas do conhecimento. Na Psicologia Social, por exemplo, Santos *et al.* (2008) abordam a prostituição com foco na saúde do trabalhador sexual. No Direito, Rodrigues (2009) discute o reconhecimento da prostituição como um “serviço de natureza sexual” e as implicações dessa classificação na legislação trabalhista. Pacheco (2015), por sua vez, investiga a estigmatização da prostituição, refletindo sobre essa atividade dentro das ciências sociais e jurídicas.

Na Linguística Aplicada, há um crescente interesse em estudar a prostituição como fenômeno de linguagem. Santos (2012), por exemplo, examina as estratégias linguísticas utilizadas por prostitutas na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, e Serra e Silveira (2024) analisam as denominações dadas às profissionais do sexo na região da Amazônia Legal Brasileira, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Esses estudos demonstram como a linguagem desempenha um papel essencial na construção da identidade das prostitutas, revelando como elas se posicionam socialmente e como se relacionam com seu trabalho.

A prostituição sempre gerou controvérsias e é considerada por muitos como uma atividade marginalizada e desvalorizada. No entanto, conforme aponta Rodrigues (2009), nas últimas décadas houve um movimento de ressignificação do ato de prostituir-se, embora o estigma ainda persista de forma contundente. Nesse sentido, a Linguística Aplicada tem um papel fundamental ao iluminar as narrativas de mulheres migrantes que se veem na prostituição como uma alternativa de trabalho, apesar de todos os preconceitos e estigmas sociais que envolvem a profissão.

Em relação ao gênero, é importante destacar que a prostituição feminina é muitas vezes associada à opressão e à objetificação do corpo da mulher. No entanto, os estudos de Moita Lopes (2001) e Ceccarelli (2011) apontam que a prostituição, quando analisada a partir de uma perspectiva socioconstrucionista, revela as múltiplas dimensões de poder, resistência e identidade que as mulheres constroem ao longo de suas trajetórias.

A relação entre a prostituição e a sexualidade não pode ser dissociada da análise das linguagens que as mulheres utilizam para negociar sua identidade e sua profissão. Assim, a Linguística Aplicada oferece um campo rico para analisar como essas mulheres constroem sua posição no mundo, como negociam seus corpos e suas vidas, e como fazem uso da linguagem para redefinir suas trajetórias no Brasil, especialmente em contextos urbanos de grande diversidade, como Boa Vista, onde o fluxo migratório de venezuelanas é intenso.

Ao estudar a prostituição de mulheres migrantes venezuelanas a partir da perspectiva da Linguística Aplicada, é possível ampliar o entendimento sobre as complexas relações de identidade, poder, linguagem e trabalho. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um elemento central na constituição e na reinvenção dessas mulheres, que, ao se estabelecerem em um novo contexto social e linguístico, negociam não apenas suas condições de trabalho, mas também suas identidades como mulheres, migrantes e profissionais do sexo. Esse enfoque interdisciplinar, ao considerar aspectos de sexualidade, trabalho e linguagem, permite uma compreensão mais profunda da prostituição como fenômeno social e da forma como ela é vivenciada e ressignificada pelas mulheres que a exercem, principalmente em contextos de migração e marginalização social.

2.2 Prostituição: trabalho, sexo ou prazer?

O conceito de prostituição é amplamente moldado pelos valores culturais e sociais das diferentes sociedades e contextos históricos. Ao longo do tempo, essa prática tem sido compreendida de maneiras variadas, refletindo as normas e ideologias predominantes em cada época.

Tradicionalmente, a prostituição tem sido associada ao comércio sexual, entendido como a troca de serviços sexuais por compensações financeiras ou materiais. Essa visão, comumente, restringe-se a mulheres que oferecem tais serviços, predominantemente para a satisfação de clientes masculinos. Entretanto, essa interpretação reflete uma construção histórica e cultural que, em muitos casos, ignora a complexidade e diversidade dessa prática.

Clarkson (1939, p. 296)²⁰ apresenta duas definições históricas que destacam a visão tradicional sobre a prostituição.

Vamos primeiro considerar a definição de uma prostituta. Rey (1851) a descreve como uma mulher que permite o uso de seu corpo por qualquer homem, sem distinção, mediante pagamento, feito ou esperado. Havelock Ellis diz praticamente a mesma coisa "Aquela que abandona abertamente seu corpo para vários homens, sem escolha, por dinheiro".

Todavia, essa concepção vai sendo moldada em conformidade com a evolução do pensamento cultural vigente em determinado local e época. Na atualidade, esse conceito se estende além das mulheres, pois há outras formas de prostituição: a prostituição homossexual e a de homens que alugam seus serviços para mulheres. Outro estigma que recai sobre a prostituição é o fato de ela ser considerada como a profissão mais antiga do mundo. Clarkson (1939, p. 296)²¹, no entanto, discorda dessa afirmativa apesar dessa profissão ser um capítulo antigo na história da civilização:

A origem da prostituição está intimamente ligada ao surgimento dos bordéis e ao desenvolvimento do sistema de amor livre. Já não são todas as raparigas, mas apenas algumas, que se oferecem aos frequentadores de "casas para homens". Esses poucos geralmente vivem em domicílios selecionados e são pagos por seus serviços sexuais. A "mulher comum" também se oferece a estranhos e viajantes, e esta pode ser a origem da "prostituta hospitaleira". Os juristas romanos sustentavam que a taxa não tinha nada a ver com prostituição. Era a mistura dos sexos, a falta de um vínculo individual entre homem e mulher e a gratificação universal e irrestrita da paixão sexual que eram suas características essenciais. A taxa é sempre contra *bonos mores* e não pode ser cobrada legalmente. O lado mercenário, tão proeminente hoje, é um fator secundário, resultante do desenvolvimento da civilização. A remuneração é apenas um corolário inevitável da consideração de que uma esposa é propriedade de um homem e, portanto, de valor definido.

Esse entendimento de que a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, na concepção de Rago (2011), contribui para a naturalização de um “fenômeno que, na realidade,

²⁰ Let us first consider the definition of a prostitute. Rey (1851) describes her as a woman who allows the use of her body by any man, without distinction, for a payment, made or expected. Havelock Ellis says practically the same thing "One who openly abandons her body to a number of men, without choice, for money." (CLARKSON, 1939, p. 296).

²¹ The origin of prostitution is closely connected with the rise of brothels and the development of the system of free love. No longer do all the girls, but only a certain few, offer themselves to the frequenters of "houses for men". These few generally live in selected domiciles and are paid for their sex services. The "common woman" also offers herself to strangers and travellers, and this may be the origin of the "hospitable prostitute". The Roman jurists held that the fee had nothing to do with prostitution. It was the mingling of the sexes, the lack of an individual bond between man and woman and the universal and unrestrained gratification of sex passion that were its essential features. The fee is always contra *bonos mores* and not legally collectable. The mercenary side, so prominent today, is a secondary factor, resulting from the development of civilization. Remuneration is only an inevitable corollary of the consideration that a wife is the property of a man and therefore of definite value. (CLARKSON, 1939, p. 296).

é cultural e histórico, mas não necessário e insolúvel". Del Priore e Venâncio (2010) mostram a prostituição como uma das mais antigas profissões do mundo com base em relatos de sua existência desde a antiguidade, quando mulheres eram oferecidas como boas-vindas a visitantes. Soares et al. (2015) dizem que a prostituição sempre esteve relacionada à promiscuidade, imoralidade e libertinagem, provocando, na sua essência, preconceitos que, obrigatoriamente, diminuem a condição da pessoa como ser humano. Para Clarkson (1939, p. 296), a prostituição era vista como um mal de todos os tempos e países, e que nunca será exterminado:

"A profissão da prostituição", diz Parent-Duchatelet (1836), "é um mal de todos os tempos e de todos os países, e parece ser inata na estrutura social da humanidade. Talvez nunca seja totalmente erradicada; ainda mais devemos esforçarmos para limitar sua extensão e seus perigos. Com a própria prostituição, como com o vício, o crime e a doença, o professor de moral se esforça para evitar os vícios, o legislador para impedir o crime, e o médico para curar a doença. Nunca atingirão totalmente seu objetivo; mas eles continuam seu trabalho, na convicção de que aquele que faz apenas um pouco de bem ainda presta um grande serviço ao homem fraco (tradução nossa)²².

Independentemente dos pensamentos divergentes, é importante refletir sobre essa profissão e compreender a história existente por trás de cada prostituta. A historicidade e as narrativas fazem com que se descubram as verdades escondidas por trás desse ofício, como recomenda Rago (2011, p. 224), pois:

historicizar o acontecimento e problematizar a experiência, por mais dolorosos e difíceis que possam ser, são possivelmente maneiras de se aproximar dessas realidades, enfrentá-las e, quem sabe, encontrar novos elementos para lidar e responder a elas de uma maneira mais eficaz e construtiva.

Estudar os fatos para compreendê-los é um dos objetivos dos pesquisadores, por isso muitos procuram estudar essa profissão que fascina e escandaliza, que encanta e ojeriza, que desperta interesses e aversões. Van Doorninck (2002) questiona a ideia comum de que a prostituição é a "profissão mais antiga do mundo". Ela observa que essa afirmação está presente em várias culturas e línguas, mas ressalta que não há uma explicação clara sobre a origem dessa crença. Apesar da dúvida sobre a razão de tal denominação, Van Doorninck reconhece que,

²² "The Profession of prostitution," says Parent-Duchatelet (1836), is an evil of all times and all countries, and appears to be innate in the social structure of mankind. It will perhaps never be entirely eradicated; still all the more must we strive to limit its extent and its dangers. With prostitution itself, as with vice, crime and disease, the teacher of morals endeavours to prevent the vices, the lawgiver to prevent the crime and the physician to cure the disease. All alike know that they will never fully attain their goal; but they pursue their work none the less, in the conviction that he who does only a little good yet does a great service to the weak man (Clarkson, 1939, p. 296).

historicamente, a prostituição é uma atividade realmente antiga, conforme evidências encontradas ao longo da história.

Queiroz (2018) informa que a prostituição começou ainda na Pré-História, em um tempo em que os únicos deuses existentes trajavam roupas de mulher ou então nenhuma vestimenta. Nesse período, a autora firma que os valores vigentes eram bem menos moralistas, não havia sociedades patriarcais, o sexo não era condenado moralmente pela religião, mas consagrado como meio de elevação do espírito, já que o culto da Deusa²³ era a regra entre os seres humanos. Assim, Queiroz (2018) ressalta que as primeiras prostitutas foram sacerdotisas xamânicas em sociedades nômades e organizavam rituais sexuais de que toda a comunidade participava. Nesse contexto, as prostitutas sagradas eram pagas pelos seus serviços, pois elas não recebiam dinheiro.

De acordo com Queiroz (2018), uma prostituta chamada Shamhata, por exemplo, tem um papel importante na lenda suméria de Gilgamesh, a mais antiga narrativa épica do planeta (2500 a.C.). Os primeiros registros sobre as prostitutas datam dos assírios, em 1100 a. C. De acordo com os relatos de Roberts (1992), os assírios organizaram as primeiras Leis para reger a conduta das prostitutas, orientando-as nos trajes que deveriam usar. Essas regras as proibiam de se vestir como as esposas o faziam. Nesse caso, elas não deveriam usar véu, pois este era um símbolo da submissão da esposa ao marido. Caso a norma fosse descumprida, elas receberiam 50 chibatadas e teriam piche derramado sobre suas cabeças.

Hugues (1983) diz que, na Grécia Antiga, há poucos relatos que explicitam a prostituição feminina, visto que a sexualidade da mulher era ofuscada pela pederastia (relação entre homens maduros e jovens). Nesse contexto, Marcondes (2000) explica que, nessa época, a mulher é revelada como incompleta ou imperfeita perante o sexo masculino; era mais direcionada para a maternidade e para o lar. Os sentimentos do prazer e do eros caminhavam lado a lado e se apoiavam na ética, no controle sobre si mesmo, na continência.

Na Idade Moderna, de acordo com Foucault (1988, p. 21), a sexualidade era controlada pela Igreja, com a confissão, e posteriormente com a intervenção médica e política. Nessa concepção, a visão da prostituição é tida como uma atividade imoral e, no decorrer da história, as prostitutas passam a ser vistas como mulheres que envergonham as suas famílias. Silva (2018) esclarece que essas mulheres são frequentemente identificadas como “sujas”, “corrompidas” e “atrevidas”. Silva (2018, p. 36) faz um importante alerta sobre a maneira como

²³ O reinado da Deusa, na Pré-história, está relacionado aos “cultos de fertilidade”, que durou cerca de 25 mil anos. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/breve-historia-da-prostituicao-da-puta-sagrada-a-devassa-pecadora/> - Breve história da prostituição: da puta sagrada à devassa pecadora. Acesso em: 18 de mai. de 2024.

as prostitutas são vistas ao longo do percurso histórico, pois “não se pode esquecer que essas mulheres são seres humanos que têm sua própria voz e cuja presença tem adentrado diversos contextos em busca das rédeas do discurso”. Por isso, as narrativas dessas mulheres podem ajudar a compreender o porquê de sua escolha em ter a prostituição como profissão.

A partir do século XVIII, Birman (1997, p. 111) relata que, “para se dedicar à maternidade, a mulher deveria abrir mão das qualidades da feminilidade, já que eram consideradas de caráter negativo”. Desse modo, a sensualidade feminina passa a ser disciplinada. Segundo Birman (1997), no século XIX, as diversas práticas que direcionavam à educação sexual procuravam extinguir o que existia de feminilidade na mulher e somente transparecer a maternidade, o papel da esposa casta e fiel. Entretanto, as prostitutas, que eram marginalizadas para os papéis de mãe, esposa, santa, virgem, fiel, passam a ser vistas pela sociedade como mulheres egoístas, infiéis e com ausência de castidade, por vivenciarem a sexualidade de forma livre. Segundo Birman (1997, p. 111), “A prostituição seria a materialização da inexistência de qualquer decência na mulher, a indecência feita carne indicando, pois, a decadência feminina por excelência, à medida que a maternidade estaria ausente de seu horizonte existencial”.

Nesse cenário, em que as mulheres “honestas” eram castradas de sua sexualidade, Birman (1997, p. 112) esclarece que a prostituta, em posição social aviltante e pejorativa, passa a ter a concepção social de que a ela se reserva o prazer no mercado do sexo e assim oferecer o prazer sexual aos homens de forma controlada e disciplinada. Em decorrência disso, elas atendiam seus clientes em um local determinado e eram submetidas ao controle médico para evitarem as doenças venéreas e poderem exercer seus trabalhos sexuais sem riscos. Assim, conforme os estudos de Pateman (1993), Raymond (2003) e Chesler e Hughes (2004), ocorre a configuração da opressão de gênero ao revelar que a prostituta se torna um objeto de dominação masculina ao passar a imagem de mulher à venda.

Silva e Capelle (2015) discutem que a prostituição é entendida como parte de um sistema de trabalho historicamente considerado marginal. O trabalho de natureza sexual existe, como se disse acima, desde muito tempo atrás, e continua a ser exercido por mulheres e homens em diversas faixas etárias, classes sociais e religiões. Rodrigues (2009) diz que, nas últimas décadas, há um movimento no sentido de uma ressignificação do ato de prostituir-se, contudo o estigma ainda permanece forte. Mesmo ainda sofrendo estigmas, a prostituição é uma profissão legalmente reconhecida. Mas o que faz muitas mulheres escolherem ser prostitutas? Como perpassa o tripé trabalho, sexo e prazer nesse exercício profissional?

Primeiramente, para compreender as nuances desse tripé, é importante esclarecer que, no século XX, há um processo de desconstrução em vários segmentos de estudos de conceitos perpetuados no passado, como é o caso da visão sobre a prostituição. Em âmbito político-acadêmico, tem-se a decolonialidade como o reconhecimento de múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais e reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder. Esse processo também perpassa a visão da mulher na sociedade.

Nos estudos de bell hooks, há discussão sobre o racismo e o sexismo presentes no movimento pelos direitos civis e no movimento feminista. hooks (2020), em seus estudos sobre decolonialidade, defende que o amor é mais do que um sentimento, pois ele é uma ação capaz de transformar o niilismo (corrente filosófica que acredita no vazio, e o seu conceito é fundamentado na subjetividade do viver), a ganância e a obsessão pelo poder que ainda dominam nossa cultura. Essa visão faz com que muitas mulheres desconstruam o conceito de amor e sexo na atual conjuntura.

Na escolha da profissão de prostituta, há muitas controvérsias entre as causas e os motivos que levam a mulher a essa decisão. Barreto (2008) esclarece que as mulheres que se prostituem possuem diversos olhares em relação à prostituição. Para algumas é uma escapatória, para outras, é um trabalho, para outras, é prazer e sexo. Lacerda (2013) debate a profissão de prostituta como um princípio libertário da mulher em fazer suas escolhas, o que coaduna com os estudos sobre decolonialidade e os movimentos feministas. A concepção de Kinnel e Griffiths (1989), O'Connell-Davidson (1995) e McKeganey e Barnard (1996) é ver a prostituição também pelo viés feminista, pois corresponde à fragmentação da dualidade sexo/emoção quando essas mulheres separam no exercício profissional de prostituta que o sexo (corpo) não está imbricado a emoção (mente). Gonzalez (1984), Andrade e Teixeira (2012), Kerner (2012), Brah e Phoenix (2017) e Serra e Silveira (2024) opinam que ser prostituta não desconstrói o protagonismo como mulher e feminista na sociedade.

Direcionando-se mais para o viés laboral da prostituição, Barreto (2008) mostra que a escolha pela prostituição como trabalho é vista de diferentes formas pelas prostitutas: trabalho, prazer sexual, ganhar dinheiro mais rápido, necessidades econômicas, questões familiares, dentre outras. De acordo com Bruns e Gomes (1996), a prostituta é frequentemente percebida não como uma pessoa, mas como um objeto sexual. Essa visão implica que a relação entre a prostituta e o cliente é puramente profissional, na qual o sexo é tratado como um produto. Nesse contexto, o ato sexual se dissocia de qualquer envolvimento afetivo, configurando-se apenas como uma prestação de serviços.

Ainda na relação da prostituição com o aspecto laboral, Olivar (2010) ressalta que a prostituição não é uma atividade como outra qualquer visto que transpõe a troca comercial e a condição de trabalho, mas também perpassa os campos da cultura, da nomenclatura e seus pesos, da corporeidade e os campos da prática e da experiência. Matos (2000) visualiza a prostituição como atividade que gera renda e como forma de trabalho. Moraes (1995) esclarece que muitas prostitutas exercem o ofício como forma de amparar melhor a família. Reis (2021) compactua que escolher ser prostituta para muitas mulheres é a única opção.

Na relação sexo e prazer, relatam-se, na história e na literatura, exemplos de mulheres famosas que, no exercício da profissão de prostituta, se destacaram por sua beleza, poder e arrependimento, como Dona Beija (conhecida pela beleza e poder de sedução, acumulou fortuna e foi personagem polêmica e influente no período imperial), Messalina (lembrada tanto por suas intrigas e poder quanto por seu apetite sexual, e foi a terceira esposa do imperador Cláudio), Mata Hari (uma dançarina holandesa, acusada de espionagem em favor dos alemães, durante a Primeira Guerra Mundial) e Maria Madalena (uma prostituta perdoada por Jesus, no capítulo 7, do Evangelho de Lucas). Essas mulheres coadunam com os estudos de Rostagnol (2000) e Pasini (2005), mostrando a liberdade de a mulher ser dona do próprio corpo no exercício da prostituição.

Há sempre um motivo, uma causa, uma justificativa para o exercício da profissão de prostituta. Souza (2007) explica que a mulher tem sempre seus motivos para exercer esse serviço laboral: estar desempregada, sair da casa dos pais, manter terceiros (filhos e pais) e obter um status social. Blanchette e Silva (2011, p. 8) afirmam "que a motivação principal da prostituição é econômica", e que não se podem negar que outros fatores estão envolvidos na decisão de vender sexo, pois, muitas vezes, o exercício da prostituição não está somente ligado à questão laboral. Outras perspectivas do exercício da prostituição são apresentadas por Corrêa e Holanda (2012), ao relacionarem três práticas da prostituição e sentido de vida em relações de significado: "Ao longo do tempo, o fenômeno da prostituição recebeu várias explicações acerca dos motivos que mobilizam a mulher a tal prática, relacionados ao trabalho, ao prazer e à patologia" (Corrêa; Holanda, 2012, p. 429).

Aqui nesta seara aplica-se o sentido laboral da prostituição. Blanchette e Silva (2011, página?) dizem que, nos últimos anos, "inquestionavelmente, houve uma melhoria considerável nos marcadores socioeconômicos das desigualdades entre homens e mulheres no Brasil durante as últimas décadas". Na concepção de Corrêa e Holanda (2012), há outros valores além do econômico que contribuem para o exercício da prostituição:

(...) vivemos a época da hipermodernidade; um momento em que os valores morais, religiosos e políticos caíram em desuso, fazendo com que a sociedade atual seja marcada pelo excesso e pela velocidade. Portanto, o fator “sobrevivência” tem uma relevância importante nessa sociedade hipermoderna, pois o ambiente passou a ser dominado pelo tempo de risco, pela incerteza e pela insegurança (Bruns & Guimarães, 2010). Para Lipovetsky (2004), nessa hipermodernidade está ocorrendo uma redução da valoração do presente para que se possa preocupar apenas com o futuro, que cada vez mais se apresenta como incerto e angustiante (Corrêa; Holanda, 2012, p. 430).

Com essa questão da hipermodernidade, a “sobrevivência” requer estratégias. Para Corrêa e Holanda (2012, p. 430), “a prostituição é vista como uma estratégia de sobrevivência que muitas mulheres encontram para satisfazer suas necessidades mais básicas, como moradia e alimentação”. Além disso, os autores argumentam que “a prostituição pode ser uma maneira de ganhar muito dinheiro com rapidez, mais do que se ganharia em qualquer outra profissão, fazendo com que a mulher possa participar mais ativamente da sociedade de consumo” (Corrêa; Holanda, 2012, p. 429).

Entretanto, nem todas as mulheres encontram alternativas de sobrevivência além da prostituição. Conforme Corrêa e Holanda (2012, página), a prostituição “é o que se tem quando não há a abertura que esperavam do mercado de trabalho”. Mas, quando se fala sobre os deslocamentos femininos analisados na modalidade de migração e vinculados ao mercado do sexo transnacional, verifica-se que a procura de muitas mulheres migrantes por condições de vida melhores fora de seu país origem leva-as à entrada na prostituição. Segundo Piscitelli (2013), a prostituição para essas migrantes é vista como estratégia de ascensão social dentro das dinâmicas de deslocamentos mundiais, desafiando as fronteiras políticas, econômicas e remodelando as representações contemporâneas do gênero feminino.

A legalização da prostituição como profissão protege os direitos humanos das prostitutas e contribui para protegê-las da exploração. Além disso, as normas jurídicas favorecem a promoção do bem-estar, da segurança e da saúde das profissionais do sexo que estão em atividade. Nessa vertente, Pateman (1993, p. 281) salienta que “uma mudança radical acontece atualmente nas discussões sobre prostituição, que é defendida indiscriminadamente pelos contratualistas”. Para a autora, “muitas discussões feministas recentes concordam que a prostituição é simplesmente um trabalho e que a prostituta é trabalhadora, como qualquer outro trabalho assalariado”.

No Brasil, a prostituição não é considerada crime, pois, em conformidade com o Código Civil, prostituição trata de “negócio jurídico ou contrato”, deriva de nulidade por ter objeto ilícito na prestação do serviço. Alves (2010, p. 47) esclarece que:

Diante da prostituição, o Estado pode adotar três atitudes: 1. Autoriza através de regulamentação específica seu livre exercício, sendo visto como Regulamentarista; 2. proibir através de legislação própria seu funcionamento, sendo caracterizado como proibicionista; e 3. não regulamentar, nem proibir a prostituição em si, mas criminalizar, com o intuito de abolir, quem explora essa atividade por enxergar nessa prática uma forma de violência, sendo descrito como Abolicionista, tal como é o Brasil hoje.

Em conformidade com a Lei nº 12.015 de 2009, que alterou o Código Penal Brasileiro²⁴, o art. 228 do capítulo V, que trata do lenocínio e do tráfico de pessoa para fim de prostituição ou outra forma de exploração sexual, reconhece que, independentemente de qualquer juízo de moralidade pública, a prostituição é uma atividade ou um estado que interfere diretamente na dignidade sexual da pessoa e passa a ser caracterizada crime quando ocorrer a exploração sexual: “Art. 228. Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone.” (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009).

Para Mirabete e Fabbrini (2015), essa dignidade sexual da pessoa é afetada quando ela não tiver um sadio desenvolvimento da sexualidade e da liberdade de escolha e quando ela é obrigada a se prostituir, estando, portanto, praticando essa profissão por ação de aproveitadores e de condições sociais ou familiares adversos. Tal fato basicamente lhe é prejudicial em vários aspectos.

Embora ainda não esteja regulamentado por lei, o trabalho de prostituição foi incluído sob o código 5198-05 na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), instituída pela Portaria Ministerial nº 397, de 9 de outubro de 2002. A CBO tem como objetivo identificar as ocupações no mercado de trabalho para fins classificatórios, nos registros administrativos e domiciliares do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)²⁵.

Como atividade profissional regulamentada, profissional do sexo é “garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo”. A descrição sumária da profissão é que as prostitutas “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes, participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão”. Qual a fonte dos trechos entre aspas?

²⁴ Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/112015.htm. Acesso em: 14 de dez. de 2022.

²⁵ Ministério do Trabalho e Emprego. **Profissionais do Sexo** - Atividade Regulamentada. Disponível em: <https://ccim.com.br/profissionais-do-sexo-atividade-regulamentada>. Acesso em: 14 de dez. de 2022.

Consta ainda no MTE²⁶ que, na a formação e experiência para o exercício dessas profissionais, “requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, o acesso à profissão é restrito aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na faixa de quarta a sétimas séries do ensino fundamental”. Em relação às condições gerais de exercício, o MTE²⁷ informa que “trabalham por conta própria em locais diversos e horários irregulares. No exercício de algumas das atividades podem estar expostas a intempéries e à discriminação social. Há ainda riscos de contágios de DST, e maus-tratos, violência de rua e morte”.

O site do MTE descreve doze competências pessoais da profissional do sexo: demonstrar capacidade de persuasão; demonstrar capacidade de comunicação; demonstrar capacidade de realizar fantasias sexuais; demonstrar paciência; planejar o futuro; demonstrar solidariedade aos colegas de profissão; demonstrar capacidade de ouvir; demonstrar capacidade lúdica; demonstrar sensualidade; reconhecer o potencial do cliente; cuidar da higiene pessoal; manter sigilo profissional. Paráfrase este trecho?

Diante do exposto, as atribuições para o exercício de profissional do sexo são muitas, embora não haja tantas exigências para entrar na prostituição, já que não é requerida nenhuma formação para seu exercício. Embora essa profissão seja popularmente denominada como “vida fácil”, o dia a dia na prostituição é desafiador.

2.3 A prostituição como profissão para migrantes venezuelanas

A prostituição, como foco de pesquisa, é abordada por Pelúcio (2005), que discute a prostituição travesti, destacando os territórios de prostituição como essenciais para a construção da identidade travesti. Barrero (2005) explora a relação entre migração e trabalho sexual, retratando a desigualdade de poder entre migrantes latinas no Canadá, sob a ótica da exploração da América do Norte sobre a América Latina. Corrêa e Holanda (2012) oferecem uma compreensão fenomenológica da prostituição, associando-a à busca pelo sentido da vida. No campo migratório, Olivar (2008), Reis (2021) e Arruda-Barbosa *et al.* (2023) analisam a violência contra mulheres migrantes venezuelanas trabalhadoras do sexo, adotando uma abordagem interseccional que considera classe social, gênero e raça-etnia.

Mesmo a profissão não sendo considerada crime no Brasil e em outros países ocidentais, a prostituição ainda está sujeita a regulamentações e embates morais e políticos, à proporção

²⁶ Idem.

²⁷ Ibidem.

que a mobilidade e a permeabilidade entre a prostituição como trabalho sexual e o vínculo afetivo vão além das fronteiras transnacionais e do controle de migrações.

A discussão da questão da prostituição como trabalho e meio de vida gera controvérsias sem chegar a nenhum consenso. Piscitelli (2013) diz que, enquanto não houver consenso sobre a profissão de mulheres profissionais do sexo, elas permanecerão sem voz ativa e continuarão a ser estigmatizadas pelo contexto indissolúvel entre exploração sexual e tráfico de pessoas.

Ao chegarem em Roraima, o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) pode integrar os venezuelanos ao mercado de trabalho em parcerias com empresas e órgãos como SESI, SENAI, SESC. Entretanto, muitos migrantes optam em tentar conseguir emprego por seus próprios meios. Nesse caso, muitas venezuelanas optam pela prostituição nas esquinas da cidade de Boa Vista como forma de trabalho.

O Brasil não pune a prostituição, mas a exploração dos profissionais do sexo. Em 2019, foi arquivado pela Mesa Diretora, da Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei 4211/2012, conhecido como PL Gabriela Leite, de autoria do ex-deputado federal Jean Wyllys, cujo objetivo, de acordo com o autor, “não é só desmarginalizar a profissão e, com isso, permitir, aos profissionais do sexo, o acesso à saúde, ao Direito do Trabalho, à segurança pública e, principalmente, à dignidade humana”. Para Wyllys, “a regularização da profissão do sexo constitui instrumento eficaz ao combate à exploração sexual, pois possibilitará a fiscalização em casas de prostituição e o controle do Estado sobre o serviço”.

Mundo afora, a prostituição é tida como a “profissão mais antiga da humanidade”. Embora a atividade remonte à antiguidade, ainda perdura nos tempos de hoje, mesmo que quem assim trabalhe padeça com a exclusão social e até mesmo sofra condenações do ponto de vista moral. Destaca-se que a atividade de prostituta é regulamentada e legalizada em oito países da Europa: Países Baixos, Alemanha, Áustria, Suíça, Grécia, Turquia, Hungria e Letônia, o que torna mais seguro para que tais profissionais exerçam seu trabalho.

Em Roraima, muitas migrantes venezuelanas exercem a prostituição nas esquinas de Boa Vista como atividade laboral. Nesse contexto, compreender o significado do termo "prostituição" é fundamental para entender essa realidade. França (2012, p.145) explica que a palavra prostituição é proveniente do latim *prosto* e significa “estar às vistas, ou seja, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público “(...) é a prática sexual remunerada habitual e promíscua”. No Brasil, é comum usar a expressão “fazer programa” como um termo para descrever o trabalho de profissional do sexo. Essa palavra “programa” se “constitui quando se dá a negociação de rotinas, identidades e disputa pelo controle da interação com o cliente,

ou seja, negocia-se o tempo do programa, seu preço e as práticas sexuais” (Soares et al., 2015, p. 64).

Quanto ao aspecto de valorização das profissionais do sexo, Haughton e Levy (2020) discutem os avanços na conquista de direitos por meio do ativismo sindical. As autoras revelam como essas mulheres têm se mobilizado para reivindicar reconhecimento, segurança e condições de trabalho mais justas. Os estudos de Haughton e Levy (2020) destacam a importância do empoderamento²⁸ e da organização coletiva para enfrentar estigmas e lutar por direitos, ressaltando os desafios ainda enfrentados, mas também os progressos significativos já alcançados.

Portanto, a compreensão do significado do termo “prostituição”, conforme discutido por França (2012), é essencial para desmistificar e aprofundar o debate sobre essa prática. A definição enfatiza a visibilidade e a exposição ao olhar público, juntamente com a interpretação contemporânea do termo "fazer programa". Como uma negociação de rotinas e identidades Soares *et al.* (2015) ilustram como o trabalho sexual é moldado por dinâmicas sociais e econômicas específicas. Assim, é fundamental conhecer as narrativas dessas mulheres em sua atuação profissional, bem como os desafios que enfrentam, para que se possa desenvolver uma abordagem mais sensível e informada sobre o fenômeno da prostituição e suas implicações na vida das migrantes. Essa compreensão não apenas enriquece o debate acadêmico, mas também pode contribuir para políticas públicas que respeitem e protejam os direitos dessas profissionais.

2.4 Linguagem, identidade e narrativa no contexto social de prostituição

Ao se analisar a intersecção entre linguagem, identidade e narrativa, é importante compreender a experiência de indivíduos que se envolvem na prostituição, especialmente em contextos de migração. Desse modo, as narrativas construídas por essas pessoas não apenas refletem suas vidas cotidianas, mas também moldam suas identidades em um mundo em constante mudança, pois, em qualquer contexto social, a linguagem é um componente fundamental na formação dessa construção identitária.

²⁸ Para Silva e Bógus (2021) “entre as múltiplas interpretações do termo [empoderamento], o ato de empoderar-se pode ser entendido como a ação de tomar poder sobre si, e empoderamento como o ato de conseguir poder ou tornar-se mais poderoso. Como a própria composição da palavra explicita, empoderamento possui estrita ligação com o conceito de poder, e a maioria dos teóricos do empoderamento parte da discussão sobre poder como elemento central para construir seus conceitos”. (SILVA, M. I. C. S.; Bógus, L. Empoderamento feminino: conceitos e debates em torno da popularização do tema. In **Ciências sociais contemporâneas: objetos de pesquisa/ Vera Chaia; Lucia Bógus; Luís Felipe Aires Magalhães (orgs.)**. - São Paulo: EDUC, 2021).

Hall (2006) argumenta que a identidade não é um dado fixo, mas um processo dinâmico influenciado por contextos sociais, culturais e históricos. A linguagem, portanto, desempenha um papel vital na construção e expressão da identidade trazendo novas concepções como a de Bauman (2001), ao abordar a "modernidade líquida" para entender a instabilidade das identidades na sociedade contemporânea.

Assim, para as pessoas envolvidas na prostituição, as identidades são frequentemente fluidas, exigindo uma adaptação constante a novas realidades. Essa fluidez pode criar uma tensão entre o desejo de pertencimento e as experiências de exclusão, intensificando a complexidade de suas narrativas. A prostituição, nesse contexto, pode ser vista não apenas como um meio de sobrevivência, mas como um espaço de reinvenção identitária. Para indivíduos que trabalham na prostituição, a forma como se comunicam pode afetar tanto sua autoimagem quanto a percepção que os outros têm delas. Nessa concepção, Bastos (2008) ressalta que as histórias que as pessoas contam sobre suas vidas são fundamentais para a construção de suas identidades.

No contexto da prostituição, essas narrativas podem incluir experiências de migração, desafios enfrentados e a busca por reconhecimento e dignidade. Ao compartilhar suas histórias, essas mulheres não apenas revelam suas vivências, mas também desafiam estigmas e preconceitos. Essa autonarrativa é um mecanismo poderoso de afirmação identitária, onde as mulheres se apresentam como sujeitos com *agency* em vez de meras vítimas de suas circunstâncias.

Desse modo, as narrativas da vida cotidiana são centrais na formação da identidade social mesmo para as profissionais do sexo. Bastos (2004) argumenta que as histórias pessoais são uma forma de dar sentido às experiências vividas. Para as prostitutas, narrar suas vidas torna-se um ato de resistência. Essas narrativas permitem que se vejam como agentes ativas e não apenas como objetos de consumo. Ao contarem suas histórias, elas criam um espaço para expor suas experiências na vida, suas esperanças e aspirações, subvertendo a visão reducionista que a sociedade frequentemente tem sobre elas.

Os estudos de narrativas desempenham um papel crucial na Linguística Aplicada (LA), pois oferecem ferramentas e perspectivas para compreender como as pessoas constroem e negociam sentidos em diferentes contextos sociais, culturais e institucionais. Já os estudos de narrativas sobre a prostituição possuem grande relevância para a LA, pois permitem compreender como discursos sociais, culturais e individuais são construídos, perpetuados e negociados em torno de um tema historicamente marcado por estigmas, desigualdades e

controvérsias. Essa análise oferece perspectivas enriquecedoras sobre questões de linguagem, poder, identidade e representação.

Labov (1972) é uma referência central nos estudos sobre narrativas, especialmente na sociolinguística. Sua principal contribuição foi propor uma análise estruturada das narrativas orais, identificando uma estrutura comum composta por introdução, complicação, resolução e conclusão. Ele também introduziu o conceito de "evento central", que é o ponto de virada ou conflito que impulsiona a história, desafiando a ideia de que narrativas informais seriam desorganizadas.

Labov ainda destacou a relação entre a estrutura narrativa e o contexto social, evidenciando como as narrativas refletem e constroem identidades, considerando fatores como classe social, etnia e contexto de vida. Sua abordagem ampliou a compreensão da narrativa como um meio de construção de significado e identidade, oferecendo uma base teórica e metodológica essencial para a análise de narrativas como fenômeno linguístico e social. Posteriormente, sua abordagem foi complementada por estudos que aprofundaram o papel das narrativas na construção social do significado, incluindo análises sobre identidades marginalizadas, como as de mulheres na prostituição.

Moita Lopes (2001) e De Fina (2011) ampliam essa perspectiva ao explorar como práticas narrativas contribuem para a construção identitária em contextos socioconstrucionistas. No caso das mulheres na prostituição, narrativas coletivas funcionam como ferramentas poderosas para gerar senso de comunidade, desafiar estigmas e reconstruir representações sociais. Essas histórias não apenas fortalecem a memória coletiva, mas também possibilitam renegociações de identidades em um "campo de batalha discursivo", onde se disputam e redefinem significados sociais, complementando a visão de Labov sobre o papel social e estrutural das narrativas.

Nasser e Oushiro (2010) exploram a relação entre linguagem, identidade e educação, enfatizando que a identidade é um processo dinâmico e multifacetado, moldado por fatores sociais, culturais e históricos. Essa perspectiva é particularmente relevante em contextos de diversidade linguística, como o de Roraima, onde o contato entre múltiplas línguas reflete a complexidade identitária da região.

Nesse ambiente fronteiriço, convivem o português, o inglês (na fronteira entre Brasil e Guiana) e o espanhol (na fronteira com a Venezuela), além de uma rica variedade de línguas indígenas, como as faladas pelos Yanomami, Macuxi, Wapichana, Ingarikó, Patamona e Taurepang. A isso se somam as línguas de migrantes venezuelanos, como o Pemon e o Warao.

Essa diversidade linguística cria um espaço em que as identidades são continuamente negociadas e transformadas nas interações entre diferentes grupos sociais e culturais.

No contexto da prostituição, a relação entre linguagem, identidade e narrativa revela uma dinâmica igualmente complexa. As histórias contadas por mulheres nessa situação vão além da expressão de sonhos e aspirações individuais, funcionando como instrumentos de resistência à marginalização. Por meio de suas narrativas, elas reivindicam voz, dignidade e pertencimento em um mundo que frequentemente as define de forma reducionista. Nesse sentido, a análise de suas histórias contribui para ampliar o diálogo sobre identidade, vulnerabilidade e pertencimento, promovendo uma compreensão mais empática de suas experiências e desafiando estigmas sociais.

Autores como Biar, Orton e Bastos (2021), Bastos (2004, 2005), Bauman (2001), Nasser e Oushiro (2010), De Fina (2011), Hall (2006) e Moita Lopes (2002) reforçam que a narrativa não é apenas um meio de comunicação, mas um mecanismo essencial de construção e reconstrução identitária. Essas abordagens teóricas oferecem ferramentas para explorar a prostituição sob uma ótica mais sensível às nuances e complexidades das vivências das mulheres envolvidas, evidenciando como elas constroem e performam suas identidades em contextos de exclusão.

No próximo capítulo, será aprofundado o papel do ato de contar histórias na constituição e reafirmação das identidades. Essas trocas narrativas, parte essencial do ser humano como sujeito social, não apenas constroem, mas também reconstróem os indivíduos, permitindo que se vejam refletidos nas performances narrativas do outro e de si mesmos. No caso das migrantes prostitutas em Boa Vista, essas histórias assumem um papel importante, ampliando a compreensão sobre os múltiplos significados de identidade em contextos de vulnerabilidade e deslocamento.

CAPÍTULO III – DAS NARRATIVAS PARA A VIDA

*Agora eu quero cantar
Uma história muito triste
Que nunca ninguém cantou,
A triste história de Pedro,
Que acabou qual principiou.
Andrade (1987, p. 372)*

Neste capítulo, baseamo-nos nos estudos de Labov (1972), Bastos e Biar (2015), Biar, Orton e Bastos (2021), além de publicações do grupo de pesquisa NAVIS (Narrativa e Vida Social). O grupo vai além da análise das narrativas como simples relatos de fatos ou experiências, buscando entender como elas constroem significados, identidades e realidades sociais.

Focando na relação entre narrativa e vida social, o NAVIS investiga como as histórias contadas em diferentes contextos e linguagens refletem e moldam dinâmicas sociais, culturais e políticas. As narrativas são vistas como uma forma de construção de identidade e de compreensão do mundo, atuando como mediadoras entre os indivíduos e as estruturas sociais. Além disso, o grupo NAVIS explora a interseção entre narrativas individuais e coletivas, considerando como experiências pessoais se entrelaçam com questões mais amplas, como desigualdade, poder, memória histórica e transformação social. O objetivo é oferecer uma visão holística das narrativas, reconhecendo seu papel na comunicação de experiências, bem como na resistência, construção de sentido e ação social. Por meio dessas narrativas, histórias alegres ou tristes são contadas, construídas e desconstruídas, revelando e desvendando discursos e identidades.

De acordo com Mira e Carnin (2017, p. 158), as análises narrativas possibilitam “compreender como recriamos situações, personagens e relações que representam momentos já vividos e projetam identidades e discursos sociais contextualizados na interação”. Mesmo antes do surgimento da escrita, as narrativas eram responsáveis por transmitir histórias de geração em geração, como evidenciado pelo registro das fábulas infantis pelos Irmãos Grimm, que resgataram essas tradições orais e as transformaram em pequenas histórias contadas através dos tempos. Portanto, ao analisar as narrativas, buscamos entender como as mulheres migrantes envolvidas na prostituição constroem e negociam suas identidades, ressignificando seus papéis sociais e refletindo sobre suas experiências em um contexto de marginalização e estigmatização.

3.1 Narrando e construindo histórias de vida

A linguagem está presente em todas as nossas atividades diárias e, segundo Benveniste (1995), os seres humanos se constituem como sujeitos na e pela linguagem, sendo ela indissociável do ser humano. A fala desempenha um papel crucial na vida social, pois, nas interações cotidianas, é utilizada com diversas finalidades, como ordenar, esclarecer, explicar, instruir, advertir, entre outras.

A prática de narrativas, em particular, merece destaque, pois, além de acompanhar o ser humano desde suas origens, revela muito mais do que uma simples recapitulação de uma história vivenciada. Através da narração, criam-se, recriam-se e mantêm-se identidades, sendo a linguagem um instrumento fundamental na construção e reconstrução do sujeito e de sua posição no mundo social. Para Thornborrow e Coates (2005, p. 1):

a narrativa não existe apenas entre as capas dos livros; pelo contrário, as histórias têm um papel penetrante em nossa vida cotidiana. A partir da proliferação de dados que os sociolinguistas e outros reuniram de muitos contextos diferentes, temos ampla evidência de quão central é o discurso narrativo para o tecido da interação social.

O estudo da estruturação de narrativas completas foi desenvolvido por Labov e Waletzky (1967), Labov (1972) e Labov (1997). Isso também é encontrado nos estudos de Bastos e Biar (2015), e em Biar, Orton, Bastos (2021), para quem a narrativa é um ato de se rememorar “discursivamente experiências passadas a partir de uma articulação sequencial de orações” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p.23). Benjamin (1993, p. 201) afirma que o “(...) narrador retira da experiência o que ele conta (...)”. Dessa forma, as experiências são, de acordo com o autor, as fontes originárias de todo narrador. Assim, as experiências vivenciadas pelos sujeitos da análise a ser empreendida nesta tese vão se permutar com diferentes momentos da vida pessoal das participantes e de formação de sua identidade.

Primeiramente, é importante saber que a Linguística, como ciência, abarca um leque amplo de pesquisas que estudam as manifestações da linguagem que precisam de descrição e explicação científica. A Linguística Aplicada amplia os horizontes para estudar questões diretamente ligadas ao social, como é o caso deste estudo, centrado em um contexto linguístico que permeia as narrativas, a identidade e o discurso de migrantes profissionais do sexo.

Flannery (2015, p. 12) ressalta que "na linguística, o estudo de narrativa tem atravessado uma trajetória marcada por diferentes tentativas de explicar o que fazemos com o produto textual". Desde os primeiros estudos de Labov até os desenvolvimentos mais recentes, as abordagens teóricas sobre narrativa têm destacado seu papel como um espaço central para a

análise de fenômenos sociais e culturais, sendo um meio poderoso para entender como as histórias são construídas e comunicadas. De acordo com Flannery (2015), as narrativas não apenas transmitem informações, mas também são uma ferramenta importante para se explorarem identidades, valores e práticas sociais.

No campo da Linguística, as narrativas são frequentemente analisadas como uma forma de representar a experiência humana. Em seu trabalho sobre práticas narrativas, Moita Lopes (2001) argumenta que as narrativas são fundamentais para a construção das identidades sociais, entendidas como processos dinâmicos e multifacetados. Para ela, ao contar histórias, os indivíduos não apenas comunicam experiências, mas também recriam e renegociam suas identidades em um contexto social específico.

Além disso, os estudos de Labov e Waletzky (1967) sobre análise narrativa são pioneiros ao abordar como as narrativas estruturam as experiências pessoais e coletivas. Labov e Waletzky introduziram a ideia de que as narrativas têm uma estrutura interna que ajuda os indivíduos a dar sentido às suas vivências, organizando eventos de maneira cronológica e coerente. Linde (1993), por sua vez, discute como as histórias de vida podem ser compreendidas como a criação de uma coerência, fornecendo aos indivíduos um sentido contínuo e compreensível de si mesmos ao longo do tempo. Em contextos migratórios, como o das migrantes venezuelanas, essa narrativa de vida pode servir tanto para explicar suas experiências passadas quanto para construir um futuro possível em um novo país, como no caso de Boa Vista, onde muitas mulheres estão redefinindo suas identidades por meio da prostituição e do trabalho sexual.

Além disso, a análise narrativa pode ser vista como uma maneira de garantir a coesão de grupos e comunidades. Fabrício e Bastos (2009) discutem como as narrativas de grupo, particularmente em contextos de migração, desempenham um papel crucial na manutenção de uma memória coletiva e na definição de uma identidade grupal. A memória social, reforçada pelas histórias compartilhadas, pode atuar como um mecanismo de resistência contra estigmas e marginalização. Ao considerar as narrativas de migrantes, especialmente as de mulheres envolvidas na prostituição, podemos compreender não apenas as histórias pessoais de superação e resistência, mas também como essas narrativas interagem com a construção social das identidades, refletindo os desafios de viver em um ambiente multilinguístico e multicultural, onde as linguagens e culturas se entrelaçam e se redefinem constantemente.

Essas diversas abordagens fazem que com os estudos de narrativas se tornem objeto de pesquisa em outros campos de investigação fora da Linguística. Autores de outras áreas de conhecimento, como a Educação, também utilizam as narrativas como forma de compreender

a experiência humana. As narrativas vão desvendando novos conhecimentos, porque “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 18).

As pesquisas narrativas não são somente ouvir histórias. Elas vão além de histórias ouvidas ou contadas e se tornam uma forma de viver, um modo de vida. Clandinin e Connelly (2011, p. 27) explicam que “as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades”. Desse modo, os autores mostram que, nos estudos sobre educação, se aprende a pensar sobre a vida, pois a vida é formada de fragmentos narrativos, marcados em momentos históricos de tempo e espaço.

Bastos (2008) explica que o estudo de narrativas no campo da linguística é um fenômeno ainda recente. Entretanto, no passado, essa metodologia de estudo era de interesse maior das áreas das Ciências Humanas e Sociais. Contudo, nas últimas décadas, como se disse acima, pesquisadores de outras áreas também têm demonstrado interesse pelo estudo dessas histórias.

Santos (2009, p. 144) diz que “a produção de narrativas em contextos espontâneos ou de entrevistas lida com um forte conjunto de expectativas que levam o narrador a construir a sua história tendo em vista a sua perspectiva do presente”. Assim, pode-se entender a narração como ato de contar histórias. Além disso é também um processo formativo, pois, através das narrativas, se transmitem, por exemplo, valores e conselhos, e sua principal característica é a sequencialidade (Marquesin; Ferragut, 2009).

Narrar faz parte da essência do ser humano não somente para se comunicar, mas também para construir sua identidade. Pelas narrativas, constroem-se e desconstroem-se as realidades vividas, as identidades, os sonhos, as esperanças, o futuro. Flannery (2015, p. 11) explica que “vivemos histórias e, por meio delas, reportamo-nos a momentos anteriores ou futuros, criamos e representamos a nossa fala e a de outros que descrevemos e com quem nos relacionamos”. Nas mais diversas situações da vida, as pessoas contam suas histórias, seja para argumentar, dialogar, interagir, expor seu ponto de vista, conviver em sociedade, estabelecer normas sociais. Assim, a narrativa se estabelece como um aporte discursivo na realização de inúmeras ações sociais.

Ao narrar suas próprias histórias, as pessoas se tornam personagens. Nesse contexto, de acordo com Bruner (2004, p. 694), “nos tornamos as autobiografias narrativas pelas quais contamos nossas vidas”. A principal função das narrativas, segundo Thornborrow e Coates

(2005, p. 7), consiste na situação de que as “histórias nos dizem quem somos (e quem não somos): elas são centrais às nossas identidades social e cultural”. Dessa forma, não há como separar nas narrativas o ato de narrar da constituição identitária de quem narra. Mishler (2002), por sua vez, olha para a narrativa e a relaciona com as múltiplas identidades que o narrador expressa no transcorrer de suas vidas.

Ao se analisarem as memórias com a identidade no âmbito das histórias de vida, os estudos do sociólogo Michael Pollak (1992) mostram que a memória é uma construção coletiva e individual, organizada a partir do presente e, em parte, ela é herdada. O autor explica que a memória é um fenômeno construído, resultante de um trabalho de organização, e que tem elementos relativamente imutáveis, mas também está sujeita a flutuações modificadas ou ilusórias.

Portanto, as narrativas são intrínsecas ao contexto em que o ser humano se revela e desvenda a vida, porque “as histórias permeiam nossas vidas, desde as curtas e aparentemente pouco importantes que contamos, às histórias que elaboramos sobre nossas vidas (...)”, como ressalta Flannery (2015, p. 11). Assim, narrativa se constitui como uma prática discursiva por meio da qual as pessoas constroem suas identidades, pois, por meio dessas práticas, na visão de Moita Lopes (2001, p. 59), se tem acesso “aos significados com os quais vivem na vida institucional, na cultura e na história, tornando possível entender como se veem e veem os outros a sua volta, ou seja, suas identidades sociais”.

Mas por que narrar? Labov (1972) e Bastos (2008) explicam que as narrativas são histórias de vida cotidianas nas quais se rememora um evento passado e se estabelece uma reflexão atual do evento remorado. Labov (1972) considera a narrativa como um método de recapitulação de experiências passadas, que ajusta estruturas verbais com a sequência de eventos que realmente ocorreram. Para Bastos e Biar (2015, p. 98), “contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social”. Portanto, narrar não é somente um mero ato de contar histórias, também é a prática de entendimento da vida social.

Na concepção de Fabrício (2006) e Bastos e Biar (2015), os significados do mundo social são construídos à proporção que os indivíduos escrevem, debatem e questionam nas práticas interacionais e discursivas em um processo conectado no âmbito linguístico-semântico do processo de construção identitária. Dessa forma, Fabrício (2006) aduz que a narrativa e a identidade estão diretamente ligadas, pois as histórias são produções discursivas pelas quais as pessoas se refletem no mundo social. Assim, ao narrar, o autor infere que o sujeito expõe uma

visão de si mesmo e constrói significados sobre quem se performa, sobre o outro e sobre o mundo.

Para conceituar narrativas, a definição de Bastos e Biar (2015, p. 99) explicita que é “o discurso construído na ação de se contarem histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social”. Ou seja, narrar não é simplesmente relatar um fato ou acontecimento, mas é a “recapitulação de experiência e encadeamento temporal de eventos” (Flannery, 2015, p. 13).

Pesquisadoras do grupo de Narrativa e Vida Social (NAVIS), Bastos e Biar (2015, p. 100), explicam que, na abordagem laboviana, a narrativa é uma "forma de se recapitular discursivamente experiências passadas a partir de uma articulação sequencial de orações". Essa concepção de narrativa enfoca a organização temporal e sequencial das experiências vividas, buscando entender como os eventos são estruturados e transmitidos. No entanto, com o avanço das pesquisas narrativas ao longo do tempo, os estudos de Bastos e Biar destacam que os conceitos de narrativa se ampliaram, incorporando novos escopos de análise que incluem segmentos não-canônicos, ou seja, elementos narrativos que não se ajustam à estrutura tradicional ou linear da narrativa.

Ao narrar histórias nas interações cotidianas, conforme discutido por Bamberg e Georgakopoulou (2008), as pessoas não apenas compartilham experiências passadas, mas também constroem e manifestam suas múltiplas identidades. A narrativa, assim, funciona como um meio de expressar como os indivíduos se posicionam no mundo, oferecendo uma visão dinâmica e multifacetada de suas identidades sociais. Nesse processo, as narrativas não são estáticas; elas são constantemente moldadas e reinterpretadas conforme as circunstâncias e os contextos interacionais.

A análise das narrativas, portanto, destaca a dinamicidade do processo de construção identitária, conforme observada nos estudos de Sacks (1984), Garcez (2001) e Mishler (1986, 2002). Esses autores discutem como, em diferentes contextos interacionais, as identidades são construídas e reconfiguradas. A narrativa, então, se torna um espaço central para a negociação de significados e para a criação de sentido, refletindo as complexidades e os desafios de ser e de se tornar um sujeito social em constante interação com o outro e com a sociedade. Flannery (2015, p. 15) acrescenta outra relevância para os estudos de narrativas:

o estudo do texto narrativo é, assim, um dos mais importantes veículos para se dar a conhecer, nas palavras de Schiffrin (1996), “retrato sociolinguístico” de atores sociais, seja porque nós entendemos mais sobre a formação de uma pessoa por meio de histórias que conta – percepção que se realiza no âmbito de relações micro linguísticas, relacionadas à seleção lexical, ao emprego de estruturas sintáticas

comuns a uma dada comunidade linguística -, seja no âmbito de relações macro linguísticas, no universo do que Gee chama de Discurso (leia-se discurso com d minúsculo), que abrange as relações intertextuais de significado, coordenadas no universo semântico-pragmático do texto linguístico.

Como se verifica nos dizeres de Flannery (2015), o estudo de narrativas procura identificar e compreender os posicionamentos discursivos que um falante estabelece ao organizar a sua narração em um ambiente narrativo idealizado por ele. Ademais, Bastos (2008, p. 80) também ressalta que “[...] o estudo dessas histórias em muito pode contribuir para compreender não apenas o sentido que os indivíduos fazem de si mesmos, como também sua compreensão do mundo e de suas experiências nesse mundo”. Compreende-se que, com a relevância dos estudos narrativos, fica mais fácil proceder a análises narrativas e analisar as narrativas de migrantes profissionais do sexo nas questões ligadas ao contexto social de Boa Vista-RR.

Mira e Carnin (2017, p. 158) explicam que:

Analisar as narrativas não é somente sistematizar a recorrência de recursos linguísticos que compõem suas estruturas, mas também é, sobretudo, compreender como recriamos situações, personagens, relações, que representam momentos já vividos, projetam identidades e discursos sociais que são contextualizados na interação.

Como é possível depreender, os estudos de narrativas possibilitam um mundo de imensas possibilidades de compreender no outro o que somos e como somos. Portanto, na análise de narrativa, as histórias são expressão de uma realidade vivida pelo narrador em um contexto anterior à narração, e a narrativa é igualada à própria vida por captar a essência dessas histórias que estão no passado, mas repercutem no presente e na identidade do narrador.

3.2 Percurso das narrativas: construção e estrutura

O campo de estudo da Linguística Aplicada é transdisciplinar, indisciplinar e intercultural e bebe em várias fontes de investigação para identificar, investigar e buscar soluções para problemas pertinentes à linguagem na vida real. Desse modo, as narrativas passam textos orais, escritos e visuais e passam a ser investigadas por essa ciência. Assim, muitos estudiosos dos diversos campos do conhecimento procuram compreender narrativas, pois elas são utilizadas pelas pessoas desde a antiguidade como uma especificidade de linguagem encarregada por armazenar, construir e transmitir informações (Hanke, 2005).

As narrativas não são somente relatos de experiências pessoais. Para Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”, podendo ser “real” ou “imaginária”, sem perder seu poder como história” (Bruner, 2002, p. 47). Desse modo, a Linguística Aplicada amplia seu leque de pesquisa e passa a ter nas narrativas orais esse suporte de análise linguística, pois “nós viemos inicialmente equipados, se não com uma “teoria” da mente, certamente com um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações” (Bruner, 2002, p. 69).

Na concepção dos estudos de Labov (1972), a estrutura da narrativa segue uma sequência temporal bem definida, com um ponto de início e características que a tornam contável. Esse modelo linear e organizado foi inicialmente desenvolvido em parceria com Waletzky, resultando no modelo canônico das narrativas, que se tornou uma referência fundamental para a análise das narrativas orais (Labov e Waletzky, 1967). Essa abordagem oferece uma estrutura clara para compreender como as histórias são organizadas e como os eventos são sequenciados para dar sentido à narrativa.

Com base nesse modelo, os autores identificaram seis elementos estruturais essenciais que compõem a narrativa: 1) resumo/sumário (síntese inicial da narrativa); 2) indicações/orientação (indicação ao locutor, em relação às pessoas, ao lugar, ao tempo e à situação comportamental, e corre, normalmente, no início da narrativa); 3) desenvolvimento/ação complicadora (é a parte principal da narrativa porque corresponde a uma ação que causa ruptura na linearidade da sequência “esperada” dos eventos, gerando uma situação de conflito para o narrador); 4) avaliação (é a parte da narrativa responsável por revelar a atitude do narrador frente aos acontecimentos, marca para o interlocutor onde está o ponto de interesse pessoal, aquilo que deve ser tomado como mais importante em relação a outros momentos. Ademais, é responsável por revelar o momento em que a complicação alcança o ponto máximo, traçando uma linha entre avaliação e resolução); 5) resultado/ desfecho (é o desfecho da complicação, e consiste na parte da narrativa que segue a avaliação); 6) coda (é um elemento adicional que retorna a perspectiva verbal ao presente momento, aponta para um referente em vez de nomeá-lo explicitamente, e traz a narrativa para o momento em que é contada, marcando o seu fim e apontando-a como um passado remoto).

Esses elementos ajudam a construir a narrativa de forma lógica e coerente, pois esse modelo proporciona uma base para analisar a estrutura das narrativas, permitindo identificar padrões recorrentes nas histórias e compreender como as pessoas constroem e comunicam suas experiências, garantindo clareza e coesão na forma de contar.

Essa estrutura da narrativa proposta por Labov e Waletzky (1967) é explicitada por Custódio (2021, p. 20) da seguinte forma:

- a) Resumo (Abstract): Constitui-se de breves orações que resumem o que será narrado;
- b) Orientação (Orientation): Informa ao interlocutor o espaço, os personagens, o tempo, ou seja, situa o interlocutor provendo informações básicas sobre o cenário no qual a história ocorreu;
- c) Complicação (Complication): Compõe a parte principal da narrativa sem a qual ela não existe. Trata-se de uma série de eventos acontecidos que levam a uma ação complicadora ou a própria ação em si mesma que desencadeia os fatos narrados;
- d) Avaliação (Evaluation): Algumas vezes como uma parte da narrativa, outras vezes vinculada à resolução, a avaliação refere-se à importância dos fatos narrados, demonstra o impacto sobre o narrador, de forma direta, através de seus comentários, ou indireta, pelas ações narradas ou diálogos reportados. A avaliação é essencial à narrativa, pois constitui uma de suas funções, é a razão da narrativa;
- e) Resolução (Resolution): É o desfecho da história, como as ações narradas finalizam;
- f) Coda (Coda): Caracteriza-se pelo desligamento da história, retorno ao presente, à conversa e algumas vezes traz um posicionamento moral.

Observa-se que o uso desses elementos promove narrativas bem elaboradas e envolventes, que conseguem cumprir tanto funções comunicativas quanto artísticas, como explicitadas por Custódio (2021).

Com o tempo, o esquema narrativo proposto por Labov (1972) recebeu críticas por tratar a narrativa como uma estrutura autônoma e descontextualizada. O modelo não abordava a relação entre o evento passado e questões de memória, nem considerava os aspectos contextuais, como os valores socioculturais que influenciam a produção discursiva. Apesar disso, o modelo laboviano ainda é amplamente utilizado e tem sido revisado em muitos estudos sob uma perspectiva interacional. Ele continua a ser um importante recurso na investigação da relação entre linguagem e construção de significados na interação social por meio da análise de narrativas.

Posteriormente, em 1997, o autor revisa o modelo e amplia para outros elementos não considerados anteriormente. Ademais, face aos elementos propostos por Labov (1972), outros autores como Biar, Orton, Bastos (2021) propõem três lâminas analíticas como método de análise qualitativa e interpretativa das narrativas.

O modelo laboviano, apesar de apresentar uma estrutura narrativa consistente, não contempla todos os elementos necessários para uma análise narrativa. Assim, a partir da segunda metade do século XX, surgiu uma mudança de paradigmas que considerou novas formas de produção narrativa, antes não descritas, como as chamadas pequenas histórias (*small stories*) ou narrativas-em-interação. Essas formas de narrativa foram analisadas por Bamberg e Georgakopoulou (2008) e Georgakopoulou (2015), que redefiniram o conceito de narrativa,

não mais a considerando apenas pela estrutura, mas pela maneira como o narrador orienta o que vai contar como uma história. Em seus estudos, os autores introduzem novas perspectivas sobre o papel da narrativa no cotidiano dos narradores, analisando tanto o que os narradores fazem ao contar suas histórias quanto o que essas histórias significam em suas vidas (Bamberg; Georgakopoulou, 2008).

A sociolinguística moderna reconhece a relevância do modelo estrutural de narrativas de Labov e Waletzky (1967), que se consolidou como uma referência fundamental para a análise de narrativas. Contudo, com o avanço dos estudos da linguagem, surgiram críticas e aprimoramentos que buscam ampliar e refinar o escopo desse modelo para contemplar de forma mais abrangente os processos de comunicação.

As narrativas modernas envolvem processos mais dinâmicos e interativos de comunicação, exigindo abordagens que considerem práticas culturais, sociais e interacionais mais amplas. Nesse contexto, Bastos (2004) contribui ao introduzir a noção de *tipos de eventos e experiências compartilhadas* na análise narrativa. Essa perspectiva reconhece que as narrativas não são apenas estruturas formais, mas também práticas discursivas que refletem a interação entre os participantes, o contexto em que são produzidas e os valores compartilhados por uma comunidade.

A ideia de tipos de eventos enfatiza que as narrativas não são homogêneas e variam de acordo com a natureza dos acontecimentos relatados, sejam eles cotidianos, históricos ou extraordinários. Já o conceito de experiências compartilhadas ressalta a construção narrativa onde narrador e interlocutor colaboram para negociar sentidos, validar memórias e conectar a narrativa às práticas socioculturais do grupo. Esses aspectos complementam o modelo de Labov, deslocando o foco de uma estrutura linear para um processo interacional e culturalmente situado. Segundo Bastos (2004, p. 121), "a narrativa passa a ser vista como uma construção social e não mais como uma representação do que aconteceu". Nesse sentido, novos elementos passaram a ser analisados nas narrativas, como o momento em que a narrativa ocorre, as lembranças evocadas, os laços sociais construídos, as emoções expressas e outros aspectos que enriquecem a construção narrativa.

Posteriormente, Ochs e Capps (1996, 2001) ampliaram ainda mais as possibilidades para a análise das dimensões da narrativa. Ao comparar a estrutura narrativa proposta por Labov (1972) com as ideias de Ochs e Capps (2001), observa-se que as narrativas não são monomodais, mas frequentemente combinam dois ou mais modos comunicativos, como a representação visual, o gesto, a expressão facial e a atividade física, que se entrelaçam com a fala, a música ou a escrita para transmitir um conto (Ochs e Capps, 1996, p. 20). Eles afirmam

que "as narrativas pessoais moldam como atendemos e nos sentimos sobre os eventos. São representações e evocações parciais do mundo como o conhecemos" (Ochs; Capps, 1996, p. 21).

Nessa perspectiva, as narrativas são versões da realidade, uma vez que contêm componentes do discurso, como a descrição (elementos que constroem o cenário do evento, equivalente à orientação em Labov), a cronologia (linear ou complexa, chamada de ação complicadora por Labov), a explicação (o motivo por trás do evento, equivalente à avaliação laboviana) e a avaliação moral e estética das ações, emoções, pensamentos e condições.

Além disso, Flannery (2011) sugere que outros elementos são cruciais nas narrativas, como os aspectos relacionados à construção da identidade dos participantes. Flannery enfatiza o arranjo interacional, no qual os atores sociais, ao co-construírem as narrativas, são influenciados pelo contexto em que estão inseridos. Dessa forma, nas narrativas conversacionais, os estudiosos pós-Labov incluem ações conversacionais como questionamentos descritivos, clarificações cronológicas, desafios avaliativos e especulações explanatórias, ampliando a análise para compreender a complexidade das interações narrativas.

Flannery (2011) e Oliveira (2013) flexionam o modelo de Labov com um enfoque na análise conversacional e em narrativas canônicas ao proporem que a narrativa é construída online e seus elementos construídos situacionalmente considerando a relação entre linguagem, sociedade e cultura, fazendo com que a narrativa não seja mais analisada enquanto um material autônomo e isolado.

Nos estudos de Labov e Waletzky (1967), houve uma preocupação com a estrutura da narrativa, focalizando seus aspectos estruturais. Na Sociolinguística moderna, essa estrutura é vista como um espaço muito significativo e comunicativo, fundamentado em informações de contextos particulares, que influenciam posturas e posições assumidas pelos interactantes, cuja ascensão de papéis é instável e varia de acordo com a natureza contextual e colaborativa que a narrativa apresenta.

Nos estudos de Moita Lopes (2001), Bamberg (2002), Mishler (1999) e Bastos (2005), tem-se as narrativas como performances de identidades, porque esses autores acreditam que, ao narrar uma história, os falantes não somente relatam eventos, mas também se envolvem em uma performance de quem são e de como querem ser vistos. Ou seja, a narrativa é uma forma discursiva que exerce um importante papel na construção das identidades sociais. Para Bruner (2004, p. 692), a vida é contada em forma de narrativas como uma construção sociocognitiva, visto que "a narrativa imita a vida, a vida imita a narrativa. (...) não existe 'vida em si'. No

mínimo, (a vida) é uma conquista seletiva de recuperação da memória; além disso, contar a própria vida é um feito interpretativo”.

Assim, a relação entre as narrativas, a identidade, o discurso e a sociedade é dinâmica, pois, de acordo com De Fina (2011), os indivíduos não possuem identidades dispostas em categorias sociais fixas, já que elas são construídas e negociadas nos processos interacionais, de modo que emergem no e através do discurso. Essa autora esclarece sobre a importância da categorização para indexar identidades em narrativas, as quais são vistas como um espaço para sua articulação, porque permitem aos narradores se apresentarem como atores em mundos sociais.

Embora os estudos modernos sobre narrativas tenham como base as contribuições de Labov, autores como De Fina (2011) e Bamberg e Georgakopoulou (2008) ampliaram e criticaram suas abordagens, introduzindo o conceito de posicionamento. Esse conceito destaca o processo de autoafirmação das identidades, que ocorre na dinâmica entre o "eu" e os "outros". No contexto social, as pessoas expressam e negociam suas identidades ocupando lugares verbais e sociais em oposição ou complementaridade a outras, num movimento que reflete a interação entre discurso e identidade. Esse processo identitário é dinâmico, variando de acordo com os contextos sociais, culturais e históricos, e envolve uma constante negociação entre as posições ocupadas pelo narrador e pelos demais participantes da interação.

Sob essa óptica, as narrativas são entendidas como atos de fala situados, influenciados pelos contextos histórico, social e cultural em que são produzidas. Como observa Bastos (2004, p.82), “o estudo da narrativa (...) é uma manifestação cultural situada, contada para uma determinada audiência, numa determinada ocasião social”. Assim, o que é narrado não deve ser compreendido apenas como um relato de eventos passados, mas como uma construção social mediada por filtros afetivos, condições específicas de comunicação e normas socioculturais mais amplas. Essa abordagem permite compreender que nenhuma narrativa é neutra, pois carrega valores que moldam e refletem a identidade do narrador.

Nesse sentido, Mira (2019, p. 421) aponta que o ato de contar histórias é uma prática discursiva central no cotidiano, em que se constroem “cenários, personagens que projetam discursos sociais e identidades na interação”. Por esses motivos, “entre as práticas discursivas mais estudadas em pesquisas sobre a relação entre discurso e as identidades sociais, destacam-se as práticas narrativas” (Moita Lopes, 2001, p. 62).

Moita Lopes (2001, p.64-65) ressalta quatro características fundamentais das narrativas: (1) a dualidade das narrativas no sentido de elas terem dois mundos: o mundo dos interlocutores (onde a história está sendo contada) e o mundo dos personagens (onde a história ocorreu); (2)

a sequencialidade (sequência de eventos envolvendo seres humanos como personagens); (3) o fato da narrativa “relatar uma exceção a um cânone (sic) cultural”, ou seja, “a análise das práticas narrativas possibilita ter acesso aos modos como as identidades sociais são construídas de uma forma ou de outra à luz dos cânones e exceções da cultura, história e instituições onde essas práticas se situam” (Moita Lopes, 2001, p. 65); e (4) a qualidade dramática das narrativas, contendo atores, ação, cenário, instrumento e um problema.

Como diz Moita Lopes (2001, p. 64), considerando Goffman (1974), “contar histórias é um exemplo especial da construção social da identidade, na qual o que o indivíduo apresenta não é ele mesmo, mas uma história contendo um protagonista que também pode ser ele mesmo”. Essa concepção de Goffman (1974) destaca a importância da narrativa como um meio de construir e reconstruir identidades. No contexto deste estudo, a análise das narrativas das migrantes venezuelanas profissionais do sexo revela aspectos fundamentais na construção da identidade desse grupo específico, evidenciando não apenas suas vivências pessoais, mas também as maneiras pelas quais elas se posicionam e se afirmam suas identidades em contextos de vulnerabilidade, resistência e exclusão social.

Para uma compreensão mais aprofundada das narrativas das migrantes participantes da pesquisa, o próximo capítulo detalha os procedimentos metodológicos adotados. Esses procedimentos visam analisar as falas dessas mulheres que exercem a profissão de prostituta no contexto social de Boa Vista, buscando compreender as dinâmicas de suas identidades e suas histórias de vida enquanto migrantes e profissionais do sexo.

CAPÍTULO IV – O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Caminhos da Pesquisa

Apresento-vos um mundo

Repleto de novidades.

Aqui, em cada esquina,

Existe nova oportunidade.

Contemplem!!

Onde se abriga o coração humano,

Perguntas florescem.

Em Pés de Curiosidades!

Nesse belo ciclo,

se atentem!

VIEIRA, Vanessa. 2022, Blog **Pensamentos valem ouro**

Para a realização deste trabalho, optou-se por escutar as narrativas de três prostitutas venezuelanas que atuam nas esquinas da cidade de Boa Vista, no Estado de Roraima. Utilizou-se a técnica da entrevista em forma de narrativa, pois essa abordagem é eficaz para gerar histórias que ajudam a compreender a construção identitária dessas mulheres como migrantes, venezuelanas e prostitutas.

Na concepção de Hernández (2017, p. 63), a narrativa é "um modo de relação baseado no intercâmbio, e não na coleta de informações". Essa perspectiva estreita o vínculo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, facilitando a geração de dados para análise.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e está sob o viés da Linguística Aplicada, que busca resolver problemas sociais de forma interdisciplinar (Moita Lopes, 2006). O *corpus* do estudo é composto por três narrativas geradas em entrevistas, analisadas com base nas três lâminas de narrativas disponíveis no acervo do grupo de pesquisa NAVIS (Narrativa e Vida Social – PUC-RJ). Os procedimentos adotam a análise da narrativa desenvolvida pelo NAVIS, com suporte teórico dos critérios dos estágios textuais Labovianos.

4.1 Caracterização da pesquisa

A presente tese caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva, com uma abordagem interpretativo-analítica. Como método de pesquisa, adotamos a análise de entrevistas narrativas que compõem o corpus deste estudo, conforme Martins, Tourinho e Souza (2017). Por ser uma pesquisa de natureza qualitativa, a análise das narrativas é o procedimento metodológico central, com base nas três lâminas analíticas do Grupo NAVIS (Biar, Orton e

Bastos, 2021): Identificação da estrutura narrativa, Exame do evento narrativo e Embates discursivos.

Como foi demonstrado no Capítulo III, os estudos de Labov sobre narrativas, ao longo do tempo, mostraram limitações em relação aos elementos que deveriam ser contemplados em uma análise narrativa mais abrangente. Por essa razão, ao longo das décadas, novas contribuições ampliaram os conceitos e elementos da Análise de Narrativa originalmente proposta por Labov. Um exemplo disso são as *pequenas histórias* (*small stories*), ou narrativas-em-interação, desenvolvidas por Bamberg e Georgakopoulou (2008).

Adicionalmente, uma importante contribuição para o campo da Análise de Narrativa é a proposta de Biar, Orton e Bastos (2021), que introduziram três lâminas de observação que permitem uma análise mais aprofundada e dinâmica dos dados narrativos. Esse procedimento metodológico foi adotado nesta pesquisa, conforme detalhado no Capítulo V, no qual se analisam as narrativas das prostitutas migrantes venezuelanas, com foco nos elementos sociais, culturais e identitários presentes em seus relatos.

4.2 Procedimentos éticos da pesquisa

A pesquisa desempenha um papel fundamental na prática da Linguística Aplicada, cujo objetivo é contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, além de reduzir as desigualdades entre os indivíduos. Por meio da análise da linguagem em uso, o linguista aplicado busca identificar formas de promover mudanças sociais significativas. Como ressalta Moita Lopes (2021, p. 15), "uma das preocupações fundamentais daqueles que fazem pesquisa na Linguística Aplicada contemporânea deve ser operar com epistemologias mais adequadas às mudanças sociais que estamos enfrentando". Contudo, é importante ressaltar que, embora bons propósitos sejam essenciais, a pesquisa científica também exige o cumprimento rigoroso de normas ético-científicas, fundamentais não apenas para garantir a credibilidade dos resultados mas também para proteger os participantes e resguardar o próprio pesquisador. Portanto, a ética na pesquisa é tão crucial quanto a intenção de promover a justiça social.

O Brasil adota diretrizes rigorosas para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, estabelecidas inicialmente pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), em outubro de 1996. Essa resolução marcou um avanço significativo na regulamentação ética, buscando garantir o respeito aos participantes das pesquisas, a integridade dos pesquisadores e a confiabilidade dos dados coletados.

Posteriormente, essas normas foram substituídas e atualizadas para refletir os avanços e desafios contemporâneos da pesquisa científica. Em 13 de junho de 2012, foi instituída a Resolução 466/12, que consolidou e ampliou os princípios éticos fundamentais. Essa resolução aborda aspectos como autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, garantindo proteção adequada aos participantes.

Em seguida, com o objetivo de regulamentar pesquisas específicas, foi publicada a Resolução 510/16, em 7 de abril de 2016, que estabelece diretrizes éticas voltadas para as pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais. Essa resolução reconhece a necessidade de um tratamento diferenciado, considerando a complexidade e as particularidades dos métodos e interações nesse campo do conhecimento. Essas atualizações refletem o compromisso do Brasil em acompanhar os avanços científicos, respeitando princípios éticos universais e garantindo que as pesquisas sejam conduzidas com responsabilidade e sensibilidade às especificidades culturais e sociais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, seguiram-se os seguintes passos: contato inicial com as participantes; apresentação detalhada do estudo; entrega e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); registro em diário de campo; agendamento e gravação das entrevistas em áudio; audição das gravações; e transcrição das narrativas coletadas. Esses procedimentos visaram assegurar ética, transparência e qualidade no processo investigativo.

Quanto aos cuidados éticos, a pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, obtendo parecer aprovado sob o nº 5.210.765 (CAAE 52051221.6.0000.5344).

A presente pesquisa é caracterizada como de risco mínimo, tanto para as participantes quanto para a pesquisadora, conforme os parâmetros estabelecidos pela Resolução CNS 466/12, que define pesquisa de risco mínimo como aquela em que os riscos não excedem os encontrados na vida cotidiana ou em exames rotineiros.

Os potenciais riscos desta pesquisa estão associados ao desconforto emocional que pode surgir durante os relatos de experiências passadas ou presentes. Para mitigar esses riscos, a pesquisadora preparou-se para oferecer suporte imediato, criando um ambiente acolhedor e respeitoso.

Esse cuidado reflete o compromisso da pesquisa com os princípios de beneficência e não maleficência, assegurando a proteção das participantes contra possíveis danos e garantindo acesso a suporte em eventuais situações adversas. Além disso, os benefícios da pesquisa são reforçados pela perspectiva apresentada por Moita Lopes (2021, p. 15), que destaca que "o

estudo das narrativas em Linguística Aplicada envolve compreendê-las como um lugar-tempo de entendimento da vida social por meio do estudo da linguagem como ação em uma prática social, ou seja, como uma prática discursiva". Dessa forma, a pesquisa não apenas minimiza riscos, mas também contribui para a compreensão das narrativas como práticas discursivas que refletem e constroem a vida social.

Antes da realização das entrevistas, as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a permissão para a coleta de dados. Para resguardar suas identidades, as participantes escolheram nomes e sobrenomes fictícios, assegurando sua privacidade e segurança. Nenhuma delas revelou seu nome verdadeiro, tanto durante quanto após as entrevistas. Além disso, foram esclarecidas sobre seus direitos e o compromisso com a confidencialidade e o uso ético dos dados coletados, tais como:

a) A natureza da pesquisa, seus objetivos e procedimentos, além da consulta quanto ao aceite das entrevistadas em participar do estudo, através da solicitação da assinatura do TCLE.

b) De que a participação delas consistia em responder a uma entrevista individual, com duração estimada de duas horas, em local e horário convenientes, combinados previamente.

c) De que a entrevista seria gravada presencialmente pelo celular, garantindo-lhes o anonimato.

d) De que os dados obtidos na gravação e na transcrição das entrevistas seriam armazenados em local seguro, e só a pesquisadora teria acesso a eles como forma de preservar a identidade e o anonimato das participantes.

e) De que as informações individuais ou relacionadas à comunidade seriam confidenciais.

f) De que o nome delas seria omitido e substituído, para fins da pesquisa, por um nome fictício, escolhido por elas.

Somente após todos esses esclarecimentos foram realizadas as entrevistas narrativas para comporem o *corpus* de análise deste estudo.

4.3 As participantes da Pesquisa

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foram analisadas três entrevistas narrativas realizadas com prostitutas migrantes venezuelanas que atuam nas esquinas de Boa Vista, no estado de Roraima. As participantes foram selecionadas com base em critérios específicos: ser

mulher, migrante oriunda da Venezuela e exercer a profissão de prostituta nas esquinas da cidade.

Após o cumprimento dos procedimentos éticos, foram adotados os seguintes passos metodológicos:

a) Contato inicial: Realizou-se o contato inicial com as três profissionais do sexo, que concordaram em compartilhar suas narrativas, desde que as entrevistas fossem realizadas em seu local de trabalho, nas esquinas do bairro Caimbé, em Boa Vista.

b) Apresentação da pesquisa: Foi apresentada uma explicação detalhada sobre o propósito da pesquisa às participantes.

c) Consentimento formal: Com a concordância em participar, procedeu-se à leitura e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o aceite e assinatura do TCLE, as entrevistas foram realizadas.

d) Primeira entrevista: Ocorreu em 24 de março de 2022, com Carla Rodrigues (nome fictício), migrante de 28 anos que estava em Roraima há um ano e oito meses. Carla trabalhava acompanhada por outras seis profissionais do sexo venezuelanas, mas foi a única a aceitar participar, sob a condição de anonimato e uso exclusivo de gravação de áudio.

e) Segunda entrevista: Aconteceu em 23 de junho de 2022, com Gabriela Oliveira (nome fictício), de 25 anos, que vive em Roraima há quatro anos e trabalha nas esquinas de Boa Vista desde sua chegada. Gabriela também estava com um grupo de seis migrantes, mas apenas ela aceitou participar sob as mesmas condições de anonimato. O intervalo de dois meses entre as entrevistas foi necessário para respeitar a autonomia e o tempo das participantes, dada a relutância em falar abertamente sobre a profissão.

f) Terceira entrevista: Realizada em 4 de novembro de 2023, com Anita Suárez (nome fictício), em seu local de trabalho. Apesar do intervalo de 17 meses desde a última entrevista, a pesquisa não foi prejudicada devido ao contato regular com as participantes e à presença constante da pesquisadora nos locais de trabalho. Anita concordou em participar após uma conversa detalhada sobre os objetivos do estudo, assinou o TCLE e escolheu seu nome fictício para a pesquisa.

Anita Suárez, de 25 anos, está em Roraima há quatro anos e trabalha como prostituta nas esquinas de Boa Vista desde sua chegada ao estado. Apesar de falar português fluentemente, seu sotaque espanhol ainda é perceptível. Para a realização da entrevista com Anita, foi fundamental garantir um ambiente confortável e acolhedor, como nas entrevistas anteriores, para que ela pudesse narrar suas experiências sem pressões. A entrevista ocorreu em seu local

de trabalho, no bairro Caimbé, na presença de outras seis prostitutas migrantes venezuelanas, que ouviram suas narrativas enquanto aguardavam seus clientes.

g) Interação nas entrevistas: As três entrevistas foram realizadas nas esquinas onde as participantes atuam como profissionais do sexo, em um formato informal e sem roteiro rígido, permitindo conversas fluidas e espontâneas. Esse formato foi escolhido para que as participantes se sentissem mais confortáveis, considerando que muitas delas, embora dispostas a compartilhar suas histórias, demonstravam vergonha ou desconforto ao falar sobre a prostituição. Como apontam Bastos e Santos (2013, p. 11), “a entrevista é um evento interacional em que os participantes utilizam elementos discursivos diversos a fim de criar e manter a interação social”. A atmosfera informal foi, portanto, essencial para promover uma escuta aberta e sincera.

h) Análise das narrativas: Após a realização das entrevistas, as gravações foram transcritas e analisadas com base nas três lâminas analíticas propostas por Biar, Orton e Bastos (2021). A análise não buscou uma verdade absoluta ou uma versão completa dos fatos, mas sim uma compreensão das experiências vividas e percebidas pelas mulheres que trabalham nas esquinas de Boa Vista. Como destacam Bastos e Santos (2013), “a entrevista é um evento interacional no qual as pessoas articulam a produção de identidades sociais”. Assim, a análise considerou não apenas os relatos, mas também os contextos sociais e a dinâmica interacional estabelecida entre pesquisador e participantes.

A pesquisa narrativa apresenta desafios tanto para as participantes quanto para o pesquisador, especialmente ao tratar de mulheres migrantes envolvidas na prostituição, que frequentemente hesitam em compartilhar aspectos mais delicados de suas histórias. Como observa Serpa (2010, p. 58), “as vozes das participantes, ao se cruzarem e se encontrarem, provocam novas experiências e deixam marcas”. Narrar suas histórias é, por si só, um ato de compartilhamento e resistência, permitindo dar voz a experiências que poderiam permanecer silenciadas.

Bastos (2004) enfatiza que a narrativa é uma construção social, indo além da simples representação de eventos passados. Nesse sentido, as histórias das mulheres migrantes em Boa Vista não apenas trazem suas vivências, mas também mostram como as identidades em constante formação. Para Bastos e Biar (2015), a narrativa é uma ferramenta poderosa para compreender como práticas discursivas moldam processos de resistência e reformulação identitária, destacando o papel central da linguagem na construção do "eu" narrativo.

Com base nos estudos de Wortham (2000), a pesquisa aborda as narrativas como "tijolos" fundamentais na construção identitária, destacando que as identidades não são fixas,

mas continuamente remodeladas por meio de interações sociais, como uma escultura em constante transformação. As entrevistas realizadas evidenciaram não apenas as histórias das participantes, mas também promoveram reflexões profundas sobre seus desafios, esperanças e sonhos. Nesse contexto, como ressalta Serpa (2010, p. 50), "a narrativa passa a ser vista como uma construção social", cujas histórias ultrapassam os limites desta pesquisa, alimentando debates mais amplos sobre migração e prostituição.

Para dar suporte a essas reflexões, a pesquisa estruturou-se em duas etapas metodológicas complementares:

1ª etapa - Entrevistas narrativas: As entrevistas buscaram ouvir as histórias das migrantes venezuelanas, permitindo compreender não apenas os eventos relatados, mas também a forma como as narradoras percebem o mundo ao seu redor. Segundo Bamberg e Georgakopoulou (2008), as narrativas são fundamentais para entender tanto as experiências vividas quanto os significados atribuídos pelas participantes.

2ª etapa - Diário de campo: O diário de campo foi utilizado para registrar detalhes essenciais, reflexões e observações durante o processo de coleta de dados, complementando as entrevistas. Como Falkenbach (1987) destaca, trata-se de um instrumento individual de anotações que permite ao pesquisador documentar de forma contínua e crítica os eventos observados. Beaud e Weber (2007) reforçam a importância do diário para registrar, de forma telegráfica, a progressão da pesquisa e insights relevantes para a análise.

O diário de campo desempenhou um papel essencial nesse processo, funcionando como um registro valioso para captar não apenas o conteúdo das entrevistas, mas também detalhes contextuais, interações e reflexões pessoais da pesquisadora. Durante a conversa com Anita, Carla e Gabriela, anotações foram feitas para complementar as gravações e enriquecer a análise dos dados, garantindo uma compreensão mais ampla das condições de trabalho e interações sociais no ambiente pesquisado.

Além disso, a conversa com Anita possibilitou retomar o contato com Carla Rodrigues, a primeira entrevistada. Após alguns desencontros, consegui encontrá-la em 25 de novembro de 2023, cerca de um ano e sete meses após nossa primeira entrevista. Durante essa conversa informal, perguntei a Carla sobre as mudanças em sua vida desde a última entrevista. Embora tenha aceitado conversar, Carla preferiu não permitir gravações, restringindo-se a um diálogo em que fiz anotações no diário de campo.

Essas anotações foram fundamentais para registrar os pontos relevantes compartilhados por Carla, respeitando seu desejo de confidencialidade. Apenas algumas informações dessa conversa foram utilizadas na análise dos dados desta pesquisa, enquanto as demais serão

preservadas para trabalhos futuros. O uso do diário de campo, nesse caso, assegurou que detalhes ricos e contextuais fossem registrados com fidelidade, complementando as narrativas e ampliando a profundidade da pesquisa.

A abordagem metodológica buscou aprofundar a compreensão das experiências das migrantes enquanto preservava suas vivências e identidades. A análise foi fundamentada nos estudos de Wortham (2000), centrando-se na construção identitária das mulheres como um processo interativo e discursivo. Durante as entrevistas, foram observadas tanto as interações sociais quanto os posicionamentos discursivos das participantes.

O foco da análise esteve em compreender os desafios enfrentados por essas mulheres no contexto brasileiro e como elas narram suas experiências. Por meio dessas narrativas, revelou-se o processo contínuo de construção de suas identidades como profissionais do sexo, reforçando a relevância da linguagem e da interação social na formação de suas trajetórias. Desse modo, a pesquisa não apenas revelou histórias pessoais dessas migrantes, mas também ampliou o entendimento sobre os processos de resistência e ressignificação que marcam suas trajetórias.

4.4 Procedimento de transcrição

Após a obtenção das entrevistas narrativas, é necessária a transcrição das narrativas para análise dos dados. Para Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p. 26), a transcrição é “o processo de transformar a fala gravada em forma escrita”. Ressalto que a transcrição realizada não possui uma regra única utilizada para esse procedimento.

Em relação à geração dos dados obtidos pela transcrição, Santos (2013) esclarece que esse é o processo de fixação da narrativa, sendo, portanto, essencial para a análise dos dados. Existem diferentes formas de transcrição, a depender do tipo de dado e da análise realizada. Para Biar, Orton e Bastos (2021, p. 238), “a transcrição nos faz também lidar com o grande inconveniente de tornar, por vezes, os dados inteligíveis para os eventuais leitores de demais disciplinas, ou para um público externo aos círculos acadêmicos”. Sendo assim, deve ser considerada no processo de transcrição a atenção para as características linguísticas e para que surtem nas conversas.

No presente estudo, a transcrição das falas das entrevistadas foi realizada sem a adoção estrita de um único método preestabelecido. As notações léxicas utilizadas baseiam-se nas orientações do projeto NURC (Norma Urbana Culta), além das marcações propostas por Marcuschi (1986) para abordagem de orientação textual-interativa, conforme discutido por

Jubran (2006). Essa abordagem permitiu uma transcrição adaptada e flexível, respeitando as características discursivas das participantes e o contexto interacional das entrevistas.

No que tange à perspectiva textual interativa, Mira (2016, p. 135) explica que “a concepção de linguagem da perspectiva textual-interativa (PTI) é fundamentada por uma abordagem pragmática que tem em seu escopo a noção de competência comunicativa”. Para o autor, é importante “a capacidade de manter a interação em situações de produção e compreensão de textos”. Assim, “é em função dessa convergência que o enfoque textual-interativo permite analisar de forma consistente as marcas textuais da construção do discurso no fluxo interacional da conversação” (Mira, 2026, p. 136).

A Perspectiva Textual-Interativa é uma abordagem teórica utilizada para explicar fenômenos tanto do texto falado, como é o caso das entrevistas narrativas, quanto do texto escrito, representado pela transcrição dessas narrativas. Conforme observa Mira (2016, p. 136), essa abordagem "atribui um maior peso à dimensão textual do que à dimensão interativa para conceituação do tópico como uma categoria analítica". No contexto deste estudo, isso se aplica à análise das transcrições das narrativas das participantes, analisadas sob essa perspectiva.

Um ponto relevante a ser destacado diz respeito ao fato de que as participantes são nativas de países de língua espanhola, mas utilizam a língua portuguesa como meio de comunicação. Nas transcrições, predomina a marca linguística e fonética do português; no entanto, é possível perceber a rítmica e a prosódia características do espanhol, embora isso não fique completamente evidente na transcrição. Esse fenômeno evidencia que, apesar do "apagamento" do espanhol devido à predominância da língua portuguesa, o espanhol permanece visível nas marcas de fala nativa dessas migrantes. O uso da língua portuguesa, em vez do espanhol, pode ser interpretado como reflexo da relação de superioridade da língua portuguesa no contexto em que as participantes exercem sua profissão, como será explorado na análise dos dados no próximo capítulo.

CAPÍTULO V – GANHANDO O PÃO NAS ESQUINAS DA VIDA

*Do que é que a fome é feita
se não tem gosto nem cor
não cheira nem fede a nada
e o nada é seu sabor.
Qual o endereço dela,
se ela tá lá na favela
ou nas brenhas do sertão?
É companheira da morte
mesmo assim não é mais forte
que um pedaço de pão.*
BESSA, Bráulio. Fome, 2019.

O ato de narrar, conforme Fabrício (2006, p. 192), constitui um conjunto “instaurador de realidades sociais”, o que possibilita um engajamento nas histórias e favorece uma recriação do tipo de pessoa que nós somos (Wortham, 2000). Ademais, quando relatamos nossas experiências, nós nos recriamos em diversos contextos sociais, pois, em consonância com Wortham (2000) e Moita Lopes (2006), não há como separar as nossas narrativas de nossas performances identitárias, como se vai observar nas narrativas das mulheres migrantes venezuelanas e prostitutas, que participam desta pesquisa.

Busca-se nesta seção entender como se estabelecem as relações de trabalho como prostitutas por meio das narrativas dessas mulheres migrantes venezuelanas ao escolherem a prostituição como ocupação laboral e assim identificar os problemas enfrentados por elas por serem mulheres, prostitutas e migrantes da Venezuela, na cidade de Boa Vista. Além disso, investiga-se como a identidade dessas venezuelanas se molda aos aspectos linguísticos no exercício da profissão como prostituta na cidade de Boa Vista-RR e os desafios que elas têm nesse exercício laboral em um país diferente.

5.1 As três Lâminas das Análises Narrativas

Com base nos estudos de Bastos e Biar (2015, p. 98), utiliza-se a análise de narrativa proposta pelas autoras que defendem “uma lente discursiva e interacional para o tratamento analítico das narrativas”. Por meio de sua proposta, as autoras objetivam “fornecer um guia de entrada na área, útil a pesquisadores de diferentes tradições interessados nessa interlocução” (Bastos; Biar, 2015, p. 98).

Ademais, para compreender os estudos narrativos, Biar, Orton, Bastos (2021, p. 243) propõem três lâminas “como forma de organizar o trabalho analítico tentando não perder de vista que uma boa análise precisa dar conta tanto da ordem social quanto da ordem interacional”. Com base nessas lâminas, as autoras direcionam “um caminho para o tipo de análise qualitativa e interpretativista que orienta a produção do NAVIS” (*idem*, p. 239) e dos estudiosos de análises de narrativas.

As autoras definem essa análise narrativa da seguinte forma: a primeira lâmina refere-se à análise da estrutura narrativa que “consiste em identificar e descrever a estrutura das narrativas, seus principais movimentos retóricos, as relações de sequencialidade, causalidade e coerência” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 241). Desse modo, “são perguntas de pesquisa bem delimitadas que uma análise dos dados deve ser capaz de responder diretamente”: Onde essa história começa? Até onde ela vai? O que constitui seu prefácio, sua ação complicadora, resolução e coda? Que avaliações são feitas durante a história e o que tudo isso indexa em relação ao modo como o narrador se posiciona em relação aos personagens e ações narradas?

A segunda lâmina está relacionada à análise da interação onde se examina o evento narrativo. Biar, Orton, Bastos (2021, p. 241) dizem que, nessa lâmina, têm-se “categorias analíticas oriundas da Sociolinguística Interacional”, e por isso fica mais fácil responder aos seguintes questionamentos: quais são as demandas expressivas do encontro? Como as narrativas e a construção de si do narrador podem estar respondendo a essas demandas? Em meio a que sequência de ações interacionais a narrativa emergiu? Que ação ela mesma parece performar essa sequência? Como os(as) participantes cooperam na construção da história? Como eventuais desconfortos e constrangimentos interacionais são negociados?

Por fim, na terceira e última lâmina, têm-se os embates discursivos. Biar, Orton, Bastos (2021, p. 242) explicam que aqui se “busca mapear os discursos emergentes na cadeia de enunciados da qual a(s) narrativa(s) sob escrutínio participa(m). E, assim, os questionamentos a serem respondidos são: Quais são os discursos que participam dos embates para legitimar sentidos concernentes ao contexto de pesquisa? Em que condições e conjunturas sócio-históricas eles foram/são produzidos? Que índices apontam para esses discursos? Como os(as) participantes parecem estar se posicionando em relação a esses discursos (aderindo, naturalizando, contestando?).

Com base nos estudos propostos por De Fina (2015), há uma conexão entre narrativa e identidade, e por meio das narrativas as identidades são manifestadas. A autora revela que as narrativas exteriorizam processos semióticos nos quais as pessoas edificam imagens delas

mesmas e dos outros. Nesse viés, Bastos e Biar (2015, p. 102-103) esclarecem que a análise de narrativas

(i) promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; (ii) se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos; (iii) reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade; (iv) nega a possibilidade de se delinear identidades estereotipadamente, como instituições pré-formadas, atentando para como atores sociais se constroem para fins locais de performance e (v) avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária.

Essas narrativas noticiam e ajustam tanto as identidades individuais quanto as coletivas. Wortham (2000) e Moita Lopes (2006) mostram que há uma indissociabilidade entre narrativas e performances identitárias. Isso ocorre porque as narrativas trazem conhecimentos que revelam como as pessoas são e agem em um contexto social e histórico, como o que se observou nas entrevistas com as mulheres migrantes venezuelanas prostitutas em Boa Vista.

5.2 Narrativas, sonhos e esperanças

Nesta seção, primeiramente explicita-se como Biar, Orton e Bastos (2021) descrevem cada lâmina da análise narrativa. Posteriormente, analisam-se as entrevistas com Carla Rodrigues, Gabriela Oliveira e Anita Suárez em conformidade com cada lâmina de análise.

Com base nas três Lâminas de Análise (Biar, Orton e Bastos, 2021), procura-se analisar a identificação da estrutura narrativa para se compreender como a narrativa emerge com as três entrevistadas (primeira lâmina); realizar o exame do evento narrativo e como as participantes colaboram na construção das histórias (segunda lâmina), e averiguar os embates discursivos com o mapeamento de discurso e valores que ultrapassam o contexto da pesquisa (terceira lâmina).

Com a vinda de migrantes venezuelanos para Boa Vista, Paula (2018) mostra que a cidade sofre um impacto muito grande nos serviços públicos: saúde, educação e segurança pública. Além disso, no ápice da migração no Estado de Roraima, entre 2015 e 2018, devido à dificuldade de conseguir emprego. Consequentemente, Lopes (2022) revela que esse cenário contribui para as migrantes venezuelanas começaram se prostituir como uma forma de sobrevivência, para guardar o dinheiro para trazer a família para o Brasil e/ou para mandar recursos para ajudar seus familiares na Venezuela. Essa realidade está de acordo com os estudos

de Ceccarelli (2011) ao mostrar a evolução da prostituição independente da nacionalidade e da classe social como ocorre com as migrantes venezuelanas.

Mesmo o ACNUR e a Operação Acolhida dando suporte aos migrantes, muitos deles preferiram conseguir emprego por seus próprios meios, em supermercados, lojas, serviços gerais, empregado doméstico, ou trabalhos autônomos como motorista de UBER, pedreiros, carpinteiros, mecânicos, pintores. No entanto, entre as mulheres, um número considerável de venezuelanas encontrou na prostituição nas esquinas da cidade de Boa Vista a abertura para trabalho.

5.2.1 Análise da narrativa de Carla Rodrigues

A primeira narrativa a ser analisada é de Carla Rodrigues, 28 anos, que estava há um ano e oito meses em Roraima. A análise da entrevista segue as três lâminas propostas por Biar, Orton e Bastos (2021), e faço um contraponto com os elementos propostos por Labov (1972). Inicialmente, Carla se mostrou envergonhada ao narrar sua trajetória de vida, como pode ser observado na transcrição de suas falas. No entanto, à medida que a entrevista avançava, ela se tornou mais participativa e aberta.

A entrevista ocorreu no local onde Carla exerce a prostituição, na esquina de Boa Vista. Para não prejudicar seu trabalho, optei por me sentar com ela na calçada, aguardando o final da tarde, já que ela mencionou trabalhar durante todos os turnos, dependendo da situação. Carla fez dois pedidos antes de iniciarmos: primeiro, que a gravação fosse apenas em áudio, sem vídeos; e segundo, que o nome utilizado na pesquisa fosse alterado para garantir sua privacidade.

A gravação foi realizada por meio de um telefone celular, e Carla começou sua narrativa explicando o nome que escolheu para ser identificada, sua idade e o tempo de permanência em Boa Vista.

Excerto 1 – Chegando a Roraima

- | | | |
|---|--------------|---|
| 1 | Carla | Oi:mi nome é Carla:Carla Rodrigues: êêêê: eu tenho vinte e oito anos, e êêeu tenho um ano e cinco meses já aqui... |
| 2 | pesquisadora | Puxa, mas você já fala bem o espa... ou... o português. Como é que você conseguiu... assim... assimilar a língua portuguesa com facilidade? |

- 3 Carla *É porqueee... é assim... é porque eu queria ter nem vontade de aprender, né? E também porque trabalhando na rua, né? Aí ... no... fala muito com muita pessoa... a maioria dos clientes, eles são brasileiros... eles... aí não tem que aprender, né? Quem tem vontade de aprender...aprende!*
- 4 pesquisadora *Há quanto tempo tu estás aqui?*
- 5 Carla *É... um ano e cinco meses já...*

Quanto à análise da estrutura narrativa correspondente à lâmina 1 proposta por Biar, Orton e Bastos (2021), fica-se sabendo onde essa história começa, observa-se que Carla situa sua narrativa indicando a idade dela e há quanto tempo ela está em Boa Vista como prostituta. Em consonância com as categorias labovianas, retomadas por Biar, Orton e Bastos (2021), a entrevista de Carla não apresenta resumo (apresentação breve sobre o que será a narrativa), um elemento optativo na narrativa. Em seu prefácio, na linha 1: “Oi:mi nome é Carla:Carla Rodrigues: êêêê: eu tenho vinte e oito anos, e êêeu tenho um ano e cinco meses já aqui...” é possível averiguar a **orientação** (conforme a estrutura laboviana), pois consiste em uma contextualização da história, identificando a entrevistada Carla (com quem), onde ocorre a narrativa (“aqui” - Boa Vista) e quando (agora - no momento da entrevista).

Na entrevista, chama atenção a fala de Carla ao se expressar na língua portuguesa com fluência muito boa para o tempo que ela está no Brasil, mas ainda se percebe uma nuance forte do espanhol. Assim, em uma mistura de espanhol e português, Carla compartilhou suas histórias e explicou sua proficiência em português como uma necessidade profissional para atender à demanda de sua clientela, conforme evidenciado na linha 3, no excerto 1: “*É porqueee... é assim... é porque eu queria ter nem vontade de aprender, né? E também porque trabalhando na rua, né? Aí ... no... fala muito com muita pessoa... a maioria dos clientes, eles **são brasileiros**... eles... aí não tem que aprender, né? Quem tem vontade de aprender...aprende!*²⁹”. Neste processo, a participante lembra a relevância de dominar o português para se destacar no mercado da prostituição em Boa Vista, onde a língua se torna um ponto central de conexão e, simultaneamente, de exclusão.

Quando, fora da gravação da entrevista, a pesquisadora questiona Carla sobre sua rapidez em aprender a língua portuguesa, ela responde que esse aprendizado foi crucial para o exercício de sua profissão (Diário de Campo, 24 de abril de 2022).

²⁹ Para fins de destaque, os trechos da entrevista, tanto por parte dos questionamentos da pesquisadora, quanto das respostas das participantes, durante o texto serão indicados na fonte *Courrier New*.

O exemplo de Carla ilustra como a língua exerce poder sobre os membros da sociedade. Desde os tempos mais remotos e em diversos contextos, é possível observar o poder de persuasão e dominação que a língua estabelece sobre o ser humano. A dominação e persuasão da língua são conceitos discutidos por Pierre Bourdieu (1996) e bell hooks (1994). Para ambos os autores, a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um instrumento de poder e dominação social. A dominação linguística se reflete nas desigualdades surgidas do valor atribuído a certos idiomas em contextos específicos, o que, no caso de Carla, favorece o uso do português em detrimento do espanhol.

Bourdieu (1996) descreve a língua como um "capital simbólico". Para ele, o poder que a língua exerce na sociedade está intimamente ligado ao contexto social e às relações de poder. Ele argumenta que, em sociedades como a brasileira, o português é valorizado e considerado a língua dominante, um capital linguístico de alta autoridade. Ao aprender o português, Carla adquire um "capital" que lhe permite se posicionar melhor no mercado de trabalho e se relacionar de forma mais eficaz com seus clientes. O domínio da língua portuguesa, portanto, se traduz em um meio de inserção social e profissional, permitindo que Carla se torne mais competitiva e eficiente no contexto em que vive.

Bourdieu também fala sobre o conceito de "mercado linguístico", onde os falantes de diferentes idiomas ou dialetos se inserem em campos sociais distintos, de acordo com o valor que a sociedade atribui a essas línguas. Nesse sentido, o espanhol de Carla, embora seja sua língua materna, não possui o mesmo valor social e econômico que o português no contexto de Boa Vista, Brasil. Assim, a habilidade de falar português se torna uma exigência para Carla, pois ela reconhece que, sem essa habilidade, sua capacidade de se comunicar com os clientes brasileiros seria limitada, o que afetaria negativamente sua posição no mercado da prostituição.

Para hooks, como dito acima, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço de "dominação" onde os grupos sociais estabelecem seu poder sobre os outros, pois é "um lugar onde nós fazemos de nós mesmos sujeitos" (hooks, 1994, p. 168). Assim, Carla, ao adotar a língua dominante (no caso, o português), não só adquire a capacidade de se comunicar, mas também se coloca dentro de um sistema de poder que exerce controle sobre aqueles que não dominam a língua. Por conseguinte, a migrante, ao optar por aprender e usar o português, não está apenas se adaptando ao ambiente de trabalho, mas também se inserindo em um sistema de poder linguístico que lhe proporciona vantagem.

A escolha de Carla de usar o português em vez do espanhol, portanto, pode ser vista como uma resposta às exigências do contexto social e profissional em que ela se encontra. Essa adaptação linguística não é apenas uma questão de comunicação, mas também de sobrevivência

e afirmação dentro de um mercado socialmente hierarquizado, onde a língua é um capital importante para a inclusão e o sucesso. Desse modo, o uso do português, em vez do espanhol, por Carla se configura como um espaço de poder, pois "as palavras se impõem, criam raízes na nossa memória contra a nossa vontade" (hooks, 1994, p. 167).

Esses conceitos de Bourdieu e hooks ajudam a entender como a língua, ao ser dominada e utilizada conforme as expectativas sociais, se torna uma ferramenta de persuasão e dominação que favorece Carla, permitindo-lhe não apenas se integrar melhor ao seu ambiente de trabalho, mas também consolidar seu espaço dentro da sociedade brasileira.

Na análise narrativa com base na lâmina 1, seguindo o modelo de Biar, Orton e Bastos (2021) e os preceitos de Labov, Carla inicia sua narrativa explicando a razão de contar sua história. Em seguida, avança para a complicação, detalhando como a necessidade de dominar o português se tornou essencial para o seu trabalho. Ela afirma, na linha 3: “(...) *ai não tem que aprender, né?*”. No desfecho, Carla revela o tempo que levou para aprender a língua: um ano e cinco meses, o que evidencia a exigência profissional e sua adaptação ao contexto social, marcando a transição de sua trajetória linguística no exercício da prostituição em Boa Vista.

As primeiras narrativas de Carla refletem diretamente sua chegada ao Brasil e o início das atividades nas esquinas. Ademais, ela situa sua narrativa no tempo em que está no país (um ano e cinco meses), relacionando esse período ao seu exercício profissional como prostituta e à necessidade de se expressar em um idioma diferente do seu.

Desse modo, a primeira lâmina, segundo Biar, Orton e Bastos (2021), refere-se à análise da estrutura da narrativa, focando na organização do conteúdo e nos elementos que compõem a história, pois aborda a construção da narrativa enquanto produto linguístico, observando como a história é formulada e como a participante escolhe apresentar os eventos. Nessa fase, a ênfase está na ordem dos fatos e na forma como as experiências são relatadas, enquanto na segunda lâmina, o foco recai sobre a interação entre o narrador e o ouvinte (pesquisador), considerando como a comunicação se desenrola e como as interações influenciam a construção e fluidez da narrativa. Juntas, essas duas lâminas permitem uma compreensão mais profunda tanto da estrutura quanto da dinâmica social e interacional que sustentam a narrativa.

A segunda lâmina de análise narrativa proposta por Biar, Orton e Bastos (2021), dentro do modelo de análise narrativa do Grupo NAVIS, concentra-se na análise da interação pragmática e interacional durante o processo de construção das histórias narradas. Ela foca nas relações construídas no contexto narrativo, ou seja, no modo como as participantes cooperam na construção da narrativa, e também nos desconfortos e constrangimentos que surgem durante essa interação. As autoras explicam que "essa lâmina lança luz sobre a ordem interacional, ou

seja, a dimensão situada em que as narrativas foram coproduzidas pelos(as) participantes". Dessa forma, a segunda lâmina foca no evento narrativo, analisando o momento específico em que a narrativa é contada.

Dentre as ações discursivas da segunda laminação, Biar, Orton e Bastos (2021) procuram entender como as participantes cooperam na construção da história e como eventuais desconfortos e constrangimentos são negociados. Em relação à cooperação para a construção narrativa, observa-se, no Excerto 2, que tanto a pesquisadora quanto a participante procuram estabelecer uma relação narrativa em que ambas interagem em uma evolução comunicativa fluida.

Excerto 2 – Dificil situação para viver

6	pesquisadora	Hummm... Agora me diga assim, o que que fez você sair da Venezuela para o Brasil?
7	Carla	É a situação de lá, tá muito ruim já.
8	pesquisadora	Como assim o que que acontece lá que faz... assim... porque a gente observa que é um fluxo muito grande de migrantes...
9	Carla	Por quê? Porque emprego ainda a gente consegue entendeu? Ainda se conseguia... mas... só que o... salário da gente era muito pouco... e assim como o salário era muito pouco... também a comida, o alimento tudo tá muito caro, entendeu? Aí a gente não consegue...se eu trabalhasse uma semana... me... meu salário de uma semana só dava para muito pouco... só para médio começo, só para eu comer, entendeu? Aí a gente não teria como comprar um... um calçado, como comprar uma blusa... uma calça, entendeu? Aí apareceu... a gente toma decisão de... de vir para outro país... procurando algo melhor.

Como observado na linha 6, na fala da pesquisadora, "*Hummm... Agora me diga assim, o que que fez você sair da Venezuela para o Brasil?*", usa-se a expressão "Hummm" como concordância com a fala anterior, na linha 5: "*É... um ano e cinco meses já...*". Nessa fala, Carla afirma o tempo que ela está no Brasil e já consegue se expressar em português. Essa demanda expressiva abre caminhos para a pergunta seguinte da pesquisadora: "*Agora me diga assim, o que que fez você sair da Venezuela para o Brasil?*".

A princípio, a participante não consegue ser direta em sua resposta, e ela responde de forma vaga, imprecisa ao questionamento: "*É a situação de lá, tá muito ruim já*".

A pesquisadora, em resposta, e buscando a fluidez do diálogo, expande a pergunta, insistindo na arguição com cautela e direciona para uma resposta com perguntas que conduzem a um direcionamento mais objetivo: *“Como assim o que que acontece lá que faz... assim... porque a gente observa que é um fluxo muito grande de migrantes...”*.

Sem se sentir acuada, Carla prontamente direciona a resposta para atender ao pedido proposto na indagação da pesquisadora e coopera com a construção narrativa, como se visualiza na linha 9:

“Por quê? Porque emprego ainda a gente consegue entendeu? Ainda se conseguia... mas... só que o... salário da gente era muito pouco... e assim como o salário era muito pouco... também a comida, o alimento tudo tá muito caro, entendeu? Aí a gente não consegue...se eu trabalhasse uma semana... me... meu salário de uma semana só dava para muito pouco... só para médio começo, só para eu comer, entendeu? Aí a gente não teria como comprar um... um calçado, como comprar uma blusa... uma calça, entendeu? Aí apareceu... a gente toma decisão de... de vir para outro país... procurando algo melhor”.

Nesse excerto, observa-se uma complicação em conformidade com a estrutura laboviana, pois, na concepção do autor, essa é parte principal da narrativa, visto que é onde ocorre uma série de eventos que levam à ação complicadora dos fatos narrados. Na concepção de Biar, Orton e Bastos (2021), esses fatos mostram como os participantes colaboram na construção da história (segunda Lâmina). Nesse momento, Carla explicita que a situação financeira da Venezuela não está boa e aponta que, no Brasil, há uma oportunidade de ela ter uma vida melhor em relação à alimentação e ao vestuário do que em seu país natal, ou seja, subsistência básica e consumo.

É possível observar que o diálogo entre a entrevistada e a pesquisadora, nas linhas 8 e 9, gera eventuais desconfortos e constrangimentos interacionais são negociados tanto na pergunta quanto na resposta dada. Ao se dirigir a Carla, afirmando e não indagando, *“porque a gente observa que é um fluxo muito grande de migrantes...”*, é possível visualizar esse constrangimento interacional por parte da pesquisadora. Como assim?

A participante da entrevista se sente livre para discorrer sobre as principais dificuldades que ela teve na Venezuela antes de decidir vir para o Brasil, ao dizer: *“Aí a gente não consegue...se eu trabalhasse uma semana... me... meu salário de*

uma semana só dava para muito pouco... só para médio começo, só para eu comer, entendeu?”.

O operador argumentativo “aí” usado por Carla expressa uma conclusão em relação à situação da Venezuela, pois denota uma causa que a leva a decidir sair de seu país: “Aí a gente não teria como comprar um... um calçado, como comprar uma blusa... uma calça, entendeu? Aí apareceu... a gente toma decisão de... de vir para outro país... procurando algo melhor”.

Essa sequencialidade nas justificativas dadas pela participante revela que ela está aberta para expor os motivos de sua decisão para a pesquisadora sem nenhum medo, receio ou vergonha, contribuindo para sequência de ações interacionais na narrativa produzida.

Na terceira lâmina, Biar, Orton e Bastos (2021, p 242) propõem os embates discursivos em que ocorrem os diálogos no discurso macro. Nessa etapa, as autoras explicam que é onde se procura mapear os discursos e valores emergentes na cadeia de enunciados a partir da interpretação discursiva que ultrapassam o contexto da pesquisa ao se buscar compreender quais são os discursos que participam dos embates para legitimar sentido (Moita Lopes, 2001).

Esse direcionamento dado por Moita Lopes (2001) corrobora para uma interpretação discursiva, como se observa nos dados gerados com Carla Rodrigues. O Excerto 3 serve de subsídio para fomentar o discurso na análise sequencial da narrativa de Carla Rodrigues em conformidade com a lâmina 3.

Excerto 3 – Na verdade, eu tentei sim

- | | | |
|----|--------------|--|
| 11 | Carla | No... Lá eu fazia de comerciante...eu trabalhava numa Panificadora... e assim sempre... e tentava fazer outra coisa, entendeu? Uma coisa... fazia outra... Teria vários empregos, na realidade... trabalhava como comerciante... trabalhava na Panificadora... e assim eu consegui me sustentar um pouquinho mais... |
| 12 | pesquisadora | O que que fez... assim... você vir trabalhar nas esquinas de Boa Vista? |
| 13 | Carla | Como é que é? Não entendi... |
| 14 | pesquisadora | Trabalhar nas esquinas de Boa Vista... |
| 15 | Carla | Não porque quando eu cheguei aqui ... a única... o único lugar onde soube que... que... que era ótimo... assim... para trabalhar era na esquina... entendeu? Aí desde quando cheguei aqui... no... Estou na rua... a gente trabalha... e aí vim para cá. |
| 16 | pesquisadora | Mas você consegue... consegue fazer... digamos assim.... ganhar o suficiente? |

17 Carla Ehhhh... apesar de que agora as coisas está (sic) ficando um pouquinho... um pouquinho ruim... porque se você ficar pensando aí... a energia tá mais cara... eh o gás está mais caro... a comida aí aumentando... a gente tem que pagar aluguel, tem que pagar água... tem que pagar energia...muita coisa. Ainda dá um pouquinho... porque a gente... porque ainda a gente trabalha aqui... entendeu? Porque... eu fico pensando que se... se ainda eu trabalhando aqui... ou trabalhando desse trabalho é difícil... fico pensando que em outro trabalho... eu acho que não daria... não dá... porque se para você que são brasileiro e tem sua casa própria é difícil... imagina para...para a gente... né? Que tem que pagar aluguel, que tem que pagar a água... tem que pagar energia... tem que mandar ainda dinheiro para Venezuela... para ajudar nossos familiares... entendeu? E aí um pouquinho...

Neste excerto, começa a narrativa sobre o trabalho de Carla, em contraponto entre o que ela exercia na Venezuela, como visto a partir da linha 11:

"No... Lá eu fazia de comerciante... eu trabalhava numa Panificadora... e assim sempre... e tentava fazer outra coisa, entendeu? Uma coisa... fazia outra... Teria vários empregos, na realidade... trabalhava como comerciante... trabalhava na Panificadora, e assim eu consegui me sustentar um pouquinho mais..."

Nesse excerto fica evidente que Carla não era prostituta antes de vir para o Brasil. Ela exercia outras atividades não condizentes com a prostituição. Os vários empregos que Carla tinha lá na Venezuela contrapõem-se em relação à atual atividade laboral que ela exerce atualmente em Boa Vista (linha 15): *"Não porque quando eu cheguei aqui ... a única... o único lugar onde soube que... que... que era ótimo... assim... para trabalhar era na esquina, entendeu? Aí desde quando cheguei aqui... no... Estou na rua... a gente trabalha... e aí vim para cá"*. Na linha 15, fica evidente que as esquinas de Boa Vista oferecem um ganho melhor do que os demais empregos tidos na Venezuela, pois Carla deixa claro que é *"o único lugar onde soube que... que... que era ótimo... assim... para trabalhar era na esquina, entendeu?"*. Ou seja, a visão que Carla tem de trabalhar nas esquinas é positiva e não constrangedora.

Se, por um lado, Carla demonstrou em seu discurso que a situação da Venezuela não era suficiente para manutenção básica de vida e satisfação de desejos (linha 9). Nesse trecho (linha 15), ela deixa clara a seguinte situação: na Venezuela, ainda que tivesse emprego, o

salário abarcava apenas a alimentação; no Brasil, as possibilidades de emprego – sem formação superior e com domínio na língua – permitem maior subsistência. Ao relatar sua experiência no Brasil, Carla classifica o trabalho nas esquinas como "ótimo" (linha 15), uma definição que remete à avaliação positiva das condições econômicas que ele proporciona, especialmente em comparação à situação anterior na Venezuela. Sua escolha pela prostituição, portanto, é marcada por uma lógica econômica e pragmática, fundamentada em uma análise das condições materiais de sobrevivência. De acordo com os estudos de Corrêa e Holanda (2012), o trabalho sexual, especialmente em contextos de migração e desigualdade, é frequentemente visto como uma alternativa economicamente mais rentável, que oferece ganhos imediatos em um sistema de consumo acelerado, no qual a busca por recursos financeiros e estabilidade é urgente.

Essa escolha pela prostituição é também respaldada pela ideia de uma estratégia de sobrevivência, dentro de uma estrutura de necessidades e desejos em um cenário de escassez. Ao optar por essa profissão, Carla está inserida em uma lógica de consumo que exige respostas rápidas e eficazes, onde a prostituição, por ser uma atividade que oferece retorno financeiro rápido, se apresenta como uma escolha viável. Esse fenômeno está de acordo com o conceito de "labor e sexo" discutido por Pelúcio (2005), Barrero (2005), Olivar (2010), Corrêa e Holanda (2012), Piscitelli (2013), Lopes (2022), Arruda-Barbosa et al (2023), que relacionam a prostituição como uma atividade laboral, como é o caso de migrantes em busca de melhores condições de vida.

O conceito de "sociedade de consumo", presente nos estudos de Corrêa; Holanda (2012) sobre a prostituição, destaca como o desejo por consumo imediato e a busca por status social criam uma demanda que muitas vezes sobrepõe questões morais ou legais. A prostituição, dentro dessa lógica, se torna não apenas uma necessidade econômica, mas também uma adaptação ao modelo consumista em que se espera que o indivíduo satisfaça rapidamente suas necessidades de bem-estar e sobrevivência. Corrêa e Holanda (2012) argumentam que a prostituição, nesse contexto, não é apenas uma profissão, mas uma resposta estratégica aos desafios impostos pela necessidade de adaptação a uma realidade econômica que prioriza a rapidez e a eficiência.

Portanto, a decisão de Carla de se inserir no mercado de prostituição não se dá apenas por uma questão de falta de opções, mas por uma análise das circunstâncias e da economia em que se encontra. Sua escolha reflete uma adaptação às exigências do sistema de consumo que permeia sua nova realidade no Brasil, e a prostituição se apresenta como um meio de atingir rapidamente uma condição de maior estabilidade financeira, ao mesmo tempo em que

ressignifica sua trajetória de vida frente às limitações impostas pela situação anterior na Venezuela.

Aqui, Carla demonstra a relação que faz entre prostituição e trabalho, como uma alternativa de emprego e remuneração como outra profissão qualquer e até de ascensão social (Piscitelli, 2013). Ao dizer “para trabalhar era na esquina”, Carla tem consciência de que a prostituição é um trabalho (Corrêa; Holanda, 2012), e a rua é o seu local de trabalho. Essa fala de Carla mostra dois fatos importantes na relação esquina *versus* prostituição.

O primeiro ponto relevante é que, ao afirmar que vai trabalhar na esquina de um bairro residencial como o Caimbé, Carla sinaliza uma mudança significativa no significado atribuído à prostituição e, conseqüentemente, à prostituta. A prostituição, neste contexto, adquire uma conotação mais específica, sendo vista como uma atividade laboral legítima que ocupa um espaço público, ao menos na perspectiva da migrante venezuelana. Este fato indica que, para Carla, a prostituição perde o estigma pejorativo comumente associado a ela e passa a ser reconhecida como uma profissão. Esse reconhecimento não se limita aos órgãos trabalhistas brasileiros, mas também se estende aos próprios moradores e às outras mulheres que exercem a profissão nas esquinas da cidade, como será observado na narrativa de Gabriela Oliveira, a segunda entrevistada.

Esse processo de ressignificação da prostituição como uma atividade profissional e laboral é corroborado pelo que Rodrigues (2009) preconiza, ao destacar que, em determinados contextos, a prostituição pode ser compreendida como um trabalho formal, com direitos e deveres, que permite às mulheres envolvidas a construção de suas identidades e a negociação de seu lugar na sociedade.

Assim, a narrativa de Carla evidencia não apenas uma mudança pessoal em relação à percepção de sua atividade, mas também aponta para uma transformação na maneira como a prostituição é socialmente reconhecida, especialmente no contexto das migrantes venezuelanas em Boa Vista. Desse modo, a prostituição passa a ser vista como uma atividade laboral comum, desafiando as concepções tradicionais que a associavam exclusivamente ao estigma e à marginalização. Essa transformação está alinhada com o processo de redefinição e ressignificação das práticas sexuais, que, segundo Rodrigues (2009, p. 69) é:

O processo de redefinição e ressignificação das práticas e comportamentos abertos pela transformação da sexualidade em uma qualidade do eu, abriu caminho à diversidade sexual crescente e promoveu o pluralismo, a partir de meados do século 20. Práticas antes consideradas perversões são ressignificadas e relocalizadas, como uma preferência entre outras, enquanto expressões da sexualidade.

O segundo fato analisado na fala de Carla é quando ela diz: *“Estou na rua... a gente trabalha... e aí vim para cá”*. Soa como se a rua fosse não só um local de trabalho, mas também de acolhimento. Sobre essa visão, Codognoto (2022, p. 117) afirma que:

Podemos dizer que muitas de nossas participantes buscaram no ambiente da prostituição lugares que as acolhessem das afrontas físicas, morais, psicológicas e sexuais vividas no seio familiar, com seus pais e companheiros, associadas à ocorrência de violência estrutural, gerada por um Estado que não tem possibilitado e, até mesmo dificultado, a equidade de direitos às pessoas não reprodutoras das questões dominantes de gêneros, das raça/cor e de classe social. Também evidenciamos que a prostituição atua como forma de subjetivação de muitas mulheres, a partir do momento em que elas se constituem mulheres, trabalhadoras, mães e arrimos de família.

A constituição de Carla como trabalhadora e arrimo da família se destaca na linha 17, quando ela diz que: *“Que tem que pagar aluguel, que tem que pagar a água, tem que pagar energia... tem que mandar ainda dinheiro para Venezuela... para ajudar nossos familiares, entendeu? E aí um pouquinho...”*. Nesse trecho, Carla revela que sua decisão de ir para as ruas não é motivada apenas por questões financeiras, mas também por uma preocupação com a família, que permanece na Venezuela, em relação à qual sente a responsabilidade de ajudar enviando dinheiro. De acordo com a teoria laboviana, esse momento pode ser classificado como a resolução da narrativa, pois representa a consequência da ação complicadora, marcando o desfecho da sequência de eventos que se desenvolveram anteriormente. É na resolução que a história atinge sua conclusão, quando a personagem compartilha o impacto e as implicações de suas escolhas.

Na linha 11, Carla evidencia que, na Venezuela, ela atuava em outras atividades que não a prostituição: *“Lá eu fazia de comerciante... eu trabalhava numa Panificadora”*. Na linha 17, Carla mostra que a prostituição é vista por ela como um trabalho sem a conotação sexual ao dizer: *“(...) porque ainda a gente trabalha aqui”*. Fica claro nesse trecho que Carla tinha outras experiências trabalhistas e que poderia exercê-las. Mesmo com vasto conhecimento em outras áreas profissionais, ela escolhe a prostituição, ou seja, não foi por falta de oportunidades ou experiências que ela não encontrou outra atividade laboral, mas evidencia seu livre arbítrio em ser uma profissional do sexo.

Fabrizio (2006) esclarece que as práticas discursivas, como ocorre com a entrevistada, não são neutras, visto que envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social. Como se

averigua na fala de Carla, ao fazer um contraponto entre as profissões exercidas por ela: na Venezuela ela era comerciária e trabalhava em panificadora, mas isso não era suficiente para suas necessidades financeiras. No entanto, no Brasil, ela é prostituta e consegue arcar com as despesas e ajudar a família.

Esse contexto evidencia uma relação de poder marcada pelo valor do que Carla recebia na Venezuela (como comerciária e padeira) e o que ela recebe no Brasil (como prostituta). Esse trabalho é o que permite que ela pague suas despesas e ainda ajude os familiares, como se verifica em sua fala, na linha 17: “(...) *pagar aluguel, que tem que pagar a água, tem que pagar energia... tem que mandar ainda dinheiro para Venezuela... para ajudar nossos familiares, entendeu?*”. Mesmo escolhendo o ofício de prostituta como profissão, somam-se à escolha as questões de suprir as necessidades financeiras de Carla no Brasil e dos familiares na Venezuela.

Na lâmina 3, procura-se identificar quais são os discursos utilizados por Carla para legitimar o sentido concernente ao contexto profissional dela. Um desses embates discursivos de legitimação é o sentido de uma ressignificação do ato de se prostituir (Rodrigues, 2009).

Em relação a esse embate discursivo, Moita Lopes (2001, p. 58) leva em consideração que os significados discursivos devido a sua natureza eminentemente social são construídos “pela ação em conjunto de participantes discursivos em práticas discursivas, situadas na história, na cultura e na instituição”, como Carla evidencia quanto às suas práticas profissionais na Venezuela e no Brasil.

Verifica-se essa significação discursiva se forma em condições e conjunturas sócio-históricas diferentes, pois, ao ser questionada qual era a profissão dela antes de vir para o Brasil, Carla deixa claro, ao dizer: “*No... Lá eu fazia de comerciante... eu trabalhava numa Panificadora... e assim sempre... e tentava fazer outra coisa, entendeu?*”. Ou seja, ela exercia outras atividades em seu país, e não a prostituição como exerce em Boa Vista. Não entendi a relação da tua afirmação com a fala.

A expressão “entendeu”, no final da explicação de Carla, soa como se necessitasse da compreensão da pesquisadora para assimilar essas diferenças laborais exercidas por ela, pois o discurso é entendido como dialógico, situado, e constitutivo da vida social (Moita Lopes, 2001, p. 58-59). Segundo Moita Lopes (2001), o discurso deve ser entendido como um fenômeno dialógico, situado e constitutivo da vida social. Isso significa que, no processo de comunicação, o significado não é estático nem unilateral; ele é negociado entre os participantes da interação, levando em conta o contexto e as relações sociais que envolvem o ato de fala. Nesse sentido, a

expressão “entendeu” reflete a tentativa de Carla de assegurar que sua mensagem foi recebida e interpretada pela pesquisadora de forma coerente com a intenção de seu discurso.

Ademais, A pergunta implícita em "entendeu" também pode ser vista como uma estratégia discursiva para buscar validação do conteúdo narrado. Carla, ao narrar suas experiências e diferenças laborais, pode estar lidando com questões de vulnerabilidade ou exposição pessoal, e ao inserir "entendeu", ela busca uma confirmação empática da pesquisadora, tentando garantir que suas escolhas e realidades foram compreendidas no contexto correto. Moita Lopes (2001) reforça que o discurso está sempre situado em um contexto específico, que influencia como as mensagens são construídas, percebidas e interpretadas. No caso de Carla, o contexto é a sua condição de migrante, profissional do sexo e falante de uma língua que não é a sua língua materna. A expressão “entendeu” pode refletir a necessidade de assegurar que a pesquisadora compreenda não apenas as palavras, mas também os desafios e diferenças que Carla enfrenta em sua prática laboral, conectando sua narrativa à dimensão social e cultural em que está inserida.

Conforme Moita Lopes (2001), o discurso não é apenas um reflexo das interações sociais, mas também constitui a vida social. Assim, a expressão “entendeu” evidencia a interação entre Carla e a pesquisadora como um momento de construção conjunta de significados, onde o narrador (Carla) está diretamente engajado em moldar a forma como sua história será percebida e incorporada à pesquisa. Assim, a expressão “entendeu” carrega uma dimensão pragmática, emocional e interacional, que vai além de uma simples busca por compreensão literal. Ela reflete o papel ativo de Carla como narradora de sua própria história, reafirmando a importância do discurso como um meio de negociar significados e construir sentidos dentro de um contexto social e dialógico, como descrito por Moita Lopes (2001).

Nesse aspecto, Ao analisar os trechos do excerto 4 a seguir, percebe-se que o trabalho de prostituição desempenha, para Carla, um papel que vai além da simples obtenção de renda. Essa atividade configura-se como uma estratégia de sobrevivência não apenas individual, mas também coletiva, uma vez que parte do dinheiro obtido é destinado ao sustento e apoio de familiares que permanecem na Venezuela. A prostituição, para Carla, transcende a ideia de um simples meio de obtenção de renda; ela se apresenta como uma ferramenta essencial de manutenção de sua vida cotidiana, atendendo tanto às suas próprias necessidades básicas quanto às suas necessidades básicas e às demandas sociais e econômicas de um cenário marcado pela vulnerabilidade e pela crise em seu país, como se visualiza no excerto 4:

Excerto 4 – A esquina para manutenção de vida

- 10 pesquisadora Mas lá na Venezuela, como eh... Qual era o teu trabalho antes de vir para o Brasil?
- 11 Carla No... Lá eu fazia de comerciante... eu trabalhava numa Panificadora... e assim sempre... e tentava fazer outra coisa, entendeu? Uma coisa... fazia outra... Teria vários empregos, na realidade... trabalhava como comerciante... trabalhava na Panificadora, e assim eu consegui me sustentar um pouquinho mais...
- 12 pesquisadora O que que fez... assim... você vir trabalhar nas esquinas de Boa Vista?
- 13 Carla Como é que é? Não entendi...
- 14 pesquisadora Trabalhar nas esquinas de Boa Vista...
- 15 Carla Não porque quando eu cheguei aqui ... a única... o único lugar onde soube que... que... que era ótimo... assim... para trabalhar era na esquina... entendeu? Ai desde quando cheguei aqui... no... Estou na rua... a gente trabalha... e aí vim para cá.
- 16 pesquisadora Mas você consegue... consegue fazer... digamos assim... ganhar o suficiente?
- 17 Carla Ehhh... apesar de que agora as coisas está (sic) ficando um pouquinho... um pouquinho ruim... porque se você ficar pensando aí... a energia tá mais cara... eh o gás está mais caro... a comida aí aumentando... a gente tem que pagar aluguel, tem que pagar água, tem que pagar energia... muita coisa. Ainda dá um pouquinho... porque a gente... porque ainda a gente trabalha aqui, entendeu? Porque... eu fico pensando que se... se ainda eu trabalhando aqui... ou trabalhando desse trabalho é difícil... ficou pensando que em outro trabalho... eu acho que não daria... não dá... porque se para você que são brasileiro e tem sua casa própria é difícil, imagina para... para a gente, né? Que tem que pagar aluguel, que tem que pagar a água, tem que pagar energia... tem que mandar ainda dinheiro para Venezuela... para ajudar nossos familiares, entendeu? E aí um pouquinho...

A pesquisadora continua, então, a conversa, como observado no excerto 4, na linha 12: “O que que fez... assim... você vir trabalhar nas esquinas de Boa Vista?”. Ao ser indagada, Carla, a princípio, parece não entender o teor da questão e fica em dúvida sobre o que isso significa, mas quando a pesquisadora ratifica: “Trabalhar nas esquinas de Boa Vista...”, imediatamente Carla compreende que se trata do fato de ela se prostituir nas ruas. Nesse contexto discursivo, observa-se um posicionamento de adesão ao discurso que associa as esquinas de Boa Vista à prostituição, reforçando essa conexão

como parte da realidade vivida pela participante. O processo linguístico observado parte da compreensão de índices que apontam para esses discursos, como o que Moita Lopes (2001, p. 58-59) defende, ao considerar três pontos fundamentais para o estudo do discurso: dialógico, situado, e constitutivo da vida social.

Moita Lopes (2001, p. 58-59) explica que a dialogicidade faz referência ao fato de que o discurso está sempre dirigido a alguém, porque “Não há discurso sem interlocução, i.e., sem que a alteridade seja um fator integrante do discurso”. Quanto à situacionalidade, esta relaciona-se ao fato de que todo discurso está situado em um contexto sociocultural, histórico e institucional, que, no dizer de Moita Lopes (2001, p. 58), significa que “Não há discurso que ocorra em um vácuo social (...) a história, a cultura, e a instituição (...) nos fazem ser quem somos e nos posicionam no mundo social”. A constitutiva do discurso alude ao contexto do discurso como ação, “através da qual os participantes discursivos se constroem, constroem os outros e, portanto, constituem o mundo social”.

Nesse contexto discursivo, é possível ratificar, mais uma vez, que um dos fatos que levam Carla a exercer a prostituição como profissão está muito ligado ao aspecto financeiro quando ela narra, na linha 17, que: “(...) ... eu fico pensando que se... se ainda eu trabalhando aqui... ou trabalhando desse trabalho é difícil... ficou pensando que em outro trabalho... eu acho que não daria... não dá... (...)”. Neste trecho, fica claro que Carla não considera a possibilidade de exercer outro tipo de trabalho que não seja a prostituição, pois acredita que qualquer outra ocupação não atenderia às suas necessidades financeiras. Esse posicionamento é um exemplo da **avaliação** na teoria laboviana, que corresponde ao momento em que o narrador justifica a razão de sua narrativa e reafirma a importância de sua história. No caso de Carla, ela contextualiza sua escolha e a importância desse trabalho para sua sobrevivência.

Ao finalizar a análise da lâmina 3, é importante recorrer a Moita Lopes (2001, p. 58), que enfatiza que, para compreender as práticas discursivas, é essencial considerar “as contingências macrosociais sob as quais se vive”. No caso de Carla, essas contingências são marcadas pelas condições de vida e trabalho que enfrentou antes e depois de sua chegada a Boa Vista, refletindo a realidade de muitas migrantes em situações vulneráveis.

Conforme afirma Moita Lopes (2001, p. 60), “ocupamos lugares diferentes na vida social no exercício do poder, que nos posicionam de forma diferenciada nas assimetrias/simetrias interacionais, o que não quer dizer que essas não possam ser revertidas”. Isso significa que, por meio da interação social, as pessoas constroem e ressignificam suas identidades, negociando seus significados dentro de um contexto sócio-histórico e cultural

contínuo. No caso de Carla, a prostituição, o sexo e o trabalho são constantemente ressignificados, refletindo a mudança de concepções sobre esses temas ao longo do tempo e nas diferentes esferas de sua vida.

Portanto, a narrativa de Carla revela não apenas suas escolhas e estratégias de sobrevivência, mas também como ela negocia sua identidade e posicionamento social dentro de um contexto migratório e de trabalho que desafia as normas sociais.

5.2.2 Análise da narrativa de Gabriela Oliveira

A segunda entrevistada é Gabriela Oliveira, nome fictício escolhido por ela para esta narrativa. A entrevista foi realizada no dia 23 de junho de 2022, em uma das esquinas da cidade de Boa Vista, onde ela estava trabalhando. Enquanto os clientes não a abordavam, eu me apresentei a ela, expliquei minha pesquisa. A princípio, ela ficou apreensiva e não quis participar, mas, enquanto conversávamos e eu explicava como seria a entrevista, a análise e os resultados do estudo, ela começou a se interessar e aceitou participar.

Na narrativa da primeira participante, Carla Rodrigues – que está em Boa Vista há somente um ano e cinco meses –, é possível entender que ela precisou de pouco tempo para se expressar em língua portuguesa, em especial com os seus clientes. Na narrativa da segunda entrevistada, Gabriela Oliveira – que reside em Boa Vista há quatro anos –, é possível perceber que igualmente fala a língua portuguesa como sua colega de profissão. Apesar de mais tempo no Brasil do que Carla, Gabriela tem menos domínio da língua portuguesa. Gabriela também prefere usar um nome fictício, não ter sua imagem gravada ou fotografada, e somente permitiu a gravação de sua voz.

Gabriela, em sua narrativa, revela que mora sozinha e destaca um aspecto crucial para o desempenho de sua profissão: a dedicação à malhação para manter seu corpo em forma. Para ela, o corpo não é apenas um atributo pessoal, mas sim seu principal instrumento de trabalho, que precisa estar impecável para garantir o sucesso em sua atividade. A manutenção dessa forma física é vista como uma necessidade profissional, uma vez que o corpo é a principal ferramenta para a atração de clientes e para sua subsistência.

Segundo os dados do Diário de Campo e as conversas informais, Gabriela admite que a prática regular de atividades físicas é uma exigência imposta pelo trabalho que exerce. Ela considera a manutenção de um corpo bem malhado como essencial para se manter competitiva no mercado da prostituição, compreendendo que seu corpo precisa atender a determinados padrões estéticos para atrair clientes. Ao destacar o corpo como sua ferramenta de trabalho,

Gabriela evidencia a interdependência entre sua imagem e a sustentabilidade econômica de sua profissão.

Essa visão pode ser fundamentada nas ideias de Bourdieu (1996), que discute o conceito de "capital simbólico". Para o autor, o corpo e a imagem de uma pessoa funcionam como ativos dentro do campo social em que ela atua, especialmente em contextos como o de Gabriela. Manter seu corpo em boa forma representa, para ela, uma estratégia de acumulação de capital simbólico, essencial para garantir sua posição e sobrevivência no mercado de trabalho. Dessa forma, a valorização estética e o cuidado com a imagem se tornam práticas de resistência e adaptação dentro das dinâmicas sociais e profissionais que definem sua realidade.

Um dado interessante a ser destacado é que Gabriela Oliveira expressa claramente sua preferência por ser chamada de "prostituta". No entanto, em conformidade com práticas acadêmicas, opto por me referir às entrevistadas como "profissionais do sexo", de modo a respeitar a diversidade de experiências e a complexidade da profissão que exercem nas esquinas de Boa Vista. Essa escolha também se alinha com a proposta de regularização da profissão, como defendido pelo Projeto de Lei 4211/2012, conhecido como PL Gabriela Leite, de autoria do ex-deputado federal Jean Wyllys. Esse projeto visa reconhecer e regulamentar a profissão de prostituta, garantindo direitos trabalhistas, segurança e dignidade para as pessoas que exercem essa atividade, contribuindo para uma abordagem mais humanizada e legalizada da prostituição no Brasil. A regularização da profissão, ao tornar o trabalho sexual mais seguro e reconhecido legalmente, é fundamental para combater a marginalização e promover melhores condições de vida e trabalho para essas profissionais.

No excerto 5, a narrativa de Gabriela é analisada com base nas lâminas propostas por Biar, Orton e Bastos (2021), que orientam a reflexão sobre as narrativas de vida e as práticas discursivas, destacando a forma como os sujeitos constroem sentidos e experiências a partir de suas trajetórias. Essas lâminas, ao focarem as dimensões da resistência e da subjetividade, permitem compreender como Gabriela, ao relatar sua história, constrói uma narrativa de resistência como migrante e na escolha em exercer sua profissão nas esquinas de Boa Vista.

Excerto 5 – Quatro anos nas esquinas de Boa Vista

1	pesquisadora	Como é o teu nome?
2	Gabriela	Oi, meu nome ééé...Gabriela.
3	pesquisadora	Gabrieelaaa ???
4	Gabriela	Éééé... Oliveira
5	pesquisadora	Tá... Qual é tua idade Gabriela?
6	Gabriela	Vinte e cinco anos
7	pesquisadora	Há quanto tempo tu estás aqui em Bo Vista?
8	Gabriela	Quatro anos...

Em relação à primeira lâmina, a narrativa começa com a pesquisadora perguntando o nome da entrevistada, que cita de modo aleatório o nome de “Gabriela” para evitar revelar seu nome verdadeiro como se visualiza na linha 2: *“Oi, meu nome ééé...Gabriela”*. Tem-se aqui breve apresentação da entrevistada como proposta por Labov (1973).

A pesquisadora pede para que Gabriela aponte um sobrenome, e ela também escolhe um de forma casual. Posteriormente, nas linhas 1 a 8, segue o disposto da **orientação** nos estudos de Labov (1973), em que, além de seu nome, ela informa sua idade e o tempo que está na cidade. Essas informações são suficientes para constituir o perfil da entrevistada e a análise de sua narrativa como garota de programa em Boa Vista. Esses dados consistem em uma contextualização da história, identificando o que aconteceu, com quem, onde e quando.

Ao se partir para a realização do exame do evento narrativo e identificar como os participantes colaboram na construção da história (análise da segunda lâmina), verifica-se que Gabriela ainda se mostra apreensiva para responder aos questionamentos da pesquisadora, dificultando a interação entre a pesquisadora e a entrevistada. Nas linhas 2, 4, 6 e 8 respectivamente, Gabriela se mostra detida em responder e, quando responde, o faz de forma muito sucinta:

*“Oi, meu nome ééé:...Gabriela.
Éééé... Oliveira.
Vinte e cinco anos.
Quatro anos...”*

Gabriela responde às perguntas de maneira direta e concisa, muitas vezes com poucas palavras, evidenciando um certo constrangimento inicial em participar da entrevista. Essa postura de inibição está relacionada à sua primeira negativa em participar da pesquisa. Diante dessa resistência, a pesquisadora adota uma estratégia para contornar a situação, buscando conduzir a entrevista de forma mais fluida e espontânea, alinhada com a proposta de Hymes (1972) sobre a realização da entrevista como uma conversa. À medida que a entrevista avança, observa-se uma interação crescente entre a pesquisadora e a entrevistada, o que demonstra que, apesar da inibição inicial, a conversa passa a seguir um fluxo mais natural e colaborativo.

Esse processo de transição revela que "a conversa não é uma ação tão caótica quanto parece e que as pessoas se organizam socialmente através da fala" (Silva; Andrade; Ostermann, 2009, p. 3). Ou seja, a fala e a interação entre as partes vão se estruturando socialmente, permitindo que, com o tempo, a entrevistada se sinta mais à vontade e disposta a compartilhar sua experiência de forma mais aberta, o que contribui para o aprofundamento da análise e compreensão do contexto em que ela se insere.

A atitude inicial de Gabriela, ao se mostrar retraída e relutante em "se revelar" durante a entrevista, está alinhada com a afirmação de Bamberg e Georgakopoulou (2008), que destacam que as pessoas, ao contar suas histórias, representam sua relação com o mundo e expressam suas múltiplas identidades. Diferente de Carla Rodrigues, que se apresentou de forma mais receptiva e aberta durante a entrevista, Gabriela adota uma postura mais reservada, evidenciando uma forma distinta de se posicionar narrativamente.

Essa reação de Gabriela pode ser compreendida à luz das observações de Flannery (2015), que afirma que as histórias estão profundamente entrelaçadas com a vida das pessoas. Nesse sentido, Gabriela, ao manter uma atitude mais contida e retraída, pode estar utilizando essa postura como uma estratégia para narrar seus medos, inseguranças e anseios relacionados à sua experiência enquanto prostituta. Assim, a maneira como ela se posiciona durante a entrevista reflete as complexidades de sua identidade e as dificuldades que ela enfrenta ao lidar com as questões pessoais e profissionais relacionadas à sua trajetória, oferecendo uma visão mais intimista e complexa de sua história.

Desse modo, na sequência de ações interacionais em que a narrativa emerge, observa-se o processo de interação discutido por Nasser e Oushiro (2010, p. 3), explicando que:

em situações conversacionais, os falantes sabem, de acordo com a competência adquirida, quando e o que falar, e para quem, quando, onde, de que modo. Dessa forma, na ocasião da entrevista sociolinguística, os participantes têm consciência dos papéis que lhe são atribuídos.

No excerto 6, ao examinar o evento narrativo (segunda lâmina), observa-se que Gabriela, antes de sua migração, possuía formação universitária e exercia uma profissão diferente em seu país de origem. No entanto, ao chegar a Boa Vista, ela começa a trabalhar como prostituta. Esse ponto na narrativa marca uma mudança significativa na sua trajetória, refletindo não apenas uma adaptação às condições socioeconômicas do novo contexto, mas também uma transformação em sua identidade profissional.

A partir desse momento, Gabriela começa a interagir de forma mais aberta e confortável com a pesquisadora, o que é claramente perceptível no excerto 6. Esse aumento na interação sugere que, à medida que ela compartilha sua história, há uma negociação de sua identidade e uma construção de sentido sobre sua nova profissão, o que também pode ser compreendido como um processo de autoafirmação dentro do contexto social e profissional em que está inserida.

Excerto 6 – De assistente administrativo à prostituta

9	pesquisadora	Me diz uma coisa...assim... o que fez você vir da Venezuela para Boa Vista e tá... trabalhar nas esquinas? Você sempre trabalhou aqui nas esquinas ou já teve outros trabalhos?
10	Gabriela	Não... eu já tive outros trabalhos, e o que me fez eu vir para cá foi a crise do meu país
11	pesquisadora	E assim... outra oportunidade de trabalho aqui... você teve?... ou não?
12	Gabriela	No, eu procurei muitas vezes levei meu currículo, mas nunca fui chamada, então aqui, a gente tem que pagar as coisas, enfim, aí eu tevo que trabalhar na rua.
13	pesquisadora	Me diz assim uma coisa... antes de você vim parar no Brasil tu já trabalhava...assim... como profissional do sexo lá na Venezuela?
14	Gabriela	Não... eu sou formada e eu trabalhava lá em uma empresa de assistente administrativo, e só aqui no Brasil foi que eu comecei a trabalhar de... de... garota de programa
15	pesquisadora	Qual era a tua profissão antes lá na Venezuela
16	Gabriela	Administração
17	pesquisadora	E tua família sabe que você trabalha nas esquinas?
18	Gabriela	Não...não sabe no...
19	pesquisadora	Mas aqui no Brasil você mora com quem?
20	Gabriela	Eu moro sozinha...

Na sequência, a pesquisadora questionou sobre sua vida pregressa, como observado na linha 9 do excerto acima: *“Me diz uma coisa...assim... o que fez você vir da Venezuela para Boa Vista e tá... trabalhar nas esquinas? Você sempre trabalhou aqui nas esquinas ou já teve outros trabalhos?”* Gabriela destaca que a prostituição não era sua profissão anterior na Venezuela, já explicando a razão pela qual ela migrou para o Brasil, como observado na linha 10: *“Não... eu já tive outros trabalhos, e o que me fez eu vir para cá foi a crise do meu país”*. Visualiza-se, na linha 10, que Gabriela, assim como Carla, exerciam profissões na Venezuela completamente diferentes da prostituição.

Com base na terceira lâmina, têm-se os posicionamentos interacionais entre a pesquisadora e a entrevistada em que se verificam os embates discursivos propostos por Biar, Orton, Bastos (2021). Primeiramente, na linha 11, ao indagar: *“E assim... outra oportunidade de trabalho aqui... você teve?... ou não?”*, a pesquisadora procura entender o porquê de a entrevistada ter optado em escolher ser garota de

programa nas esquinas de Boa Vista, e se isso ocorreu pela falta de oportunidade ou não de outro tipo de emprego. Isso tudo não está no trecho.

Gabriela, na linha 12, explica que *“No, eu procurei muitas vezes levei meu currículo, mas nunca fui chamada, então aqui, a gente tem que pagar as coisas, enfim, aí eu teve que trabalhar na rua”*. Com essa fala, ela deixa claro que tentou buscar outro tipo de emprego, mas não teve sucesso. Esse esclarecimento é reforçado na linha 13, quando a pesquisadora questiona: *“Me diz assim uma coisa... antes de você vim parar no Brasil tu já trabalhava... assim... como profissional do sexo lá na Venezuela?”*. Gabriela responde, na linha 14, que possuía outra atividade profissional: *“Não... eu sou formada e eu trabalhava lá em uma empresa de assistente administrativo, e só aqui no Brasil foi que eu comecei a trabalhar de... de... garota de programa”*. Essa troca revela o contexto de Gabriela, que, inicialmente, teve outras aspirações profissionais e buscou empregos formais, mas, diante das dificuldades econômicas e da falta de oportunidade, se viu obrigada a recorrer ao trabalho na rua, marcando uma transição significativa em sua trajetória profissional. Essa narrativa também evidencia a diferença entre as expectativas iniciais de trabalho e a realidade imposta pelas condições sociais e econômicas que ela vive em Boa Vista.

Gabriela ratifica, nesse trecho, que somente começa a exercer a prostituição como labor após sair de seu país. No excerto 13, pela análise laboviana, tem-se a **ação complicadora** na narrativa de Gabriela, pois consiste em uma série de eventos acontecidos no passado (saída da Venezuela, procura por emprego, não conseguir emprego, apesar de suas qualificações e ser formada em Assistente Administrativo) que levam a uma ação complicadora que desencadeia os fatos narrados (decisão de trabalhar como prostituta em Boa Vista).

E, assim, a narrativa da entrevistada evolui sem mais nenhum eventual desconforto ou constrangimentos, pois os posicionamentos interacionais entre as duas (segunda lâmina) são negociados por perguntas e respostas que vão se construindo com o decorrer da narrativa, com Gabriela respondendo estritamente ao que lhe é perguntado.

No fragmento 14, Gabriela revela duas realidades laborais distintas: a vivenciada na Venezuela e a do Brasil. Esse relato corrobora com o que é observado em estudos de Paula (2018), Cambricoli (2018), Lopes (2022) e Arruda-Barbosa et al. (2024), que apontam as dificuldades enfrentadas por migrantes venezuelanos em Boa Vista para se inserirem no mercado de trabalho. Esses pesquisadores destacam que, apesar de muitos migrantes possuírem

qualificações profissionais, a falta de reconhecimento de seus diplomas e as barreiras linguísticas e culturais dificultam sua integração nas profissões que exerciam em seus países de origem, levando-os a buscar alternativas de subsistência, como o trabalho na prostituição, que se configura como uma estratégia de sobrevivência diante das limitações impostas pela nova realidade social e econômica.

A dificuldade de inserção no mercado de trabalho se deve, em certa medida, também à xenofobia, a partir de discursos que apontam os venezuelanos como causadores de impacto negativo, como violência e perda de vagas de emprego. Esse discurso é utilizado “de maneira frequente tanto por classes pobres (cooptadas pelo discurso de ódio propagado pela elite) como pela classe média e burguesia (essas duas em maior grau)”, conforme destacam Ismael e Nascimento (2022, p. 9). Esses pesquisadores apontam que, entre 2016 e 2019, 96.459 carteiras de trabalho foram emitidas a migrantes venezuelanos no Brasil, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas. Dizem também que venezuelanos se inserem, majoritariamente, no comércio e restaurantes, mas também na construção civil e limpeza.

Fagundes (2019) levanta dados em relação à migração venezuelana no Brasil, em especial em Roraima, e denúncias no Radar da Subsecretaria de Inspeção de Trabalho (SIT), a partir do Painel de Informações e Estatísticas da Inspeção do Trabalho no Brasil, de situações de trabalho análogo à escravidão: casos encontrados desde 2009, totalizando, entre 2009 e 2019, 91 pessoas encontradas nessas condições. Desse total, 19 eram venezuelanos – o primeiro migrante venezuelano foi encontrado em 2017, só em 2018 foram resgatados 12 venezuelanos nessa situação. Desses, a maioria (91% era homens, com idade escolar até o 9º ano e idade média de 35 anos). Nenhuma formalização trabalhista, trabalho infantil, condições degradantes de trabalho e moradia, sem equipamentos de segurança, sem instalação sanitária, alimentação precária, são algumas das situações enfrentadas pelos migrantes, que, de acordo com Fagundes (2019), aceitaram trabalhar nessas condições devido a uma extrema vulnerabilidade social, sob qualquer valor de pagamento, muitas vezes para ter onde dormir/passar a noite. E então?

O embate discursivo na fala de Gabriela (lâmina 3) evidencia que a prostituição não se trata de uma primeira escolha para ela, visto que diz ter procurado outros empregos antes de escolher a prostituição. A entrevistada, inclusive, afirma que é formada (linha 14) e que buscou outras formas de inserção no mercado de trabalho brasileiro. Não se sabe se a prostituição era a última alternativa de Gabriela ou não, mas fica explícito que não foi a primeira. Embora tenha saído da Venezuela devido aos problemas econômicos observados em seu país de origem, estar no Brasil também não é simples ou fácil. Como pesquisadora, é possível destacar a própria

comunicação como uma barreira, haja visto que o português de Gabriela é menos fluente do que Carla, por exemplo.

É, na relação do discurso e da realidade, observada na entrevista de Gabriela, que se faz um contraponto, mesmo que ela não tenha optado pela prostituição em primeiro lugar, a migrante percebe sua profissão atual como o meio que a permitiu se tornar independente e garantir sua manutenção de vida, como observado no excerto 7:

Excerto 7 – No tou precisando

- | | | |
|----|--------------|---|
| 21 | pesquisadora | E, assim, quando você chegou aqui... a gente tem alguns programas como a ACNUR, o projeto daaa... do governo federal...né...que dá amparo aos migrantes venezuelanos... assim, eles nunca te deram apoio nesse sentido? |
| 22 | Gabriela | No, eu nunca também procurei no, porque eu cheguei... eu procurei trabalho, mas eu comecei a trabalhar na rua, e graças a meu trabalho aqui na rua eu consegui a me independizar, comprar minhas coisas, pagar minhas coisas... tudo... então nunca procurei também não... e até agora... no tou precisando... graças a Deus. |
| 23 | pesquisadora | Ah... e assim... vocês pensam algum dia voltar para a Venezuela ou você acha que as oportunidades de trabalho aqui no Brasil estão bem melhores do que lá? |
| 24 | Gabriela | Ééé... eu penso voltar sim, mas por enquanto no, porque eu tou bem aqui... no tenho nada mal para falar de Boa Vista, né... que é o estado que me acolheu, mas... é... por enquanto eu penso em continuar aqui em ... no sei quando eu voltar... para lá |
| 25 | pesquisadora | Em relação a questão do acolhimento das pessoas aqui, como que é esse tratamento com vocês? |
| 26 | Gabriela | Ééé... tá sido bom... comigo bom... Graças a Deus. Não tive problemas até agora com ninguém... de xenofobia... nada! |
| 27 | pesquisadora | Em relação...assim... a profissão de vocês, vocês acham que tem algum problema? Em relação às pessoas... chegar a passar... às vezes aqui na rua, na esquina, soltar piada ou não? Como é que é esse relacionamento? Com os vizinhos, com as pessoas que moram aqui no bairro, com os clientes... |

- 28 Gabriela Antigamente era muito complicado já que tinha aquelas pessoas, né, que soltavam piada, passavam filmando... "ah, as venecas... ah, as prostitutas", enfim, mas agora... já os vizinhos... eles não falam nada. Eles nos tratam de boa, respeitam nosso trabalho, e no tem nada assim para falar... cada um está na sua... nós trabalhamos aqui, no mexemos com os vizinhos e eles no mexem com nós. E é isso.
- 29 pesquisadora Em relação à questão identitária de vocês, vocês acham ... assim... que o fato de vocês virem para o Brasil, para Boa Vista mexe o aspecto da identidade de vocês... assim... de vocês tentar... porque a gente tem alguns estudiosos como Stuart Hall que ele diz que nós... a partir do momento que a gente sai da nossa terra, a gente adquire, assimila o conceito da terra onde a gente se instala... Isso tá acontecendo contigo... assim... ah, os valores, ahh identidade aqui do Brasil... tu acha que isso... tu tá assimilando como venezuelana ou não?
- 30 Gabriela É sim... eu acho que eu tenho... tipo... eh... toda minha documentação... tá tudo certo... no sei... eu assimilo tudo... eeu... graças a Deus tá tudo bem comigo, né? comigo ... eh, os brasileiros... tá ótimo para mim.
- 31 pesquisadora Em relação assim a estudo, vocês sabem que... tem programas inclusive da universidade federal que ela dá acolhimento e apoio pros venezuelanos até para entrar para fazer curso superior. Você, assim, já chegou para vocês esses programas?
- 32 Gabriela Não... não... não... no chegou no.
- 33 pesquisadora Mas se surgir essa oportunidade de você fazer um curso superior aqui na Universidade Federal de Roraima... você estaria disposta... vocês estariam dispostas???
- 34 Gabriela Tipo eu pessoalmente não faria... por enquanto... Eu quero fazer outra... éhhh... (estalando a língua)... éhhh.. fazer outros estudos, né, a parte dos que eu já tenho, mas... por enquanto no tou preocupada com isso... tô com outros objetivos...
- 35 pesquisadora Ah, o governo federal, ele tem um programa também que leva venezuelanos para outros lugares do Brasil. Já aconteceu assim com vocês... de surgir essa oportunidade?
- 36 Gabriela Éhh... essa oportunidade aí se a gente procurar, né, mas nós temos tempo morando aqui... ênto por enquanto não temos interesse de morar para outro estado... mas temos outros colegas que já foram embora e foram levados e acolhidos pra lá... outro estado.

- 37 pesquisadora É verdade a operação acolhida ela tenta fa... dar esse apoio humanitário para os migrantes venezuelanos dando uma condição de vida melhor. Eu gostaria de saber de vocês em relação a isso... alguma vez alguém da operação acolhida chegou a conversar com vocês ou não?
- 38 Gabriela Não... não
- 39 Gabriela É porque é assim... é simples: eu não procurei nada disso, porque já estou estabelecida aqui... então não procurei
- 40 pesquisadora Quando vocês procuram trabalhar assim nas esquinas saía muita matérias chamando vocês de "ochentas"... (risos)...
- 41 Gabriela É saiu muito isso...
- 42 pesquisadora ... me diz uma coisa qual é o pro.. valor hoje do programa de vocês... desculpe-me a curiosidade
- 43 Gabriela É cem reais...dependendo do freguês pode chegar ate 150 reais.
- 44 pesquisadora Mas... assim... há uma discriminação do cliente dizer assim olha "eu prefiro as venezuelanas do que as brasileiras ou prefiro as brasileiras do que as venezuelanas...
- 45 Gabriela É porque é assim... teem aquele negócio que eles nos procuram a nós porque é outra mulher né... ehh outra mulher já bastante diferenciada e têm brasileiras aqui que elas fazem programa ou que ela tem outro jeito de trabalhar que nós não temos. Então nós ficamos mais... ehh você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo... ehh assim... nós cobramos por médio de oitenta a cem reais, mas... ehh.. eles não têm direito a fazer quase nada... na verdade, mas ele gusta por isso ele nos procuram, né? E as brasileiras trabalham doutro jeito, então a gente tem que respeitar uma coisa da outra.
- 46 pesquisadora Há discriminação...assim... entre as meninas profissionais do sexo brasileiras em relação a vocês ou não? Ou vocês conseguem con... conviver e trabalhar sem uma passar... querer prejudicar o trabalho de vocês e vice-versa?
- 47 Gabriela Ehh, antigamente, aqui, as brasileiras... ela... hum... mexiam muito com nós, tipo "ah, vai pra su país, nós vamos trabalhar aqui" e tal, mas... já... tipo... há passado bastante tempo já... a gente já... tipo.. tá acostumado... Então elas trabalham... normalmente em boate, e nós trabalhamos na rua, entendeu? Então, eh... lugares diferentes...
- 48 pesquisadora Eu queria entender isso, gente, por que assim na rua... por que essa opção pela... a rua... pelas esquinas?

- 49 Gabriela É porque quando a gente chegou aqui... eh... nós procuramos assim a rua, mas tem mulheres tanto brasileiras como venezuelanas que ela trabalham pelo site, entendeu? Então cada aqui trabalha seu jeito, mas... assim... nós já tamos acostumados aqui... corremos perigo, sim... mas, a gente fica aqui.
- 50 pesquisadora Os clientes vocês, assim, respeitam vocês... tratam vocês bem, porque eu tive algumas entrevistas com outras meninas, e elas me disseram que tem alguns que chegam, às vezes, a agredir.
- 51 Gabriela Algum, tem algum que eles são bem ignorante, bem grossos, mas no todos, no todos... son bem pouquinhos, mas si tem... tem... eles gostam... tipo, assim... se eles veem uma menina que é nova, ele vai... tentam se aproveitar...esse tipo de coisa... mas quando ele sabe que é uma menina que já tem tempo... eh... já ele fica tranquila, ele se comporta, porque ela que nós já sabemos lidar com esse tipo de coisa. Então é isso.
- 52 pesquisadora Tá bom, meninas, obrigada... agradeço a vocês...

Ao ser questionada pela pesquisadora, na linha 21, sobre a ajuda recebida do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), responsável pela Operação Acolhida e pelo apoio a migrantes e refugiados, Gabriela revelou que nunca procurou esse tipo de assistência. Esse fato levanta algumas questões: a não procura poderia estar relacionada a um receio da migrante em relação ao governo, a um desconhecimento sobre a possibilidade de apoio, a uma insatisfação com o atendimento de outros migrantes ou ainda a outros fatores pessoais ou contextuais? Essa ausência de busca por apoio pode, portanto, ser vista como um reflexo das dificuldades enfrentadas por Gabriela, seja pela falta de informações adequadas, seja pela percepção de que as entidades governamentais ou não governamentais não atendem suas necessidades. Ao ser indagada sobre os motivos dessa escolha, ela afirmou não ter interesse em procurar apoio, o que pode refletir um posicionamento pessoal ou uma percepção de auto-suficiência frente aos desafios encontrados no Brasil.

Além disso, Gabriela revela que não tem interesse em buscar outros programas de apoio, pois, segundo ela, já se considera estabilizada na sua situação atual. Na linha 39, ela explica: *“É porque é assim... é simпло: eu não procuré nada disso, porque já estou estabelecida aqui... êntõ ñõ procurei”*. Esse posicionamento sugere que, para Gabriela, o exercício da prostituição lhe proporciona uma sensação de estabilidade, uma vez que já se vê inserida no mercado de trabalho e capaz de suprir suas necessidades. Essa percepção de estabilidade, no entanto, pode ser vista de forma contrastante

com a realidade de outras migrantes venezuelanas, como as que atuam na prostituição na Colômbia, onde o trabalho nas esquinas muitas vezes envolve uma precarização extrema. Essas mulheres chegam a vender seus corpos por valores extremamente baixos, como menos de US\$ 2, o que corresponde a aproximadamente doze reais no Brasil. Esse contraste evidencia que a suposta "estabilidade" de Gabriela, embora presente em seu contexto imediato, pode ser relativa e condicionar-se às dinâmicas de mercado e aos desafios enfrentados pelas migrantes em situações similares, mas com realidades de valorização e condições de trabalho bem distintas.

Enquanto Gabriela já se considera estabelecida com a profissão que exerce, nas condições de trabalho que está e com a contrapartida financeira da situação, mesmo que a situação incorra em uma percepção externa de vulnerabilidade – não apenas pela venda do corpo, mas também a outros tipos de violência –, é possível dizer que ela está em uma situação financeira confortável e/ou favorável? Ou cabe a discussão de que, para os padrões necessários de manutenção de vida, na sua perspectiva, a profissão de prostituta é suficiente para sua (sub) existência?

O contexto mencionado por Gabriela é propício para deixar claro que, a partir de 2017, a prostituição de venezuelanas avançou com a migração em massa para Roraima, sendo marcada pela prostituição dessas mulheres migrantes nas esquinas de Boa Vista, conforme mostram os estudos de Paula (2018), Cambricoli (2018), Lopes (2022) e Arruda-Barbosa *et al.* (2024)³⁰.

Mas, no atual contexto de 2023/2024 (Arruda-Barbosa *et al.*, 2024), algumas dessas profissionais do sexo permanecem na atividade como relatado na narrativa de Gabriela. Assim, apesar de alguns programas de assistência do poder público, é possível entender que exercer a atividade da prostituição depende de uma série de fatores. Se, por um lado, o governo, em teoria, oferta formas de inserção de trabalho, por outro lado, a própria percepção das trabalhadoras do sexo é de que o que elas recebem é suficiente para que elas não busquem outras alternativas quando inseridas nessa atividade.

Narrativas das profissionais do sexo do centro de Fortaleza, no Ceará, descritas na tese de Santos (2016, p. 62) demonstram que muitas profissionais do sexo:

³⁰ Moradores contam que a presença de garotas de programa nas calçadas se intensificou com o aumento da imigração venezuelana na cidade. Antes, dizem eles, duas ou três casas noturnas do bairro reuniam garotas de programa brasileiras, mas elas trabalhavam apenas dentro dos estabelecimentos. “Agora são dez quarteirões tomados. Tem gente que faz sexo ao ar livre, tem tráfico de drogas. Minha mulher e minhas filhas não podem sair na rua porque são confundidas com prostitutas. A gente está preso dentro da própria casa”, diz um servidor público de 48 anos que mora no bairro há 12. (Revista **Isto é Dinheiro**, 22/04/2018, [online]).

Iniciaram na atividade não por necessidade, tampouco a única opção. Tinham alternativas e continuam tendo. Poderiam ter outra profissão. Algumas até tiveram, mas foi no meretrício que suas expectativas financeiras foram alcançadas. Elas estão na zona porque querem.

Embora Gabriela tenha procurado outras formas de trabalho no início, sua permanência na atividade se deu, como ela mesma aponta, pela resposta alcançada com sua independência e manutenção de existência. Gabriela, que trabalha como profissional do sexo nas esquinas de Boa Vista há quatro anos, explica que, depois de se tornar independente, não procurou mais outras atividades, como se vê na linha 22:

“No, eu nunca também procurei no, porque eu cheguei... eu procurei trabalho, mas eu comecei a trabalhar na rua, e graças a meu trabalho aqui na rua eu consegui a me independizar, comprar minhas coisas, pagar minhas coisas... tudo... então nunca procurei também não... e até agora... no tou precisando... graças a Deus”.

Gabriela esclarece que o trabalho como garota de programa nas esquinas de Boa Vista lhe oferece uma independência financeira que influencia em sua decisão de não ir em busca de ajuda do governo brasileiro ou de outras assistências dadas pelas ONGs e organizações religiosas aos migrantes venezuelanos no Brasil.

Gabriela também demonstra que não tem interesse, atualmente, em voltar para a Venezuela, como pode ser observado na interação a partir da linha 23: *“Ah... e assim... vocês pensam algum dia voltar para a Venezuela ou você acha que as oportunidades de trabalho aqui no Brasil estão bem melhores do que lá”.* Mesmo morando sozinha e estando sem a família em Boa Vista, como visto na linha 20, responde, na linha 24, que não pensa nisso no presente momento: *“Eéé... eu penso voltar sim, mas por enquanto no, porque eu tou bem aqui... no tenho nada mal para falar de Boa Vista, né... que é o estado que me acolheu, mas... é... por enquanto eu penso em continuar aqui em ... no sei quando eu voltar... para lá.”.* Essa preferência em permanecer no Brasil, ao invés de retornar à terra natal, está associada aos aspectos financeiros, como apontam Blanchette e Silva (2011), visto que, no Brasil, Gabriela consegue se manter economicamente (linha 10) e se sente bem acolhida em solo nacional (linha 24).

Esse posicionamento de Gabriela corrobora aspectos que Corrêa e Holanda (2012) vão apontar na representação simbólica para classificar o mundo e as relações nesse ínterim: no caso de Gabriela, o êxito da vida financeira como prostituta nas esquinas lhe oferece uma

condição de vida melhor do que na Venezuela. Essa ideia de representação é uma forma de construir uma identidade de normalidade com a profissão de prostituta exercida no Brasil (Souza, 2007).

Essa razão de se sentir aceita e não ter nunca sofrido xenofobia por ser migrante venezuelana, Gabriela diz, na linha 26: *“Ééé... tá sido bom... comigo bom... Graças a Deus. Não tive problemas até agora com ninguém... de xenofobia... nada!”*. Essa declaração contradiz muitas notícias veiculadas pelos meios de comunicação em relação a atos xenofóbicos ocorridos em Roraima. Ao ser indagada, na linha 46, se ela sofria discriminação por ser uma migrante prostituta, ela afirma: *“Há discriminação... assim... entre as meninas profissionais do sexo brasileiras em relação a vocês ou não? Ou vocês conseguem con... conviver e trabalhar sem uma passar... querer prejudicar o trabalho de vocês e vice-versa?”*

Gabriela responde, entretanto, que, no início do exercício de sua profissão, isso ocorreu, mas que não há mais problemas quanto a isso. Esse fato se comprova em sua fala, observada na linha 47:

“Ehh, antigamente, aqui, as brasileiras... ela... hum... mexiam muito com nós, tipo “ah, vai pra su país, nós vamos trabalhar aqui” e tal, mas... já... tipo... há passado bastante tempo já... a gente já... tipo.. tá acostumado... Entõ elas trabalham... normalmente em boate, e nós trabalhamos na rua, entendeu? Entõ, eh... lugares diferentes...”

Ressalta-se que Gabriela atua como prostituta há quatro anos, e acompanhou essas mudanças de tratamento dos moradores em relação às prostitutas migrantes venezuelanas.

Cabe a menção do tratamento diferenciado dado às prostitutas brasileiras e às venezuelanas: enquanto as brasileiras têm um espaço físico menos exposto às intempéries – seja do clima, seja das possibilidades de violência, como roubo, furto, entre outros –, as venezuelanas têm, por decorrência, o espaço da rua. Um espaço fechado, com público pagante pressupõe uma organização e segurança maior, enquanto trabalhar diretamente nas ruas não fornece segurança mínima, a não ser da própria segurança pública. Além do mais, as casas fechadas podem impor regras de conduta, de respeito e até mesmo de tratamento destinado às profissionais, o que, novamente, no espaço aberto não é possível – e aqui, cabe talvez até a

questão de que a própria comunicação e linguagem das migrantes possam ser outro obstáculo para impor limites aos clientes e transeuntes.

Por outro lado, observa-se certa aceitação delas nas esquinas pelos demais membros da sociedade quando a entrevistadora lhe pergunta, na linha 27, em relação à reação dos vizinhos, uma vez que o foco do local onde elas atuam como prostitutas é um bairro residencial:

"Em relação...assim... a profissão de vocês, vocês acham que tem algum problema? Em relação às pessoas... chegar a passar... às vezes aqui na rua, na esquina, soltar piada ou não? Como é que é esse relacionamento? Com os vizinhos, com as pessoas que moram aqui no bairro, com os clientes... "

Na linha 28, Gabriela expõe que no início foi um pouco difícil em decorrência de outras pessoas que passavam pelo local:

"Antigamente era muito complicado já que tinha aquelas pessoas, né, que soltavam piada, passavam filmando... "ah, as venecas... ah, as prostitutas", enfim, mas agora... já os vizinhos... eles não falam nada. Eles nos tratam de boa, respeitam nosso trabalho, e no tem nada assim para falar... cada um está na sua...nós trabalhamos aqui, no mexemos com os vizinhos e eles no mexem com nós. E é isso".

Essa aceitação pode ser interpretada como uma limitação de convivência, que ocorre de uma forma tácita como um pacto de que ninguém mexe com ninguém. Essa fala de Gabriela também corrobora com o pensamento abordado anteriormente, de que trabalhar na rua expõe as profissionais a determinadas ações que trabalhar em espaços fechados pode ser mais contido ou controlado. Nas ruas – mesmo que ela aponte que isso tenha melhorado –, as profissionais estão expostas a qualquer um – vizinho em acordo com a presença delas, ou transeuntes mal-intencionados.

Ao ser indagada se o valor do programa sexual ainda está em consonância com a alcunha de serem conhecidas como "ochentas", na linha 40, *"Quando vocês procuram trabalhar assim nas esquinas saía muita matérias chamando vocês de "ochentas"..."*, Gabriela não confirma o atual valor do programa sexual por esse valor (linha 43), mas, por cem reais, podendo chegar a cento e cinquenta reais, dependendo do cliente: *"É cem reais...dependendo do freguês pode chegar até 150*

reais". Oitenta, cem, ou cento cinquenta reais, verifica-se nas esquinas de Boa Vista que "ochentas" tornou-se sinônimo de prostituta migrante venezuelana.

No excerto anterior, é possível perceber que a vida de Gabriela nas ruas de Boa Vista é resultado de uma transformação no cenário da prostituição de migrantes em Roraima. Com o tempo, a atividade se estabeleceu como uma opção de trabalho para muitas mulheres venezuelanas, e os preços cobrados pelos serviços sexuais passaram por um aumento significativo. De acordo com Cambricoli (2018), os programas oferecidos pelas prostitutas venezuelanas em Roraima eram inicialmente avaliados entre 30 a 50 reais, mas, conforme os relatos de Gabriela na linha 43, atualmente esse valor varia de 100 a 150 reais. Esse aumento reflete não apenas a adaptação das migrantes ao mercado local, mas também a mudança na dinâmica da prostituição em Boa Vista, em resposta às novas condições econômicas e às necessidades das trabalhadoras do sexo.

Contudo, surge uma contradição na fala de Gabriela, registrada na linha 45, quando ela afirma que o preço do programa sexual varia entre oitenta e cem reais devido ao fato de as prostitutas venezuelanas não permitirem que seus clientes façam tudo o que desejam, ao contrário do que ocorre com as prostitutas brasileiras. Essa afirmação sugere uma diferença nas práticas e na negociação do serviço entre as mulheres de diferentes origens, indicando que, embora os preços possam ser semelhantes, as condições e as expectativas em relação aos serviços prestados podem variar conforme as identidades culturais e as condições de trabalho. Essa contradição aponta para a complexidade do mercado de prostituição em Boa Vista e para as dinâmicas de poder e negociação que as migrantes precisam enfrentar, ajustando-se a diferentes demandas e expectativas dos clientes.

Ao ser questionada sobre a continuidade do valor do programa sexual associado à alcunha de "ochentas", na linha 40, "*Quando vocês procuram trabalhar assim nas esquinas saía muita matérias chamando vocês de "ochentas"...*", Gabriela não confirma que o valor atual se refira ao preço de oitenta reais, como sugerido, mas afirma que o valor médio é de cem reais, podendo chegar até cento e cinquenta reais, dependendo do cliente: "*É cem reais...dependendo do freguês pode chegar até 150 reais*", (linha 43). Assim, o termo "ochentas", utilizado para se referir às prostitutas migrantes venezuelanas em Boa Vista, embora originado de um valor inferior, passou a simbolizar as trabalhadoras sexuais venezuelanas nas esquinas da cidade, independentemente de uma atualização nos preços.

Esse contexto revela que a vida de Gabriela nas ruas de Boa Vista reflete uma transformação no mercado da prostituição de migrantes em Roraima. A atividade, inicialmente com programas avaliados em 30 a 50 reais (Cambricoli, 2018), evoluiu para valores mais altos, com programas variando atualmente de 100 a 150 reais, conforme observado no relato de Gabriela. Esse aumento pode ser interpretado como uma mudança nas condições do mercado local, influenciada por uma crescente demanda e pela adaptação das prostitutas migrantes, que ajustaram seus preços conforme o tempo e a necessidade de garantir sua subsistência.

No entanto, há uma contradição na fala de Gabriela, quando ela afirma, na linha 45, que o valor do programa sexual varia de oitenta a cem reais devido a uma diferenciação na conduta das prostitutas venezuelanas, que não permitem que seus clientes façam tudo o que desejam, ao contrário do comportamento das prostitutas brasileiras. Essa justificativa levanta questões sobre a negociação de poder no contexto da prostituição, já que a variação no valor do serviço poderia estar associada a outras condições, como a identidade e a origem nacional das trabalhadoras sexuais, mas não necessariamente a uma prática de restrição no atendimento. Esse discurso, portanto, sugere uma possível disputa de poder e uma forma de resistência ao mercado local, no qual as prostitutas brasileiras tradicionalmente detêm maior visibilidade e aceitação:

"É porque é assim... teem aquele negócio que eles nos procuram a nós porque é outra mulher né... ehh outra mulher já bastante diferenciada e têm brasileiras aqui que elas fazem programa ou que ela tem outro jeito de trabalhar que nós não temos. Então nós ficamos mais... ehh você não puede fazer isso, você não pode fazer aquilo... ehh assim... nós cobramos por médio de oitenta a cem reais, mas... ehh.. eles não têm direito a fazer quase nada... na verdade, mas ele gusta por isso ele nos procuram, né? E as brasileiras trabalham doutro jeito, êntõ a gente tem que respeitar uma coisa da outra".

Gabriela destaca que a diferença entre as prostitutas venezuelanas e brasileiras não está apenas na nacionalidade e no preço dos serviços, mas também no tipo de atendimento prestado. Segundo ela, as prostitutas venezuelanas não permitem que seus clientes façam tudo o que desejam durante o programa sexual, o que representa uma distinção significativa em relação às práticas observadas entre as trabalhadoras brasileiras. Essa afirmação sugere que, enquanto as prostitutas brasileiras podem oferecer uma gama de serviços mais flexíveis ou menos restritivos, as venezuelanas impõem certos limites, possivelmente como uma forma de manter

algum controle sobre sua atividade e preservar sua autonomia no contexto da prostituição. Esse comportamento pode ser visto como uma estratégia de negociação de poder, em que as trabalhadoras sexuais venezuelanas tentam estabelecer uma fronteira para o tipo de interação que aceitam, diferenciando-se, assim, das práticas mais flexíveis que podem ser atribuídas às profissionais brasileiras.

Outro fato importante é quanto à exposição das profissionais do sexo venezuelanas e ao relacionamento com os demais moradores dos bairros onde elas exercem a profissão e em relação à situação de convivência entre eles, que sofreu uma mudança de acordo com os relatos descritos por Gabriela, na linha 40: *“Quando vocês procuram trabalhar assim nas esquinas saía muita matérias chamando vocês de “ochentas”... (risos)...* Nesse excerto, fica evidente pelos fatos narrados por Gabriela que foi reduzido o estranhamento e o enfrentamento com os moradores do bairro residencial onde se prostituem as “Ochentas”. Isso, por muitas vezes, exigiu providências das autoridades em decorrência das queixas dos moradores sobre a presença das garotas de programa (Folha de São Paulo, 2017).

Na linha 49, Gabriela revela que as esquinas foram uma opção de escolha das venezuelanas para praticar a prostituição e se diferenciarem das prostitutas brasileiras, uma vez que existem outras formas de se prostituírem mesmo algumas vezes correndo perigo:

“É porque quando a gente chegou aqui... eh... nós procuramos assim a rua, mas tem mulheres tanto brasileiras como venezuelanas que ela trabalham pelo site, entendeu? Então cada aqui trabalha seu jeito, mas... assim... nós já tamos acostumados aqui... corremos perigo, sim... mas, a gente fica aqui”.

Desse modo, com base nos embates discursivos propostos na lâmina 3 de Biar, Orton e Bastos (2021), os discursos e valores que ultrapassam o contexto da pesquisa inferem que, apesar de todos os riscos, muitas migrantes venezuelanas optam por se prostituir por escolhas próprias, visto que poderia haver alternativas de exercerem outra profissão. Em relação à estrutura laboviana, a linha 49 do excerto 7 representa a **avaliação** por ser o momento em que o narrador justifica por que está narrando e reafirma a relevância de sua história. A avaliação externa a atitude do narrador face à narrativa, enunciando o seu alinhamento perante o que ele conta (Labov, 1972).

Com base nos embates discursivos propostos por Biar, Orton e Bastos (2021), os discursos e valores presentes na narrativa de Gabriela extrapolam o contexto específico da

pesquisa, sugerindo que, apesar dos riscos envolvidos, muitas migrantes venezuelanas escolhem se prostituir, embora pudessem, teoricamente, optar por outras profissões. Esse comportamento pode ser entendido como uma escolha diante das circunstâncias socioeconômicas e ressignificações das migrantes em relação a profissão de prostituta. A opção pela prostituição, portanto, parece estar atrelada a uma racionalidade pragmática, onde o exercício da prostituição se configura como uma forma de garantir a estabilidade financeira.

Em relação à análise laboviana, a linha 49 do excerto 7 se configura como a **avaliação** da narrativa, um momento crucial em que o narrador justifica a relevância de sua história, explicando por que a está compartilhando. Nesse ponto, Gabriela não apenas reitera sua situação, mas também posiciona sua experiência dentro de um contexto mais amplo de escolhas profissionais. A avaliação, conforme Labov (1972), externa a atitude do narrador frente à sua narrativa, deixando claro seu alinhamento com os acontecimentos que está relatando. Ao fazer isso, Gabriela reconfirma sua vivência no contexto da prostituição como uma decisão contextualizada pelas condições de sua realidade migratória e econômica.

Logo, a análise narrativa de Gabriela revela como suas escolhas refletem uma adaptação às circunstâncias impostas pelo contexto socioeconômico de Boa Vista. As decisões de Gabriela, e de muitas migrantes venezuelanas, ilustram as complexas interações entre identidade, trabalho e sobrevivência, destacando o papel da narrativa como uma ferramenta de compreensão dessas experiências.

5.2.3 Análise da narrativa de Anita Suárez

A entrevista número três foi realizada com a participante Anita Suárez (nome fictício escolhido por ela), no dia 4 de novembro de 2023, na esquina onde trabalha como profissional do sexo. Antes da gravação da entrevista, eu mantive um contato prévio com Anita para expor a minha pesquisa para ela, e lhe falei do objetivo desse estudo. Posteriormente, ela concordou participar da pesquisa e assinou o TCLE.

Para iniciar a entrevista com Anita Suárez, eu tive uma grande preocupação em encontrar um ambiente mais acolhedor possível para ela poder falar sem se sentir pressionada. Para tanto, a entrevista foi realizada no “ponto” onde ela trabalha como prostituta, e nos sentamos na calçada embaixo de uma árvore para podermos conversar. Ela estava junto com mais outras seis prostitutas migrantes venezuelanas que trabalham com ela nesse local.

Após o contato inicial, passamos algum tempo conversando. Mediadas pela empatia, falamos de assuntos triviais antes de eu iniciar a gravação com o gravador de meu celular. Posso

afirmar que esse foi um momento de grande aprendizagem por estar ouvindo alguém, dispor de extratos de sua vida e, talvez, para ela também, que pode confiar, contar, ser ouvida e falar, às vezes, de outras questões, não diretamente relacionadas ao estudo. Essas reflexões contribuíram para meu conhecimento em relação à vida dessas mulheres que escolhem as esquinas de Boa Vista como meio de ganhar “o pão nosso de cada dia”.

No Excerto 8, verifica-se que Anita, tal qual Gabriela, já trabalha nas esquinas de Boa Vista desde que chegou ao Brasil e há mais de quatro anos é prostituta.

Excerto 8 – Cinco anos de Brasil

- | | | |
|---|--------------|--|
| 1 | pesquisadora | Boa tarde. Estamos aqui nas esquinas de Boa Vista, mais uma vez, para conversar com uma das nossas meninas, que a gente está fazendo o trabalho com elas, e aí.. ela gentilmente vai me conceder essa entrevista. Olá, como é o teu nome, amiga? |
| 2 | Anita | É...Olá boa tarde. Oi... Boa tarde. Meu nome é Anita Suárez. |
| 3 | pesquisadora | Oooi Anitta! Qual é tua idade Anita? |
| 4 | Anita | Minha idade é...25 anos. |
| 5 | pesquisadora | Você está já está há muito tempo aqui em Boa Vista? |
| 6 | Anita | Tenho cinco anos. |

Quanto à análise da estrutura narrativa correspondente à lâmina 1 proposta por Biar, Orton, Bastos (2021), Anita se apresenta, tendo 25 anos e, no Brasil, há cinco anos, como observado na linha 2, 4 e 6:

*"É: .Olá boa tarde. Oi... Boa tarde. Meu nome é Anita Suárez.
Minha idade é...25 anos.
Tenho cinco anos."*

As linhas 2, 4 e 6, na concepção da estrutura de Labov (1972), representam a orientação, pois consistem em uma contextualização da história, mostrando o que aconteceu, com quem, onde e quando. A orientação é fundamental para a análise narrativa, especialmente no que diz respeito à orientação. Essa fase inicial da narrativa fornece uma contextualização do evento, descrevendo o que ocorreu, com quem, onde e quando. O objetivo da orientação é situar o ouvinte no contexto da história, facilitando a compreensão do evento que será narrado posteriormente.

Embora a **orientação** não seja um elemento obrigatório em todas as narrativas, sua presença enriquece o relato ao fornecer informações que ajudam a construir uma imagem mais clara dos acontecimentos futuros. Essa orientação pode surgir de forma intercalada, sendo apresentada em diferentes momentos da narrativa e conectando-se a outros elementos, como a

avaliação ou a conclusão. Essa flexibilidade estrutural permite ao narrador ajustar o ritmo e a ênfase da história, adaptando-a às reações do ouvinte e ao desenvolvimento do enredo (Biar, Orton e Bastos, 2021).

Dessa forma, a análise da **orientação** na narrativa não apenas revela a técnica do narrador, mas também pode oferecer insights sobre a relação entre o narrador e o ouvinte, refletindo as dinâmicas sociais e contextuais presentes na interação, como ocorre com a informante Anita ao se mostrar mais à vontade na sua narrativa.

Anita é a entrevistada com mais tempo no Brasil, somando cinco anos, em comparação a Carla e a Gabriela – esta última aproximadamente, com quatro anos de permanência no território brasileiro. Isso se reflete, por exemplo, na maior fluência no português em relação às outras duas entrevistadas.

Excerto 9 – Esquinas pelo salário

- 7 pesquisadora O que fez você vir da Venezuela para Boa Vista e vir trabalhar aqui nas esquinas?
- 8 Anita A situação lá... Ficou muito difícil para gente morar né?... Aí decidi... melhorar a situação econômica de minha família... sustentar ela, então... e resolvi vir para cá.
- 9 pesquisadora E qual era o seu trabalho lá antes de você vir para o Brasil?
- 10 Anita Eu trabalhava numa panificadora na Venezuela.
- 11 pesquisadora Ah, que maravilha! Então quer dizer que você já tinha um emprego fixo e lá, né? E hoje, quando você começou a trabalhar nas esquinas?... Desde quando você chegou? Ou quando veio, você... tentou outras oportunidades de emprego?
- 12 Anita Na verdade, eu tentei sim, só que ficou muito difícil porque o salário que eu ganhava não dava para me sustentar. Mesmo...é... mesmo tando eu só... então não dava... eu não conseguia nem sustentar eu só...nem ajudar minha família. Então por isso eu decidi continuar nas ruas... trabalhar nas esquinas.
- 13 pesquisadora Tua família sabe que você trabalha aqui nas esquinas?
- 14 Anita Sabem sim... Eu apoio... é...pedi para eles me apoiar porque é o único sustento que encontrei...trabalhar nas esquinas...para ajudar eles.
- 15 pesquisadora Com quem você mora aqui no Brasil?
- 16 Anita Eu moro com meus dois filhos que consegui tirar...e meu pai e minha mãe. Eu trouxe eles para poder me ajudar.

Relatando sua história, Anita explica que a prostituição se deu em prol de manutenção de vida, uma vez que, mesmo em um emprego anterior, o salário não era suficiente para sustentar a si, no Brasil. Ressalta-se que Anita tem dois filhos, e, em momento posterior, com a melhoria da sua condição financeira, conseguiu trazer os pais para o Brasil, uma vez que ela é mãe solo.

Com base no modelo de Biar, Orton e Bastos (2021), o desfecho complicador de sua narrativa, é a falta de subsídio do emprego tentado primeiramente, como observado na linha 11, do excerto 9:

"Na verdade, eu tentei sim, só que ficou muito difícil porque o salário que eu ganhava não dava para me sustentar. Mesmo...é... mesmo tando eu só... então não dava... eu não conseguia nem sustentar eu só...nem ajudar minha família. Então por isso eu decidi continuar nas ruas... trabalhar nas esquinas".

O trabalho nas esquinas, então, como outro qualquer, fornece subsídio suficiente para si, para seus dois filhos e para os pais, que, cientes do emprego da filha, a apoiam, visto que essa é a fonte de sustento da família. Nesse sentido, destacam-se dois aspectos interessantes para a construção da história de Anita: a primeira é a visão da prostituição como um trabalho, sem a conotação pejorativa, e a relação do trabalho para manutenção de si e da família. E isso não aparece antes também?

Na linha 12, ao aplicar a análise laboviana, observa-se a complicação na narrativa, um momento onde uma série de eventos ocorre e desencadeia a ação complicadora, como evidenciado nas falas de Anita: "Na verdade, eu tentei sim, só que ficou muito difícil porque o salário que eu ganhava não dava para me sustentar. Mesmo... é... mesmo tando eu só... então não dava... eu não conseguia nem sustentar eu só... nem ajudar minha família. Então por isso eu decidi continuar nas ruas... trabalhar nas esquinas". Esse trecho caracteriza a complicação, que Labov (1972) considera a parte mais importante da narrativa, pois representa o ponto culminante da história — o momento decisivo que leva Anita a tomar a decisão de vir para o Brasil e, posteriormente, iniciar a prostituição em Boa Vista. O evento central dessa parte da narrativa é o relato de uma dificuldade financeira que a leva a buscar a prostituição como uma forma de sustento.

Essa complicação se conecta diretamente com a análise proposta por Biar, Orton e Bastos (2021, p. 241), que exploram a interação no mundo narrativo. Eles destacam como as participantes cooperam na construção da história e como lidam com negociações, especialmente em situações desconfortáveis. No caso de Anita, a dificuldade financeira é o ponto de tensão que a motiva a se envolver na prostituição, refletindo a dinâmica das relações construídas durante a narrativa, em que o contexto de vida e as condições econômicas emergem

como fatores determinantes na construção da identidade e nas escolhas das participantes. Isso nos leva à análise da segunda lâmina de Biar, Orton e Bastos (2021, p. 241) sobre a interação, ou seja, as relações construídas no mundo narrativo, como as participantes cooperam na construção da história e como se dão as negociações em situações de desconforto. Aqui, vemos o quê? tanto na relação da pesquisadora em solicitar informações, quanto de Anita em fornecê-las de maneira direta, como nas linhas de 13 a 16:

*"Tua família sabe que você trabalha aqui nas esquinas?
Sabem sim... Eu apoio... é...pedi para eles me apoiar porque é o único sustento que encontrei...trabalhar nas esquinas...para ajudar eles.
Com quem você mora aqui no Brasil?
Eu moro com meus dois filhos que consegui tirar...e meu pai e minha mãe. Eu trouxe eles para poder me ajudar".*

Silva e Capelle (2015) abordam a prostituição como parte de um sistema de trabalho historicamente marginalizado, o que contribui para a falta de visibilidade social da profissão. Essa marginalização leva os trabalhadores da prostituição a se encontrarem em situações desfavoráveis quando comparados a outros grupos da sociedade, caracterizando-se por baixa escolaridade, pouca qualificação profissional e baixos salários. No entanto, as autoras destacam que a prostituição também possui suas próprias regras e lógicas, as quais são semelhantes às de outras classes trabalhadoras, desafiando a visão estigmatizada que prevalece na sociedade. Elas ressaltam, ainda, que, independentemente da modalidade de prostituição em questão, a discriminação e o preconceito são sempre presentes, refletindo uma mácula social contínua:

Independentemente da modalidade de prostituição a que esteja se referindo, nota-se que a discriminação e o preconceito em relação a essas profissionais estão presentes. Ainda que esse mercado tenha crescido consideravelmente no Brasil nos últimos anos, observa-se que tal crescimento não tem colaborado para diminuir a condenação moral direcionada às prostitutas (Silva; Capelle, 2015, p. 28).

Apesar do estigma preconceituoso que persiste no Brasil mesmo com o crescimento do mercado de prostituição nos últimos anos, a discriminação moral contra as prostitutas não diminui, como evidenciam Silva e Capelle (2015). Esse quadro de marginalização social e preconceito é amplamente refletido no contexto de trabalho das prostitutas, que enfrentam desafios adicionais relacionados à desvalorização de suas profissões.

Entretanto, no caso de Anita, é possível perceber uma exceção significativa: ao menos em sua família, a profissão de prostituta é aceita e não há discriminação. Esse fato oferece uma

perspectiva diferente sobre a prostituição, que, para ela, se configura mais como uma forma de sustento do que como um estigma social. Os diálogos de discurso macro, conforme proposto na terceira lâmina de Biar, Orton e Bastos (2021), permitem mapear os discursos emergentes nas interações, considerando as vozes, as visões de mundo e o contexto da pesquisa. No caso de Anita, a aceitação familiar de sua profissão contribui para um sentido distinto sobre seu trabalho, permitindo-lhe encarar a prostituição como uma ocupação qualquer, sem o peso da discriminação social. Essa relação de aceitação e ressignificação se perpetua em seu discurso, como podemos observar no excerto 10:

Excerto 10 – Auxílios não são suficientes

- 17 pesquisadora A ACNUR e outras organizações governamentais te deram apoio quando tu chegaste aqui no Brasil?
- 18 Anita Sim... deram apoio sim...só que... é... não fue... não fue o suficiente... como para mim... é... continuar esperando ajuda eles... eu tive que voltar para esquinas para trabalhar... que aí o salário era melhor para mim.
- 19 pesquisadora Você pensa em voltar algum dia para a Venezuela ou encontrar outras oportunidades de trabalho aqui no Brasil?
- 20 Anita Eu penso não voltar não porque meus planos são trazer meus família que ficaram lá. E aí eu não volto mais não... Trabalhando nas ruas... trabalhando nas esquinas... é... da para me sustentar muito legal...
- 21 pesquisadora Em relação à sua profissão, há algum problema em relação às pessoas soltarem piadas...algum tipo de preconceito ou xenofobia?
- 22 Anita É... não...no princípio tinha aquela diferença, mas era porque era... nós chegando... aquela...muitas pessoas não sabiam quem nós éramos nós... mas agora, hoje, já nos respeita como seres humanos, e estamos aqui para trabalhar iguais que elas.
- 23 pesquisadora Como é o relacionamento de vocês com os vizinhos e os residentes das ruas onde vocês trabalham?
- 24 Anita É muito respeitoso, na verdade. É... nós... é... Mesmo trabalhando nas esquinas... ninguém mexe com nós... Eles são pessoas de respeito mesmo..
- 25 pesquisadora Em relação aos estudos, você já procurou alguma outra oportunidade nas universidades aqui?
- 26 Anita Eu procurei sim, mas só que é... eu sentia que ia dedicar um tempo é... para outras coisas e deixar de fazer o que tou fazendo... que na verdade e com isso aí que eu sustento minha família... trabalhar nas esquinas.
- 27 pesquisadora Você tem acesso a programas federais como o Bolsa Família?
- 28 Anita Eu tive sim... só que é muito baixo para sustentar.
- 29 pesquisadora Há discriminação por parte dos clientes entre as meninas profissionais do sexo brasileiras e as venezuelanas?
- 30 Anita Como eu já disse, quando a gente chegou, sim. Porque não era... era do tipo assim diferente...entendeu? A competência que elas sentiam... mas, agora não... agora trabalhamos juntas e tudo bem
- 31 pesquisadora Como é o tratamento dos clientes em relação a vocês?
- 32 Anita Eles são muito respeitosos conosco e também nós a respeitar com eles.

- 33 pesquisadora Quais são seus planos em relação a teu futuro?
- 34 Anita Trazer minha família que ficou lá... continuar trabalhando nas esquinas para poder conseguir um dinheiro e conseguir trazer eles.
- 35 pesquisadora E assim quando tu fica doente que tu não pode trabalhar... o que que acontece? Isso prejudica? O que vocês fazem em relação a isso?
- 36 Anita Não... quando a gente fica doentes tem planos aqui... é... como...como... na verdade que ir ao governo. Temos direito à saúde e ao INSS também nos ajuda.
- 37 pesquisadora Tá, vocês são cadastradas a algum sindicato?
- 38 Anita Sim.
- 39 pesquisadora Então vocês têm apoio desse sindicato?
- 40 Anita Temos
- 41 pesquisadora Ai, que maravilha... eu não sabia que vocês eram cadastradas. Eu quero agradecer a você, Anitta, muito obrigado pela entrevista. Você foi realmente maravilhosa. É muito bom poder tá conversando com você para ter esse apoio. Obrigada!

Anita encontra na prostituição um meio financeiro suficiente para que ela possa sustentar a si, aos seus filhos, trazer sua família e ainda alimentar o desejo de trazer outros familiares (como observado no excerto 10, linha 34: "*Trazer minha família que ficou lá... continuar trabalhando nas esquinas para poder conseguir um dinheiro e conseguir trazer eles*"). Nesse trecho, tem-se a **resolução**, que é a parte da narrativa que revela a consequência da ação complicadora. Esta é a etapa de finalização da série de eventos da ação complicadora.

Ademais, a insatisfação com as possibilidades como o auxílio da ACNUR e dos programas federais também pode contribuir para a construção de sentido de que prostituição é um trabalho como outro qualquer. Reforça-se que Anita precisa sustentar a si, seus filhos e pais, o que pode fornecer certa emergência em auxílio financeiro e subsistência, e os programas federais, segundo ela, não fornecem o que ela precisa.

Outro fator que corrobora a análise de que Anita trata a prostituição como outra profissão é o fato de que, segundo ela, não há discriminação entre profissionais brasileiras e venezuelanas, embora no começo tenha acontecido – que pode sugerir algumas interpretações, ou uma normalização da comunidade de profissionais do sexo venezuelanas, ou o acolhimento destas por parte das brasileiras, como observado na linha 30: "*Como eu já disse, quando a gente chegou, sim. Porque não era... era do tipo assim diferente...entendeu? A competência que elas sentiam... mas, agora não... agora trabalhamos juntas e tudo bem*".

Ela destaca também o respeito dos vizinhos do entorno onde trabalha e também dos clientes, como explica nas linhas 24 e 32, respectivamente:

“É muito respeitoso, na verdade. É... nós... é... Mesmo trabalhando nas esquinas... ninguém mexe com nós... Eles são pessoas de respeito mesmo..

Eles são muito respeitosos conosco e também nós a respeitar com eles.”

Concorda-se, com o debatido por Silva e Cappele (2015) sobre a construção de sentido na relação do sujeito, sua identidade e alteridade com o trabalho e a prostituição, de que se trata de uma questão integradora de diferentes processos simbólicos e sentidos, sem necessariamente ser intencional ou que surja diretamente numa frase ou palavra. No caso de Anita, a forma como ela aborda a prostituição como um meio de trabalho mais benéfico do que outros permite a interpretação de que ela o trata como outro qualquer.

Silva e Cappele (2021) também afirmam que, dada a situação econômica atual – o que podemos relacionar com a condição migrante venezuelana –, as pessoas passaram a valorizar ter um trabalho, visto que a condição de desempregada é mais incapacitante e marginalizadora do que a prostituição. Dessa forma, o trabalho ocupa lugar central na vida das pessoas e é parte da construção da identidade e da inclusão social, o que se vê com as profissionais do sexo venezuelanas participantes da pesquisa.

Na concepção de Silva e Cappele (2021), os sentidos dessa relação afetam os demais espaços sociais de que o sujeito participa e a forma como ele existe nesses espaços. Se, por um lado, essas pesquisadoras concluíram a relação dos aspectos negativos, como “violência, aborto induzido, abandono, desconfiança, preconceito, discriminação, humilhação, medo, insegurança e solidão” (Silva; Cappele, 2021, p. 42), por outro, as entrevistadas demonstram uma construção de sentido diferente: a da possibilidade de manutenção de vida por meio da prostituição no Brasil.

Corroborar essa perspectiva quando questionada sobre a questão de suporte, como o sindical, e todas as questões trabalhistas como acesso ao Sistema Único de Saúde e o INSS, o observado nas linhas 35 a 40 do diálogo entre Anita e a pesquisadora:

“E assim quando tu fica doente que tu não pode trabalhar... o que que acontece? Isso prejudica? O que vocês fazem em relação a isso?

Não... quando a gente fica doentes tem planos aqui... é... como...como... na verdade que ir ao governo. Temos direito à saúde e ao INSS também nos ajuda.

Tá, vocês são cadastradas a algum sindicato?

Sim.

Então vocês têm apoio desse sindicato?

Temos”

A lâmina 3 mapeia os embates discursivos. Assim, dentre os valores que ultrapassam o contexto de pesquisa, nas linhas 35 a 40, de acordo com Rodrigues (2009), verifica-se que essa narrativa se trata da ressignificação e da redefinição que se dá desde a década de 1980. Inclusive a Rede Brasileira de Profissionais do Sexo tenta resgatar a definição *prostituta* para ressignificar o sentido visando à valorização das mulheres que sobrevivem da prostituição sem eufemismos, sem mascaramentos e confrontar diretamente o preconceito e discriminação.

Em entrevista em 2020 para *OpenDemocracy* (Haughton; Levy, 2020), Betânia Santos, da Associação Mulheres Guerreiras³¹, aponta que a organização social engendrada pelo grupo do qual faz parte preconiza todos os direitos trabalhistas cabíveis para qualquer trabalhador – o que remete a outro contexto a construção de sentido de que o trabalho da prostituição é visto como outro qualquer. Desde conselhos municipais, estaduais e federais, a Associação é inserida na Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Esse aparelhamento das prostitutas junto à CUT fortalece a liberdade de a mulher dispor de seu corpo para o exercício de sua profissão, como ressaltado por Rostagnol (2000) e Pasini (2005). Para a Associação Mulheres Guerreiras, a garantia de direitos e segurança da mulher em relação ao seu trabalho é a pauta que deve ser debatida. Betânia Santos (citada por Haughton; Levy, 2020) defende: “Respeito é bom, nós gostamos, e nosso lema é “Trabalhadores Sexuais Unidos Pelo Respeito. Nada Sobre Nós, Sem Nós”, pois afinal de contas nós temos autonomia e a possibilidade de falarmos e respondermos por nós mesmas” (Haughton; Levy, 2020 [online]).

Fechando a análise da terceira entrevista, na linha 34, quando Anita explicita que seu desejo de “Trazer minha família que ficou lá... continuar trabalhando nas esquinas para poder conseguir um dinheiro e conseguir trazer eles”, é possível visualizar a Avaliação. Esse é o momento em que Anita (narradora) indica o ponto da história, ou seja, justifica por que está contando sua história. A avaliação mostra a atitude do narrador face à narrativa, enunciando o seu alinhamento perante o que ele conta. Labov (1972)

Nas narrativas das participantes, percebe-se que elas, mesmo distantes da Venezuela, não apagam suas raízes ao fazerem um elo entre o que elas eram na sua pátria natal, onde exerciam profissões diferentes da que exercem na atualidade, e o que elas são hoje nas ruas de

³¹ A Associação Mulheres Guerreiras é uma organização de prostitutas de Campinas, registradas desde 2007 que lutam por direitos do trabalho (Haughton; Levy, 2020).

Boa Vista. Ou seja, as identidades dessas mulheres são construídas cotidianamente em sua rede de relações: o passado na Venezuela e na migração forçada para o Brasil.

Essa realidade coaduna com as falas de Bauman (2005, p. 19), ao expor que, em relação às identidades, “[...] sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer, barganhar”. Nas suas narrativas, essas mulheres expõem suas diferenças laborais vividas entre o antes (na Venezuela) e o agora (em Boa Vista).

Essas histórias revelam que não existe uma identidade única, mas identidades, múltiplas, conflitantes e híbridas ou, como melhor explica Cucho (2002, p. 195), “cada indivíduo integra múltiplas referências identitárias constituídas em sua trajetória”. Hall (2006) afirma que o sujeito não apresenta uma identidade única, mas várias que são construídas e definidas historicamente, dependendo de como ele é representado ou interpelado.

Quando as participantes trazem suas memórias pessoais e constroem, pouco a pouco, suas narrativas, ao mesmo tempo constroem e reconstróem suas identidades em solo brasileiro. Isso ocorre quando, principalmente, procuram dominar a língua portuguesa para melhor se comunicar com seus clientes, mas não esquecem suas origens venezuelanas, ou quando elas escondem de seus familiares lá na Venezuela o que elas fazem como profissionais do sexo em Boa Vista.

Essa constatação é corroborada por Pollak (1992), que argumenta que a memória desempenha um papel essencial na construção do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva. Além disso, ela é um fator fundamental para o sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo, contribuindo significativamente para o processo de reconstrução da própria identidade, conforme o autor enfatiza:

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. Todo mundo sabe até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre pessoas (Pollak, 1992, p. 205).

Nas narrativas dessas migrantes, é possível perceber que a memória e a identidade estão interligadas, por exemplo, quando demonstram a preocupação de trazer a família que está na Venezuela para o Brasil como forma de resgatar na família a identidade de quem está longe da terra natal. Ademais, a identidade resulta de uma construção social na qual ninguém se fecha

em uma única identidade, mas em múltiplas identidades: ser mulher, ser migrante, ser profissional do sexo, mas também ser filha, ser outra pessoa além da que atua nas esquinas, pois as narrativas revelam como a construção identitária ocorre na língua e pela língua, carregando elementos culturais inerentes aos seres.

Desse modo, a história dessas mulheres mostra que, no íntimo de cada uma delas, está a esperança de um novo recomeço no Brasil destemido do preconceito ao se aceitarem como profissionais do sexo, sem medo de serem o que são para ter “o pão de cada dia”. Em suas narrativas, ecoam vozes que desejam ser ouvidas e respeitadas como migrantes, como mulheres, como profissionais do sexo, que constroem o futuro a partir do presente e do passado histórico de suas origens na Venezuela.

Cruzando as idades e o tempo que as entrevistadas estão exercendo a profissão de prostituta em Boa Vista, verifica-se um dado importante entre elas: são mulheres jovens e que atuam com solidez temporal na prostituição.

Anita tem 25 anos de idade, está há cinco anos em Boa Vista, e atua como prostituta desde que chegou ao Brasil. Tal qual as duas participantes anteriores, Carla Rodrigues, 28 anos, 1 ano e 8 meses no Brasil, e Gabriela Oliveira, 25 anos, 4 anos no Brasil. É possível observar que a faixa etária das migrantes venezuelanas nas esquinas de Boa Vista está entre 25 a 28 anos, ou seja, o quesito idade, de acordo com Guimarães e Merchán-Hamann (2005), é importante para a iniciação no exercício da profissão como prostituta, o que lhes confere uma vantagem competitiva no mercado sexual em relação às mulheres com mais idade. Ademais, essa faixa etária é considerada por Kinnel e Griffiths (1989), O’Connell-Davidson (1995) e McKeganey e Barnard (1996) como uma forma de resolução da tensão decorrente do processo de fragmentação da dualidade sexo/emoção que sustenta a visão de poder dessas mulheres em relação aos seus próprios corpos em separar mente e corpo no exercício da prostituição:

Essa mulher faz uma separação entre mente e corpo, “assim, este assume um valor de troca enquanto aquela se consome no esquecimento, isto é, não há um engajamento consigo mesma, o que permite, então, um distanciamento de si mesma, ou seja do ser mulher com a prostituta (Bruns; Gomes, 1996, p. 7).

Na concepção de Bruns e Gomes (1996), a prostituta se porta como um objeto ao manter relações sexuais com seus clientes, pois, para essa profissional, há uma prestação de serviços em que ela utiliza o seu corpo enquanto sua ferramenta de trabalho, dissociada de qualquer envolvimento afetivo. Nas palavras de Bruns e Gomes (1996), a prostituta se posiciona como um “isso”, enfatizando que o prazer que ela experimenta está intimamente ligado ao dinheiro que receberá pelo serviço prestado. O pagamento por esse trabalho é, portanto, considerado

uma forma legítima de existir no mundo, uma maneira de afirmar sua autonomia e escolha (Bruns e Gomes, 1996, p. 8).

Ao optar por separar sua vida profissional da vida afetiva, a prostituta adota uma estratégia que lhe permite negociar seu corpo de maneira superficial, evitando o estabelecimento de laços emocionais com os clientes. Essa abordagem é fundamental para sua sobrevivência emocional e psicológica, pois a performance sexual que ela oferece se torna completamente mecânica e repetitiva, quase como uma produção em série. Bruns e Gomes (1996) explicam que essa despersonalização do ato sexual funciona como uma barreira de proteção, afastando qualquer possibilidade de envolvimento afetivo com os homens com quem interage. Dessa forma, ela se resguarda contra a vulnerabilidade que poderia advir de um vínculo emocional, garantindo que seu trabalho permaneça uma transação estritamente econômica, sem compromissos ou expectativas emocionais. Essa dinâmica revela as complexidades da experiência da prostituta, que, embora escolha esse caminho, deve enfrentar os desafios de desumanização e isolamento que podem surgir de sua profissão.

Entretanto, essa despersonalização emocional da prostituta não se aplica à vida familiar. Destaca-se, ainda, que, das três participantes entrevistadas para este estudo, duas já são mães: Anita Suárez e Carla possuem filhos. Gabriela, por outro lado, ainda não tem filhos. Todavia, um dado muito importante chama a atenção na história dessas três mulheres: todas elas têm uma preocupação primordial com a família, como se verifica na linha 16 do excerto 9, onde Anita diz: *"Eu moro com meus dois filhos que consegui tirar...e meu pai e minha mãe. Eu trouxe eles para poder me ajudar"*. Anita evidencia que ele tem o aval da família para ajudá-la com os filhos enquanto ela trabalha como prostituta.

Mesmo ela saindo de uma situação de vulnerabilidade social como a que vivia em seu país, ela não deixou de trazer os filhos e os pais para o Brasil. Essa preocupação com a família também está inserida na entrevista com Carla Rodrigues, na linha 17, do excerto 3, quando ela diz que um dos motivos para ela escolher as esquinas de Boa Vista como local para trabalhar como prostituta: *" (...) Que tem que pagar aluguel, que tem que pagar a água, tem que pagar energia... tem que mandar ainda dinheiro para Venezuela... para ajudar nossos familiares, entendeu? E aí um pouquinho..."*. Ou seja, ajudar a família contribui como relevância para exercer a profissão de prostituta.

As entrevistas dessas duas participantes (Carla e Anita) coadunam com Moraes (1995), que diz que a maternidade e o cuidado com os familiares são muito importantes e não são

negligenciados pelas prostitutas, desconstruindo o estereótipo de que elas seriam desligadas da relação familiar. Ademais, elas atuam na profissão de prostituta, mas os familiares de uma delas sabem disso, como é o caso de Anita, que mora com os filhos e os pais, e Carla, que mora com os pais, irmãos e as duas filhas (segundo ela os pais sabem que ela trabalha como garçõete em um cabaré, mas não como prostituta). A única a morar sozinha era Gabriela, mas ela já tinha planos de trazer a família para o Brasil na época da entrevista (em 23 de junho de 2022), e realizou isso em outubro de 2023, conforme pude comprovar em informações posteriores que obtive com Carla (participante 1), conhecida de Gabriela (participante 2), quando encontrei Carla em 25 de novembro de 2023.

Em relação ao tempo de estada dessas profissionais no Brasil, averigua-se que não importa se elas estão há pouco ou muito tempo no país, pois a escolha pela profissão de prostituta ocorre por um único motivo: dinheiro. O comércio do sexo é o sustento de muitas trabalhadoras do sexo: “(...) uma atividade que gera renda ou como forma de trabalho para homens e mulheres” (Matos, 2004, p. 4). É possível perceber, na fala das três participantes, que elas tinham outros empregos anteriores na Venezuela, mas o salário de lá era insuficiente para arcar com as despesas: Carla era comerciária e trabalhou em uma panificadora, Gabriela trabalhava em uma empresa como assistente administrativo, e Anita também trabalhava em uma panificadora. Para Lacerda (2013), essa escolha pela profissão de prostituta está de acordo com o princípio da liberdade de exercício profissional. A autora sustenta que todos são livres para escolher a profissão ou o ofício que melhor lhes prover uma qualidade de vida e emancipação social. Desse modo, Lacerda esclarece que é legítima a atividade profissional relacionada com a satisfação sexual de outrem quando exercida por pessoa maior e capaz.

Em relação à escolaridade das participantes, observa-se que possuem uma boa escolaridade. Anita e Carla possuem Ensino Médio Completo e Gabriela Oliveira é formada em Administração. Esse perfil está de acordo com o trabalho realizado por Lopes (2022), que identificou que as migrantes venezuelanas tinham bons níveis de escolaridade comparadas com as brasileiras, inclusive tendo desempenho melhor do que as brasileiras em relação ao nível superior:

Quanto à escolaridade, as venezuelanas apresentaram bons níveis de desempenho, com índices semelhantes aos apresentados pelas brasileiras: 25,7% das venezuelanas concluíram o Ensino Fundamental; entre as brasileiras o total foi de 23,2%; 52,8% das mulheres venezuelanas concluíram o Ensino Médio; entre as brasileiras, por sua vez, o total foi de 57,6%. Em relação ao nível superior, a taxa foi maior entre as mulheres venezuelanas, com um total de 17,9% - apenas 17,2% das brasileiras concluíram essa modalidade de ensino (Lopes, 2022, p. 107).

Quanto à vontade de mudar de profissão ou continuar nela, as três participantes disseram que, inicialmente, pretendem continuar na profissão porque lhes oferece melhores possibilidades financeiras, mas, que, no futuro, há planos, sim, de mudar de profissão. Somente Gabriela Oliveira destacou que gosta da profissão de prostituta, pois com essa profissão ela obtém uma boa situação econômica e financeira. Observa-se, diante dessas respostas, que pensar na prostituição como opção faz sentido, quando se entende que ninguém é obrigado a fazer algo que não quer.

A escolha pela profissão de prostituta revela que o fato de ser mulher em uma sociedade capitalista cuja primazia é a parte financeira se sobressai em relação a outros valores. O trabalho de Serra e Silveira (2024, p. 9), ao discutir a temática sobre *a profissional do sexo no léxico do português falado na Amazônia legal: discutindo imagens femininas na sociedade*, mostra que “na linha do que propõe o feminismo, é necessário colocar em dúvida a ideia de a mulher estar naturalmente relacionada ao homem”. Para os autores, para ser mulher, não precisa estar “renegada a ser o segundo sexo ou o sexo frágil, além de ter a sua realização relacionada à figura do outro”. Nessa concepção, a mulher pode fazer suas escolhas, e ser prostituta não desfaz o seu protagonismo como mulher na sociedade:

O desafio de ser mulher na sociedade moderna é maior ainda quando se considera outros aspectos sociais, como raça, escolaridade, poder econômico, profissão e saúde, entre muitos outros. A assimetria do acesso aos bens culturais atinge muito mais as mulheres do que os homens e esses e outros aspectos endurecem ainda mais a condição das mulheres e mostram com maior clareza a problemática da assimetria sexual. Entender essa problemática como não natural e passível de mudança é uma das tônicas principais dos movimentos feministas.(Serra; Silveira, 2024, p.10).

No entender de Serra e Silveira (2024, p. 9), mesmo com todo protagonismo feminino, “ser mulher em uma sociedade tão patriarcal quanto a ocidental é um desafio que se coloca em muitos sentidos e a condição feminina nessa sociedade leva as mulheres a muitos papéis sociais de esgotamento físico, mental e profissional”. Dessa forma, os autores explicam que ainda persiste na sociedade uma desvalorização do potencial feminino no mercado de trabalho, sem levar em conta suas lutas, o que leva “as mulheres a se submeterem a muitos empregos e profissões que são mal avaliados pela sociedade como um todo”, por exemplo, auxiliar de serviços gerais, zeladora, faxineira. Assim, Serra e Silveira (2024, p. 9) evidenciam que, “para além do fato de ser mulher, muitas vezes, algumas profissões que têm a identidade feminina são consideradas de menor valor ou subprofissões, como a de dona de casa, cabeleireira, merendeira, professora da educação infantil”. Serra e Silveira (2024) destacam a desvalorização das profissões associadas à identidade feminina, incluindo a prostituição, que frequentemente

é marcada pelo estigma e pela inferiorização social. Essa realidade revela um paradoxo: apesar de a prostituição ser reconhecida legalmente pelo Ministério do Trabalho, a sociedade continua a marginalizar as mulheres que exercem essa profissão, tratando-as como inferiores e muitas vezes desumanizadas

Alguns poderiam indagar se não fosse uma escolha da própria mulher que se prostitui, não estariam excluídos o livre arbítrio e a possibilidade de dizer sim ou não. Compreende-se, todavia, por opção, a faculdade de fazer uma escolha dentre várias alternativas de trabalhos existentes no mercado, mas a escolha é individual a cada uma dessas entrevistadas. Esta escolha é pautada por valores éticos e morais que influenciam as condições objetivas e subjetivas presentes nos sujeitos sociais e no cotidiano e objetivam atingir anseios de uma perspectiva considerada melhor. Desse modo, deve-se levar em consideração que opção é uma ação e, portanto, ao realizá-la, nega-se uma condição anterior, colocando-se em outra. Ou seja, opções são as possibilidades que foram construídas e que vão afetar o seu meio, os sujeitos e as suas relações com outros sujeitos, como ocorre com essas migrantes venezuelanas ao chegarem no Brasil. Barros (2005) explica que, ao se compreender o conceito de opção, é possível apontar para o caminho no qual escolhas não são isentas de determinações externas aos sujeitos:

A despeito das mudanças das formas de prostituição, está longe o dia em que a venda do sexo não será entendida como um ato sujo, feio, profano, pecador, imoral, mundano e danoso à ordem social. As marcas que a sociedade produziu para caracterizar o ato sexual que resulta em pagamento demonstram perfeitamente como as prostitutas são entendidas. Os estigmas são diversos, alguns são até evitados em nossa comunicação diária, mas revelam com acuidade o imaginário social e o processo de estigmatização por que passam as prostitutas (Barros, 2005, p. 6).

Desse modo, por trás de uma aparente escolha, está presente uma determinação social, fruto das relações contraditórias estabelecidas na sociedade. Barros (2005) corrobora a ideia de que a prostituição ainda é carregada de estigmas que perpetuam a visão negativa do ato sexual comercial. As representações sociais do sexo pago são impregnadas de moralidade, refletindo um imaginário coletivo que marginaliza as prostitutas. A resistência a essas marcas sociais e a luta por reconhecimento e dignidade tornam-se centrais para a compreensão das vivências dessas mulheres, especialmente no contexto de migração, onde a busca por melhores condições de vida pode levá-las a escolhas que a sociedade ainda não aceita plenamente.

Quanto ao gostar da profissão, as três entrevistadas disseram que gostam de ser prostitutas, apesar do estigma da profissão. Barreto (2008) esclarece que as mulheres que se prostituem veem a prostituição de diferentes formas. Para algumas, é uma escapatória, mas também um trabalho. O autor diz que algumas dessas mulheres associam o “ser prostituta” a

mulheres de garra e força, e também associar a profissão a “dar prazer”, no sentido de deitar com o cliente e receber por isso. Para Barreto (2008), as palavras prostituta e prostituição não traduzem somente uma realidade, mas também um rol que envolve identidades, práticas e significados.

No Diário de Campo da pesquisadora, é possível observar que os pontos positivos e negativos apontados pelas participantes em relação à profissão de prostituta é o dinheiro (quando fazem sexo), e como pontos negativos elas destacam o álcool e o uso de drogas (que algumas delas consomem), e os horários de trabalhos (pois elas não têm um horário rotineiro).

Em relação ao apoio da ACNUR, Governo Federal por meio do Bolsa Família, e outros órgãos de apoio aos migrantes venezuelanos no Brasil, elas são conscientes de que essas entidades existem, mas nenhuma delas teve interesse por ser ajudada por esses órgãos, pois, segundo elas, ganham muito mais como prostitutas do que qualquer benefício social ou emprego formal no Brasil.

Quando Anita Suárez foi indagada como fica a situação se ficar doente e não puder ir para as esquinas trabalhar (linha 35), no excerto 10, ela informou que era sindicalizada e tinha apoio do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Esse apoio referido por Anita se refere ao Auxílio-doença, um benefício previdenciário pago pelo INSS às pessoas que ficarem incapacitadas para o trabalho ou atividade habitual por mais de 15 (quinze) dias consecutivos e que cumprirem 3 requisitos: incapacidade para o trabalho ou atividade habitual, cumprimento da carência, e ter qualidade de segurado.

Como outras profissões regulamentadas no Brasil, a prostituição faz jus a esse benefício, pois é uma atividade lícita e passível de todos os benefícios previstos em Lei. Além do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no Brasil, a ONU também trata da questão relacionada à prostituição e em momento algum a considera um ato ilícito’ pelo contrário, entende que a prestação dos serviços sexuais é uma maneira de as pessoas conseguirem renda, fortalecendo a ideia da prostituição ser uma atividade ocupacional: “processo em que as pessoas mediante remuneração de maneira habitual, sob quaisquer formas, entregam-se às relações sexuais, normais ou anormais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto” (Andrade; Teixeira, 2012).

No Estado de Roraima, não existe um sindicato específico para profissionais do sexo, mas há a Associação das Prostitutas de Roraima (ASPRORR), vinculada a diversas organizações e redes de apoio e representação de trabalhadores sexuais. Entre essas, destacam-se a Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), a Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais (CUTS), a Articulação Nacional de Profissionais do Sexo (ANPS) e a Plataforma

Latino-Americana de Pessoas que Exercem Trabalho Sexual (PLAPERTS). Essas entidades desempenham um papel importante na luta pelos direitos trabalhistas e sociais das profissionais do sexo, buscando garantir melhores condições de trabalho, saúde, segurança e dignidade para essas trabalhadoras, além de promover o reconhecimento da prostituição como uma profissão legítima.

Segundo Ribeiro (2021), o movimento brasileiro de prostitutas, um dos mais antigos e abrangentes movimentos sociais e políticos de trabalhadoras sexuais no mundo, busca a transformação social e a reivindicação de direitos. Desde sua origem na década de 1980, esse movimento tem se posicionado contra a violência policial e afirmado a prostituição como um trabalho legítimo. Sua principal reivindicação tem sido o reconhecimento da prostituição como profissão, com a garantia de direitos trabalhistas. Contudo, o movimento enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito às políticas públicas, que se concentram principalmente na prevenção das ISTs, HIV/AIDS e hepatites virais. Essas políticas refletem a visão do Estado sobre as trabalhadoras sexuais, tratando-as como grupo de risco e vítimas a serem “resgatadas” da prostituição, o que dificulta a efetivação dos direitos trabalhistas e o reconhecimento da prostituição como uma ocupação legítima.

Esses ideais são contemplados pela Associação das Prostitutas de Roraima (ASPRORR), uma organização que, sob a presidência de Jucy Silva, tem trabalhado para dar voz e visibilidade às prostitutas no estado, promovendo a defesa de seus direitos e a luta pela transformação das políticas públicas, buscando, assim, garantir um tratamento mais digno e justo para as trabalhadoras sexuais da região, como: (i) desenvolver a informação e o conhecimento como uma das principais ferramentas para combater o preconceito e o estigma que envolvem o trabalho sexual, (ii) desenvolver abordagens educativas, testes rápidos de HIV e rodas de conversas nos pontos de prostituição de Boa Vista para o desenvolvimento de atividades sexuais sem riscos à saúde das prostitutas; (iii) realizar ações e diálogos em saúde preventiva em parceria com a secretarias municipal e a estadual de Saúde; (iv) realizar Curso de Capacitação em Saúde e Direitos Humano com as prostitutas de Boa Vista; (v) celebrar o dia 2 de junho, o Dia Internacional das Prostitutas, como uma data que marca a luta por direitos e pelo reconhecimento social das prostitutas; e (vi) oferecer, em parceria com o governo estadual, a prefeitura, e entidades cursos de capacitação na área de moda, estética, beleza, saúde, direitos humanos para as prostitutas.

A ASPRORR também desempenha um papel importante na orientação das profissionais do sexo sobre seus direitos trabalhistas e previdenciários. A associação fornece informações e esclarecimentos sobre como as prostitutas podem se inscrever na Previdência Social e contribuir

para o INSS como trabalhadoras autônomas, garantindo assim o acesso a diversos benefícios previdenciários. Entre esses benefícios, destacam-se a aposentadoria por idade, por invalidez, por tempo de contribuição ou especial, auxílio-doença, salário-maternidade, pensão por morte e auxílio-reclusão.

De acordo com a presidente da ASPORR, a contribuição para a Previdência Social é de 11% sobre o salário-mínimo (o que corresponde a R\$ 145,20 em 2023), ou 20% sobre um valor superior ao mínimo (R\$ 264,00 em 2023). O carnê para o pagamento das contribuições pode ser obtido diretamente no site da Receita Federal, facilitando o processo de regularização e o acesso a benefícios importantes para a proteção social das trabalhadoras.

Jucy Silva diz que:

Sim nós fazemos porque ser prostituta é a nossa profissão. É importante saber que a puta não vende o corpo, ela presta serviços sexuais. Essa mudança de vocabulário representa muito porque assegura à mulher que é profissional do sexo o poder sobre o próprio corpo. Mesmo que o cara pague, a prostituta ainda é dona do seu corpo e tem poder sobre ele. Ela é uma profissional como qualquer outra e tem direitos. Afinal, trabalhadores não sexuais, como eu, também submetem o corpo a um tipo de serviço, seja ele intelectual ou braçal, para receber o ordenado no final do mês... (anotações retiradas do Diário de Campo da pesquisadora, 17 de novembro de 2023)

Ela esclarece ainda que:

Apesar do trabalho sexual ser regulamentado no Brasil, nós, trabalhadoras sexuais, sofremos preconceito, estigma e agressão por parte da sociedade e dos órgãos de esfera pública. Trabalho sexual é um trabalho exercido por pessoas acima dos 18 anos que escolheram trabalhar com sexo. A todas as formas de exploração chamamos de Exploração sexual, e a classe das trabalhadoras sexuais é a que historicamente sempre combateu a exploração e violência em nosso trabalho. A luta por direitos, respeito e autocuidado sempre foi nossa. Somos das poucas classes de mulheres que sabem o valor de nossa hora de trabalho, este que vivemos e nos sustentamos e sustentamos nossas famílias dignamente e devemos ter orgulho. O estigma, preconceito e a precariedade de direitos nos colocam em marginalidade, bem como a ignorância da sociedade em relação a realidade de nosso trabalho nos faz nos sentir culpadas e confusas sobre as nossas escolhas (anotações retiradas do Diário de Campo da pesquisadora, 17 de novembro de 2023)

Com base nas entrevistas das três participantes desta pesquisa, é possível salientar que elas veem a prostituição como uma maneira de ganhar mais dinheiro com rapidez, mais do que ganhariam em qualquer outra profissão, e oferece-lhes uma participação mais ativa da sociedade de consumo (Bruns; Guimarães, 2010). Assim, a questão financeira não seria fator relevante apenas para as prostitutas migrantes venezuelanas, pois também existem prostitutas brasileiras de todas as classes sociais que também anseiam por melhores condições financeiras por meio da prostituição, em busca de uma vida financeira mais confortável, que lhes permita

obter roupas, perfumes, carros e outros bens além de terem sonhos e desejos de estar inseridas em um contexto social como lugar onde se pode ser feliz (Bruns; Guimarães, 2010).

A prostituição entre as migrantes venezuelanas é um fenômeno que também acontece na Colômbia, onde elas também se prostituem nas esquinas, conforme explicam López, Sánchez, Buitrago (2022, p.18), ao analisarem o efeito da migração de mulheres venezuelanas no território colombiano:

As mulheres venezuelanas que migraram para a Colômbia, e que se dedicam à prostituição na cidade de Bogotá, se estabeleceram em zonas vermelhas ou zonas de tolerância da cidade, para efeitos deste trabalho são áreas onde se concentram a prostituição e os negócios relacionados à indústria do sexo, como 7 de agosto, bairro de Santa Fé, Primeiro de Maio e outros locais onde existem muitos estabelecimentos dedicados à prostituição, consumo de bebidas intoxicantes e micrografias. Por outro lado, com investigações e explorações sobre a nomenclatura dessas áreas em outros lugares do mundo, ficou evidente que na Espanha elas são chamadas de Distrito Vermelho e na Holanda de Distrito da Luz Vermelha.

Além disso, é importante mencionar que o aumento das mulheres venezuelanas na prática da prostituição se deve à falta de oportunidades de emprego para as mulheres, à situação de documentação e à elevada rentabilidade deste negócio. No entanto, a violência contra as mulheres migrantes venezuelanas prevalece e aumenta o trabalho de prostituição.

A prática ficou muito mais visível: não apenas à noite, como de costume, mas também à luz do dia e em lugares nos quais antes não se encontrava prostituição. A situação piorou no último ano, agora a prostituição está em quase todas as esquinas. É doloroso e triste, parte o coração (Tradução nossa).

López, Sánchez, Buitrago (2022) destacam que as prostitutas venezuelanas na Colômbia sofrem em decorrência do estigma social face à prática da prostituição, pois lá elas não possuem direitos ou garantias laborais. Em Boa Vista, conforme a narrativa de Carla Rodrigues, de Gabriela Oliveira e de Anita Suárez, a prostituição é uma profissão que lhes possibilita “ganhar o pão” e ter uma estabilidade financeira, o que não parece ser o caso daquelas que atuam na Colômbia.

Nas esquinas de Boa Vista, o reconhecimento da pluralidade de causas e das motivações, que levam as migrantes venezuelanas a escolherem como trabalho a atividade sexual, nos leva a compreender a realidade de perspectivas alternativas de análise como os estudos das narrativas.

Ao cruzar as histórias de vida de Carla, Gabriela e Anita, é possível compreender melhor por que elas escolheram a prostituição como profissão, pois vão além do que elas vivem no Brasil: a família (irmãos, sobrinhos, tios, primos, avós) ficou na Venezuela. Ou seja, não é somente a profissão de prostitutas que as une, mas o motivo principal que as faz continuarem nas esquinas de Boa Vista, o sonho de trazer seus familiares para viver no Brasil.

No mercado da prostituição, Guimarães e Merchán-Hamann (2005) destacam que a idade da prostituta é considerada como um fator que exerce grande influência na concorrência pelo cliente, principalmente no momento de negociarem as condições do programa. Esse fato favorece Carla, Gabriela e Anita, pois todas elas são jovens e bonitas. No relatório da Fundação Francesa Scelles (2012), que luta contra a exploração sexual, os dados apontam que 75% dos profissionais do sexo são mulheres com idades entre 13 e 25 anos. Pesquisa realizada pela Universidade de Brasília (2002) apontou que o perfil etário das prostitutas no Brasil estava entre 20 e 29 anos. Desse modo, o perfil etário de Carla, Gabriela e Anita estão de acordo com os citados nos estudos. Esse ponto já foi abordado antes.

O tempo de permanência das entrevistadas em Roraima revela que a prostituição se estabelece como uma alternativa tanto a curto quanto a longo prazo para essas mulheres. No caso de Carla, ela já exercia a prostituição há 1 ano e 5 meses, quando foi entrevistada pela primeira vez, e, em uma nova entrevista realizada em 2023, ainda seguia atuando como profissional do sexo. O mesmo padrão é observado com Gabriela, que trabalha como prostituta há quatro anos, e Anita, que já se dedica à profissão há cinco anos. Esses dados indicam que, para essas mulheres, a prostituição pode ser uma estratégia de sobrevivência que se mantém ao longo do tempo, à medida que elas constroem suas trajetórias no contexto da migração e da adaptação à nova realidade em Roraima. Os motivos apontados para o longo prazo dessas migrantes na prostituição estão relacionados com os três fatores principais citados por Reis (2021, s/p):

Há inúmeras hipóteses nas quais fazem a mulher ou o homem ingressar na prostituição, seja ela por vontade própria, necessidade, falta de alternativas, refúgio e outras mais:

Por vontade própria - tem pessoas que gostam de experimentar coisas novas, possuir experiências, curiosidades e etc. E este fator não está equidistante do pensamento dessas pessoas. Atualmente, o mercado da prostituição, contém diversas pessoas no mundo, e das mais variadas classes sociais. Nota-se que, se possui diversidade de classes sociais, ora, possui ricos também, então o fator da 'necessidade' não se enquadraria.

Necessidade - Muitas delas se veem na situação de recorrerem a prostituição, contas a pagar, filhos para cuidar, alimentação e outras mais, nas quais preocupa o cotidiano de qualquer ser humano.

Refúgio ou Falta de Alternativas - Em seus lares muitas vezes sentem desprotegidas, sofrendo algum tipo de violência ou abuso, seja ele psicológico ou não, e recorrem a prostituição, mesmo sabendo que a situação não irá melhorar, pois chegando lá, pode ocorrer o pior. De acordo com Iara Bazilio: "A prostituição é a última alternativa entre as mulheres que não possuem mais alternativas".

Nas narrativas das três participantes, foi possível perceber todos esses três fatores, mesmo elas tendo outras profissões em seu país natal. Primeiramente, observa-se que a vinda para o Brasil ocorre unanimemente em consequência das condições econômicas ruins pelas

quais passa a Venezuela, como já foi explicado no Capítulo I desta pesquisa. O segundo fator é a falta de alternativa de condições salariais melhores, pois, como foi visto nas narrativas de Carla e Anita, ambas procuraram outros tipos de empregos. Em decorrência dos baixos salários, elas preferiram as esquinas de Boa Vista. Gabriela contou que não procurou emprego e preferiu trabalhar imediatamente na rua. Por último, como migrantes, elas têm a necessidade de sustentar seus filhos e familiares no Brasil (Carla e Anita) e os demais familiares que ainda se encontram na Venezuela, como é a situação de todas as três entrevistadas.

Outra informação importante nas narrativas de Carla, Gabriela e Anita se refere à escolaridade. Esse dado traz uma reflexão já apontada por Ceccarelli (2011). Para esse autor, a prostituição, hoje, é representada por mulheres de diversos lugares do mundo e de diversas classes sociais, como se verifica em relação às migrantes venezuelanas.

Nas narrativas das três participantes, foi possível identificar os três fatores que influenciam sua escolha pela prostituição, mesmo possuindo outras profissões em seus países de origem. Primeiramente, todas relatam que a migração para o Brasil foi, unanimemente, motivada pelas condições econômicas precárias vividas na Venezuela, como já foi explicado no Capítulo I desta pesquisa.

O segundo fator é a falta de alternativas de melhores condições salariais. Tanto Carla quanto Anita procuraram empregos em outras áreas, mas, devido aos baixos salários, acabaram optando pela prostituição nas esquinas de Boa Vista. Gabriela, por sua vez, não buscou outros tipos de emprego, preferindo diretamente trabalhar na rua. Por fim, o terceiro fator diz respeito à necessidade de sustentar seus filhos e familiares, tanto em Boa Vista quanto na Venezuela. Carla e Anita têm filhos no Brasil. As três entrevistadas ainda mantêm vínculos financeiros com seus familiares que permaneceram na Venezuela. O apoio familiar, nesse contexto, emerge como um imperativo que as leva a escolher a prostituição como uma forma de garantir a subsistência de seus entes queridos.

A relativa boa escolaridade das participantes desafia estereótipos comuns sobre as profissionais do sexo, refletindo uma realidade já observada por Ceccarelli (2011), que destaca que a prostituição hoje é exercida por mulheres de diversas origens e classes sociais. No caso das migrantes venezuelanas, essa constatação evidencia que a escolha pela prostituição não se dá exclusivamente por falta de instrução, mas também por fatores econômicos.

Em relação ao conhecimento dos familiares das entrevistadas sobre suas profissões como profissionais do sexo, observa-se uma diferença nas situações. A família de Anita sabe sobre sua atividade e a apoia, enquanto os familiares de Carla e Gabriela desconhecem essa

realidade. Esse fenômeno pode ser explicado por diferentes dinâmicas familiares e culturais, além das particularidades da migração dessas mulheres ao Brasil.

De acordo com Ceccarelli (2011), algumas profissionais do sexo preferem que sua profissão permaneça em segredo, não querendo ser identificadas como tais. O autor destaca que, embora algumas mulheres optem pelo silêncio, as profissionais da prostituição de rua, em particular, tendem a assumir publicamente sua ocupação, muitas vezes para desafiar os estigmas e a marginalização social que envolvem o trabalho sexual. Isso parece se refletir no comportamento das entrevistadas.

Em consonância com essa perspectiva, Moraes (1995) observa que, apesar de as prostitutas frequentemente reconhecerem sua atividade como um trabalho legítimo, elas também sentem a necessidade de ocultá-la para evitar os preconceitos e o estigma social historicamente associados à prostituição. Essa contradição é evidente na fala de Carla, que revela que seus pais acreditam que ela trabalha como garçoneiro em um prostíbulo, mas desconhecem que ela, de fato, exerce a prostituição. No caso de Gabriela, o fato de morar sozinha no Brasil e estar distante de sua família durante o período da entrevista pode ter dificultado a comunicação sobre sua profissão, tornando mais difícil para seus familiares tomarem conhecimento da sua real ocupação.

Essa dinâmica revela não apenas os desafios enfrentados pelas mulheres migrantes em relação ao reconhecimento social de sua profissão, mas também às estratégias de adaptação que elas desenvolvem para lidar com os preconceitos e os estigmas que envolvem o trabalho sexual, muitas vezes mantendo o segredo sobre sua atividade profissional, até mesmo dentro do círculo familiar.

Nas narrativas das três entrevistadas, três aspectos se destacam como particularmente significativos: a relação entre a profissão de prostituta e o gênero, o protagonismo das mulheres ao trabalharem nas esquinas de Boa Vista, focando na perspectiva de trazer suas famílias da Venezuela para o Brasil, e a desconstrução da prostituição feminina como uma atividade puramente marginalizada e promíscua.

De acordo com bell hooks (2020, p. 54), "quando a crítica de raça e de classe social foi acrescida à de gênero, todos os preconceitos passaram a ser questionados". Esse ponto é crucial, pois ele destaca a importância de integrar a análise das diferentes dimensões de opressão (raça, classe, gênero) para entender como as mulheres, especialmente as mulheres migrantes e trabalhadoras do sexo, enfrentam múltiplas formas de discriminação. No caso das entrevistadas, a prostituição é um reflexo de uma estratégia de sobrevivência e resistência diante da crise

econômica na Venezuela e das barreiras que encontram no Brasil, como a falta de alternativas de emprego dignas e bem remuneradas.

A prostituição feminina é, muitas vezes, analisada através de uma lente moralista e patriarcal, que reduz as mulheres a objetos sexuais e as associa à marginalização e à promiscuidade. A sociedade, conforme apontam Hughes e Chesler (2004), tem historicamente tratado o trabalho sexual feminino de maneira desumanizante, considerando-o um reflexo de degradação e subordinação feminina. No entanto, essa perspectiva é desafiada por uma abordagem feminista que reconhece a prostituição como trabalho legítimo e necessário, apesar dos estigmas.

No entanto, essa análise é ampliada quando observamos o ponto de vista de Foucault (1988), que considera a sexualidade como um aspecto fundamental na formação da identidade e na construção do poder. Foucault afirma que as relações de poder e os discursos sobre a sexualidade desempenham um papel central na construção das identidades, e isso se reflete nas experiências de Carla, Gabriela e Anita. Para essas mulheres, a prostituição não é apenas uma forma de obter renda, mas também uma maneira de desafiar os discursos normativos sobre o corpo e a sexualidade feminina.

Carla aponta que “procurou [outro emprego], mas ganha mais na rua”, e Anita relatou que “Na verdade, eu tentei sim [outro trabalho], só que ficou muito difícil porque o salário que eu ganhava não dava para me sustentar. Mesmo...é... mesmo tando eu só... então não dava... eu não conseguia nem sustentar eu só...nem ajudar minha família”. Por outro lado, Gabriela disse que “No, eu procurei muitas vezes levei meu currículo, mas nunca fui chamada, então aqui”. Essa realidade de que, nas esquinas, a oportunidade financeira e laboral é melhor que outros empregos formais também é relatada nos estudos de Arruda-Barbosa *et al.* (2024, p. 4), ao constatarem que:

As mulheres entrevistadas foram unânimes em relatar como desafios para sua subsistência e de seus dependentes e familiares, a necessidade financeira aliada à dificuldade de ingresso no mercado de trabalho formal no Brasil, situação que as levou a ingressar no trabalho como profissionais do sexo. Em razão da vulnerabilidade social vivida na Venezuela e prevendo dificuldade de integração no mercado de trabalho formal brasileiro, algumas já haviam saído do país de origem para trabalhar como trabalhadoras do sexo no Brasil. Outras iniciaram na prostituição depois de não conseguirem ingressar no mercado de trabalho formal no Brasil em virtude de dificuldades com documentação ou baixa remuneração em outros empregos informais.

Mas, ao contrário das prostitutas entrevistadas na pesquisa de Arruda-Barbosa *et al.* (2024), Carla, Gabriela e Anita não veem a prostituição como vulnerabilidade, mas como uma profissão laboral como outra qualquer. Isso é perceptível quando Carla, Gabriela e Anita, mesmo tendo outras profissões na Venezuela, desistiram de exercê-las no Brasil, e escolheram a prostituição como profissão sem, aparentemente, se sentirem inferiores ou envergonhadas por essa escolha. Entretanto, essa escolha gera preconceito principalmente por se acreditar que ser prostituta e ser vulnerável socialmente, e de não estar associada a uma escolha pessoal de cada mulher, como fazem Carla, Gabriela e Anita.

Essas mulheres, ao optarem pela prostituição, não a veem exclusivamente como uma profissão humilhante ou degradante, mas como uma estratégia para transformar suas vidas e garantir uma sobrevivência digna em um contexto de vulnerabilidade social e econômica. Esse fenômeno está alinhado com as ideias de Rago (2011), que defende a autonomia das mulheres sobre seus corpos e a escolha do trabalho sexual como uma forma de liberdade econômica. De acordo com Soares *et al.* (2015), a prostituição, ao ser tratada como uma opção legítima de trabalho, pode ser uma via de empoderamento e autossuficiência, particularmente quando as mulheres se veem sem outras alternativas viáveis para sustentar suas famílias.

A análise das narrativas de Carla, Gabriela e Anita contribui para desconstruir o estigma da prostituição, ao desafiar a visão de que essa atividade é uma "última escolha" ou marginalizada. As histórias dessas mulheres revelam que a prostituição, além de ser uma profissão legítima, representa uma estratégia para melhorar sua qualidade de vida e a de suas famílias, muitas vezes ainda na Venezuela. Elas demonstram que, diante das dificuldades econômicas e da escassez de oportunidades de trabalho no Brasil, a prostituição oferece maior estabilidade financeira. Esse protagonismo é reforçado pela motivação de garantir melhores condições para suas famílias, como evidenciado nas narrativas de Carla e Anita, mostrando que, apesar dos preconceitos, a prostituição pode atuar como uma ferramenta de mobilidade social e melhoria das condições de vida familiares.

Portanto, ao reconfigurar a prostituição feminina como uma escolha viável e até estratégica, hooks (2000) nos ajuda a compreender que a luta pelo empoderamento feminino pode ser realizada de maneiras diversas, incluindo por meio da autonomia sexual e financeira. O conceito de liberdade, dentro do contexto da prostituição, pode ser entendido como a capacidade de escolher, não apenas em relação ao trabalho, mas também em relação ao controle sobre o próprio corpo e a sua sexualidade.

Essa visão se conecta com os estudos de Rostagnol (2000), que argumenta que a prostituição, quando abordada de forma crítica e desestigmatizada, pode ser vista como uma

forma de trabalho digno e necessário, especialmente para mulheres que enfrentam o exclusivismo do mercado de trabalho e as barreiras do preconceito.

As narrativas de Carla, Gabriela e Anita não apenas desconstruem a percepção negativa da prostituição, mas também revelam como essas mulheres, ao se dedicarem ao trabalho sexual, tomam as rédeas de suas vidas e buscam melhores condições para si e para suas famílias. Essa postura desafia as convenções tradicionais sobre a prostituição e reflete uma luta por dignidade e autonomia em um contexto de migração.

Desconstruir essa ideia de associar a prostituição à vulnerabilidade social coaduna com uma opressão majoritária de que ser prostituta é não ter escolhas sem levar em questão o feminismo e a liberdade da mulher ser o que ela quer ser. Brah e Phoenix (2017), Gonzalez (1984) e Kerner (2012) enfatizam que a opressão enfrentada pelas mulheres não é unidimensional. Ao contrário, ela é complexa e multifacetada, envolvendo intersecções de gênero, raça, classe, sexualidade, idade e nacionalidade. Essa compreensão é fundamental para desmistificar a ideia de que todas as mulheres que optam pela prostituição o fazem por falta de alternativas, reconhecendo que suas experiências são moldadas por contextos sociais específicos. Para essas autoras, a noção de que a experiência de gênero é socialmente construída implica que a vivência das mulheres pode variar significativamente conforme o contexto regional, suas histórias e tradições, assim como as condições socioeconômicas da comunidade em que estão inseridas.

Por esse viés, é importante conjecturar sobre o uso de teorias formuladas em contexto e situação diferentes como explicita a escritora, teórica e artista interdisciplinar Kilomba (2016), que ativa e produz saber decolonial ao tecer relações entre gênero, raça e classe. A autora traz uma importante dimensão decolonial ao debate, ao sugerir que as teorias sobre gênero, raça e classe devem ser adaptadas a partir dos contextos em que são aplicadas. Isso implica um reconhecimento da diversidade de experiências e das formas como diferentes estruturas de opressão interagem entre si. A ativação de saberes decoloniais enriquece a discussão ao trazer à tona a necessidade de entender a prostituição e a experiência das mulheres sob uma ótica que não apenas desmonte os estigmas, mas também promova um entendimento mais inclusivo e respeitoso das escolhas individuais.

No que tange à prostituição, é essencial desconstruir os preconceitos e estigmas que desvalorizam e marginalizam os profissionais do sexo. Desmitificar as ideias errôneas sobre essa profissão é uma forma de superar a opressão enfrentada por mulheres migrantes prostitutas, que sofrem discriminação devido a fatores como seu gênero, sexualidade e nacionalidade. Ao questionar e reverter esses estigmas, abre-se espaço para uma visão mais justa e humana, que

reconhece a prostituição como uma escolha legítima de trabalho, muitas vezes motivada por necessidades econômicas e sociais, e não como uma condição degradante ou humilhante.

O próprio movimento de prostitutas não entende na prostituição a continuação da exploração sexual, mas defende que a prostituição é um trabalho como qualquer outro, e não visto como uma exploração sexual quando é realizado por maiores de idade, não coagidas e mediante pagamento acordado. Desse modo, rever a forma de pensar é também se libertar. Conforme hooks (2020, p. 59), “ao compreender que a libertação é um processo contínuo, devemos buscar todas as oportunidades para descolonizar nossa mente”, porque somente assim podemos nos libertar, “uma vez que “em busca da liberdade” ensinam a transgredir e a transformar”. É essa liberdade de escolher serem prostitutas nas esquinas de Boa Vista que mulheres como Carla, Gabriela e Anita mudam suas histórias de vidas, reconstróem seus novos paradigmas de mulheres e, como migrantes, remodelam uma trajetória de crise na Venezuela para esperanças no Brasil.

Outro ponto de interseção entre as narrativas de Carla, Gabriela e Anita é que, mesmo exercendo a profissão de prostitutas, rompem preconceitos e barreiras ao refazerem suas vidas em um país diferente do seu, e de serem as protagonistas em também trazerem seus familiares para o Brasil.

Ao falar sobre a família, Carla Rodrigues explicita que já trouxe a família para o Brasil e evidencia isso quando afirma que, para trabalhar nas esquinas de Boa Vista, os filhos ficam “lá na minha casa, com meu pai, minha mãe, meus irmãos”. Gabriela Oliveira ainda não trouxe sua família, mas pensa em trazê-la também para o país. Anita Soares, mesmo tendo os filhos e outros familiares no Brasil, pensa em “trazer [...] família que ficou lá... continuar trabalhando nas esquinas para poder conseguir um dinheiro e conseguir trazer eles”. Essas três histórias se entrelaçam e se direcionam para um mesmo norte: no acolhimento da diferença entre as mulheres, independente suas profissões, na energia criativa deste processo, na crítica à categoria universalista e homogênea de mulher, que surge a força transformadora feminista de mudar a sua história e a de suas famílias.

Diante das narrativas dessas três mulheres, compreende-se a relevância da Linguística para o estudo da construção da identidade de prostitutas migrantes venezuelanas em Boa Vista, pois, em suas histórias de vida, essas migrantes compartilham suas experiências e luta contra estigmas sociais. Através da linguagem, elas podem afirmar suas identidades e reivindicar um lugar na sociedade, desafiando percepções negativas associadas à prostituição e à migração. Ademais, a Linguística Aplicada oferece ferramentas para examinar como as identidades são

moldadas por contextos sociais, culturais e históricos. Para essas migrantes, a interação entre sua identidade venezuelana e a nova realidade brasileira é um aspecto importante em suas narrativas, pois, ao mesmo tempo, elas são venezuelanas que exercem uma profissão no Brasil não somente com a finalidade de “ganhar o pão”, mas também de quebrar preconceitos e firmar suas escolhas na profissão de prostitutas.

Desse modo, a análise dos dados contribui para uma reflexão crítica sobre normas sociais ao se estudarem as identidades através das narrativas, pois permite questionar essas normas e expectativas sociais, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre a diversidade e a aceitação das diferentes formas de vida e trabalho. Segundo Bastos (2008), as histórias pessoais não apenas refletem experiências individuais, mas também revelam como essas experiências são moldadas por contextos sociais e culturais.

As esquinas de Boa Vista são um retrato dos estudos de Hall (2006) sobre identidade cultural na pós-modernidade, pois o autor reforça a ideia de que as identidades são construídas a partir de múltiplas influências e contextos. Assim, as prostitutas migrantes, ao compartilharem suas histórias, não apenas revelam suas experiências únicas, mas também se conectam a uma rede mais ampla de identidades que dialogam com questões de gênero, classe e nacionalidade.

Além disso, a obra de Moita Lopes (2001) ressalta que as práticas narrativas são fundamentais na construção das identidades sociais, pois possibilitam uma troca dinâmica entre o indivíduo e a sociedade. Para as prostitutas migrantes, as narrativas não apenas trazem à tona suas histórias de vida, mas também permitem que elas negociem sua posição social e confrontem estigmas relacionados à sua profissão e condição de migrante. Essa negociação é especialmente importante em contextos sociais diferentes, onde a identidade pode ser frequentemente contestada ou deslegitimada.

A perspectiva de Bauman (2001) sobre a modernidade líquida complementa essa discussão, ao enfatizar a instabilidade das identidades na sociedade contemporânea. Para essas mulheres, a migração e a prostituição podem resultar em identidades que são fluidas e em constante transformação, refletindo as tensões entre suas origens e o novo contexto social em que se encontram. A capacidade de adaptar suas narrativas às novas circunstâncias é essencial para a construção de uma identidade coesa em meio a essa fluidez.

Desse modo, pôde-se observar como as identidades de Carla, Gabriela e Anita vão se moldando aos aspectos linguísticos no exercício da profissão como prostituta ao aprenderem a língua portuguesa para melhor se relacionar com os clientes, e aos desafios que elas têm nesse exercício laboral em um país diferente. Esse panorama está de acordo com o estudo de De Fina (2011), pois a autora aborda como o discurso está intrinsecamente ligado à construção da

identidade, enfatizando que as formas de expressão verbal são fundamentais na autoidentificação e na percepção do outro.

No caso das prostitutas migrantes, suas narrativas se tornam um veículo para reivindicar visibilidade, expor seus protagonismos como mantenedoras da família, liberdade de escolher suas profissões, e desafiar estereótipos em um cenário marcado pela marginalização. Portanto, a Linguística Aplicada, por meio do estudo das narrativas, oferece uma perspectiva poderosa para entender a construção da identidade de prostitutas migrantes venezuelanas em Boa Vista. Essa abordagem permite a análise das dinâmicas sociais e culturais que moldam suas experiências e a maneira como se veem e são vistas na sociedade. Muito disso poderia ter ido para a discussão dos dados...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"As mulheres têm o direito de se apropriar de seus corpos e de suas vidas, independente da forma como escolhem viver."

(CUNHA, Patrícia, 2024).

Após quatro anos de intensos estudos, dedicação e renúncias, chego ao fim desta etapa de minha jornada na Linguística Aplicada. Este percurso, marcado por narrativas e pela construção de identidades, foi repleto de desafios e gratificações. Ao longo dessa caminhada, fui tocada pela complexidade das histórias que encontrei, em especial pelas experiências de mulheres migrantes que, em busca de uma vida melhor, se inseriram na realidade da prostituição nas ruas de Boa Vista, em Roraima.

No início do meu estudo, eu nutria preconceitos em relação à prostituição, influenciados por valores morais rígidos que, muitas vezes, mais censuravam do que ajudavam a compreender. No entanto, ao me abrir para ouvir as narrativas de três mulheres migrantes venezuelanas, fui desafiada a desconstruir essas ideias pré-concebidas e a repensar meu entendimento sobre a profissão. Essas mulheres, com suas histórias e realidades, foram fundamentais para a transformação do meu olhar. As narrativas, afinal, são a forma como nos comunicamos e nos constituímos no mundo, e foi através delas que pude ver o poder das histórias na construção de identidades complexas e multifacetadas (Bauman, 2001; Hall, 2006).

A pesquisa foi pautada pela seguinte pergunta: *Como as narrativas de mulheres migrantes venezuelanas que trabalham como prostitutas em Boa Vista-RR refletem suas experiências e desafios e de que maneira essas experiências contribuem para a construção de suas identidades como migrantes, venezuelanas e profissionais do sexo?* A escolha de investigar essa questão se deu pela compreensão de que as identidades são forjadas nas interações sociais e nas trocas cotidianas, e, nesse sentido, as histórias dessas mulheres revelam um contexto profundo e multifacetado sobre suas vidas e escolhas (Goffman, 1988, 2002).

O primeiro passo da pesquisa se deu a partir de um encontro com cinco mulheres venezuelanas que exerciam a prostituição nas esquinas de Boa Vista. Foi uma tarde de sol escaldante, e aquele momento gerou muitas indagações. Contudo, foi apenas no meu projeto de doutorado que essas indagações amadureceram, sendo finalmente organizadas e articuladas de forma mais precisa.

As narrativas dessas mulheres não apenas expõem suas vidas, mas também revelam suas estratégias de resistência e as negociações identitárias que essas mulheres constroem a partir de

suas experiências (Mishler, 2002; Moita Lopes, 2002).

Para entender essas experiências, foi necessário romper várias fronteiras. Não se tratava apenas de atravessar as fronteiras físicas entre países, mas também de romper as fronteiras culturais, históricas e até mesmo da “humanidade” em si (Chiappini; Martins; Pesavento, 2004). Com isso, busquei compreender a trajetória dessas mulheres, que transpassaram as fronteiras entre a Venezuela e o Brasil em busca de dignidade e sustento, muitas vezes em situações extremas e com pouco apoio institucional. Não apenas migrantes, mas também como mulheres que enfrentam o estigma da prostituição, essas histórias são marcos de resistência em um contexto de marginalização (Olivar, 2008; López e Buitrago, 2022; Lopes, 2022).

À medida que os estudos avançavam, novas questões surgiram, e, a cada capítulo escrito, novas incertezas foram levantadas, exigindo uma reflexão mais profunda. A pesquisa me levou a questionar, revisar e expandir meus horizontes sobre a relação entre linguagem e identidade, especialmente em um contexto tão específico como o das mulheres migrantes e profissionais do sexo (López; Buitrago, 2022; Lopes, 2022).

As narrativas apresentadas refletem diferentes perspectivas sobre a experiência das profissionais do sexo migrantes venezuelanas que chegam ao Brasil em busca de uma vida melhor em comparação àquela que tinham em seu país de origem. Dessa forma, os objetivos específicos foram alcançados da seguinte maneira:

a) Em relação a **compreender a relevância da linguística para o estudo sobre a construção da identidade de prostitutas migrantes venezuelanas em Boa Vista**, foi possível compreender nas narrativas dessas mulheres como a identidade delas foi se moldando aos aspectos linguísticos absorvidos na cidade de Boa Vista-RR. Por exemplo, a absorção e o uso da língua portuguesa ao invés do espanhol no exercício da profissão como prostitutas nas esquinas para melhor atenderem aos clientes falantes de língua portuguesa.

Um dos elementos mais reveladores dessa pesquisa foi a análise da linguagem e das práticas linguísticas de cada uma das entrevistadas. A língua portuguesa, por exemplo, se configurou como uma barreira, mas também como uma ferramenta de inclusão e sobrevivência. Carla, uma das entrevistadas, relatou que foi fundamental aprender a língua para poder se comunicar melhor com seus clientes e facilitar seu trabalho. A língua, portanto, não apenas medeia a comunicação, mas também possibilitava o acesso ao mercado de trabalho, permitindo um rompimento das fronteiras da exclusão (López e Buitrago, 2022; Lopes, 2022; O’connell-Davidson, 1995).

b) Quanto a **entender como se estabelecem as relações de trabalho como prostitutas por meio das narrativas dessas mulheres migrantes venezuelanas ao escolherem a**

prostituição como ocupação laboral e assim identificar os problemas enfrentados por elas por serem mulheres, prostitutas, e migrantes da Venezuela, na cidade de Boa Vista, elas rompem barreiras, desconstróem conceitos e se posicionam como mulheres trabalhadoras e protagonistas se suas próprias histórias.

c) Ao se **investigar como a identidade dessas venezuelanas se moldam aos aspectos linguísticos no exercício da profissão como prostituta na cidade de Boa Vista-RR, e os desafios que elas têm nesse exercício laboral em um país diferente, verificou-se nas narrativas das migrantes**, com base nas histórias narradas, nos dados gerados e nas anotações do Diário de Campo, constatou-se que as prostitutas migrantes venezuelanas, em algum momento, sofreram discriminação e preconceito por parte dos moradores dos bairros onde elas exercem a profissão, ou por parte dos clientes em querer que elas fizessem outro tipo de serviço sexual ou o não uso de camisinhas.

Pelas narrativas dessas mulheres, verifica-se como a identidade dessas venezuelanas se molda aos valores e aos costumes absorvidos na cidade de Boa Vista-RR, por exemplo, a absorção e o uso da língua portuguesa ao invés do espanhol no exercício da profissão como prostitutas nas esquinas. Além dos desafios como migrantes, as entrevistadas revelaram a livre escolha pela prostituição como uma opção profissional e obtenção financeira. Elas mostram protagonismo em oportunizar uma vida melhor para elas e a família no Brasil, e pela superação do estigma em relação à profissão.

Em relação aos desafios, as entrevistadas relataram que, embora tenham enfrentado dificuldades no início, em geral, não encontraram grandes obstáculos para se adaptarem à vida em Boa Vista. Carla, no entanto, mencionou episódios de xenofobia, particularmente no bairro Caimbé, onde enfrentou resistência devido à sua condição de migrante e prostituta. Esse episódio de hostilidade, no entanto, diminuiu com o tempo, evidenciando o processo de adaptação e a capacidade dessas mulheres de superarem as adversidades em um novo contexto sociocultural (Moita Lopes, 2002)

Além dos desafios, as entrevistadas revelaram a livre escolha pela prostituição como uma opção profissional. As mulheres afirmaram que, embora a prostituição fosse uma atividade marginalizada e estigmatizada, ela oferecia uma condição financeira superior à de outras alternativas de emprego que encontrariam em Boa Vista. Anita, em particular, compartilhou que, mesmo sabendo das implicações dessa profissão, foi por meio da prostituição que conseguiu melhorar a vida de seus filhos e pais, especialmente quando comparada com a situação de extrema pobreza que viviam na Venezuela. Esse aspecto da narrativa destaca o paradoxo entre a marginalização da profissão e a dignificação do trabalho que ela representava

para aquelas mulheres.

Ao longo da pesquisa, ficou claro que as narrativas dessas mulheres não apenas falam de suas dificuldades, mas também de suas esperanças e aspirações. O desejo de trazer suas famílias para perto, de garantir uma vida melhor para seus parentes e de construir um futuro mais promissor no Brasil permeia suas histórias. Elas, ao romperem o silêncio e compartilharem suas vivências, desafiam as narrativas negativas impostas pela sociedade, reescrevendo suas próprias histórias com coragem e determinação (hooks, 1994).

Esse estudo também abre espaço para futuras investigações sobre a legalidade da prostituição e a conscientização dos direitos trabalhistas das migrantes. É crucial que novas pesquisas se aprofundem em como essas mulheres podem ser mais bem apoiadas em sua busca por dignidade, não apenas como profissionais do sexo, mas como indivíduos que possuem direitos fundamentais e aspirações legítimas que merecem ser respeitados.

No contexto mais amplo da prostituição no Brasil, conforme apontado por Soares et al. (2005), as causas do envolvimento das mulheres nesse ofício são multifacetadas, incluindo desajustamentos familiares, envolvimento com drogas e, principalmente, a pobreza. As narrativas apresentadas, contudo, mostram uma perspectiva diferente sobre o exercício da prostituição. Essas mulheres, de forma geral, enfrentam um duplo preconceito: como migrantes e como trabalhadoras do sexo. Porém, ao narrar suas histórias, elas revelam resistência, não apenas em relação ao mercado de trabalho, mas também quanto à sociedade que as marginaliza.

Sob a óptica de Moita Lopes (2002), essa pesquisa mostrou a importância de uma abordagem interdisciplinar, que compreenda as identidades dessas mulheres dentro de uma multiplicidade de contextos sociais e culturais. As histórias de Carla, Gabriela e Anita exemplificam esse rompimento com valores e normas sociais, alinhando-se à perspectiva de hooks (1994), que defende a educação como uma prática de liberdade, capaz de proporcionar uma transformação tanto individual quanto coletiva além do empoderamento da mulher.

Em suma, a identidade das mulheres migrantes se constrói em um contexto de choque cultural, em que a prostituição, mesmo sendo vista negativamente em muitas esferas sociais, surge como uma alternativa viável para garantir o sustento e a dignidade. Mesmo conscientes das conotações estigmatizadas dessa profissão, essas mulheres, em situação de vulnerabilidade social, revelam uma faceta resiliente, buscando com coragem transformar suas realidades.

Portanto, com este trabalho, espero não apenas contribuir para o campo da Linguística Aplicada, mas também inspirar outras pesquisas que explorem as múltiplas dimensões da linguagem e suas implicações na construção das identidades sociais. As histórias dessas mulheres revelam a busca incessante por dignidade e a superação das adversidades, refletindo

a importância da prostituição não apenas como uma profissão, mas como uma estratégia de sobrevivência diante das dificuldades econômicas. Além disso, este estudo oferece uma reflexão sobre como a linguagem é utilizada para a construção e afirmação de identidades sociais, desafiando as noções tradicionais sobre o trabalho sexual e suas implicações sociais e culturais. Por fim, ressalto que há muitas possibilidades para expandir essa pesquisa, incorporando diferentes métodos, mais participantes e abordagens interdisciplinares para uma compreensão mais completa das experiências das migrantes prostitutas em Boa Vista, Roraima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA Brasil. **Brasil é o quinto país mais buscado por imigrantes venezuelanos.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/brasil-e-o-5o-pais-mais-buscado-por-imigrantes-venezuelanos#:~:text=O%20pa%C3%ADs%20%C3%A9%20o%20quinto,Peru%2C%20com%201.286.464>. Acesso em: 22 de jun. de 2022.

ALTO-COMISSARIADO das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). **Aumento do número de mulheres e crianças venezuelanas vindo para o Brasil ressalta necessidade de políticas públicas inclusivas.** Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/07/13/aumento-do-numero-de-mulheres-e-criancas-venezuelanas-vindo-para-o-brasil-ressalta-necessidade-de-politicas-publicas-inclusivas/>. Acesso em 03 de mai. de 2024.

ALTO-COMISSARIADO das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). **Dados sobre refúgio.** Migrantes internacionais no ano passado. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/#:~:text=89%2C3%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas,perturbem%20gravemente%20a%20ordem%20p%C3%ABlica>. Acesso em: 22 de jun. de 2022.

ALTO-COMISSARIADO das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). **Dados sobre refugiados.** Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/#:~:text=Do%20total%20das%20117%20milh%C3%B5es,do%20que%20h%C3%A1%20uma%20d%C3%A9cada>. Acesso em 03 de mai. de 2024.

ALTO-COMISSARIADO das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). **Refugiado ou Migrante?** O ACNUR incentiva a usar o termo correto. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/#:~:text=Dizemos%20'refugiados'%20quando%20nos%20referimos,na%20defini%C3%A7%C3%A3o%20legal%20de%20refugiado>. Acesso em: 22 de jun. de 2022.

ALVES, F. L. **Noites de Cabaré:** prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

ANDRADE, L. T. TEIXEIRA, A. E. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. **Cadernos Metrópole**, (11), 2012. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8817>

ARRUDA-BARBOSA L; MENEGATTI M.S; FONSECA R. M. G. S.; OLIVEIRA M. A. C. Violências sofridas por mulheres imigrantes venezuelanas profissionais do sexo: um olhar interseccional. **Revista Escola de Enfermagem da USP**: 2024. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0282en>

ATLAS Venezuela: **Migrações Venezuelanas.** [S. l.: s. n.], 2019. Atlas. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/atlasvenezuela/atlas_venezuela.pdf. Acesso em: 24 mar. 2023

BAKHUIZAN, G.; BENSON, P.; CHIK, A. **Narrative Inquiry in Language Teaching and Learning Research**. New York: Routledge, 2014.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis**. *Text & Talk*, Berlim, v. 28, n. 03, p. 377- 396, 2008.

BAMBERG, M. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L.P. e BASTOS, L.C. **Identities: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. Páginas?

BEAUD, F.W. **Guia para a pesquisa de campo**. Produzir e analisar dados. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. 144 p.

BORGES NETO, J. **Ensaio da filosofia linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRAH, A; PHOENIX, A. Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade”. In. BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Orgs.). **Traduções dacultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p. 661-684.

BARKHUIZEN, G.; BENSON, P.; CHIK, A. **Narrative inquiry in language teaching and learning research**. **Routledge**: University of Auckland, Hong Kong Institute of Education, and City University of Hong Kong, 2014.

BARRERO, G. P. D. Stripers, bailarinas exóticas, eróticas: identidade e inmigración em la Construcción del estado canadiense. **Cadernos Pagu**, 25, 129-152.

BARRETO, L. C. **Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte (Dissertação de Mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2008.

BARROS, A.S. **Camumbembe**. Goiânia: Cãnone editorial, 2005.

BASTOS L. C.; SANTOS, W. S. Entrevista, narrativa e pesquisa. In: **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. Análise narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, São Paulo, v. 31, p. 97-126, 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>.

BASTOS, L. Histórias, Vida Cotidiana e Identidade – Uma Introdução ao Estudo da Narrativa. In: **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Santa Catarina: UFSC, 2008, p.78-106.

BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**. Vol. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BASTOS L. C. Narrativa e vida cotidiana. v. 7 n. 14, 2004: **Edição especial do I Simpósio de Língua Portuguesa e Literatura – interseções**. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548> Acesso em: 23 de junho de 2024.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. v.1, São Paulo: Brasiliense, 1993.p.197-221.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005[1963b], p. 19-33.

BENSEMAN, J. Adult refugee learners with limited literacy: needs and effective responses. **New Zealand English Language Partners Annual Conference, Conversations about diversity: inclusion in practice**. Auckland, May 25-27, 2012.

BIAR, L. A.; ORTON, N.; BASTOS, L. C. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021.

BIRMAN, J. Se eu te amo, cuide-se. Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80. In: Berlinck, Manoel Tosta, org. **Histeria**. São Paulo, Escuta, 1997. p.89-132.

BLANCHETTE, T.; SILVA, A.P. Amor um real por minuto – a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: **Sexualidade e política na América latina: histórias, interseções, paradoxos**. RdJ: Sexual Policies Watch, 2011, v.1, Pp. 192-233.

BOTEGA, T. Mobilidade social. In CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (Org.) **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: EDUNB, p.495-502, 2017.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. The organic ethnologist of Algerian migration. **Ethnography**, 1 (2): 173-182, 2000.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 09-16.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19474.htm>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/113445.htm. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRITO, D. **Governo de Roraima decreta emergência com aumento de fluxo de venezuelanos**. 2016 Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/governo-de-roraima-decreta-emergencia-com-aumento-de-fluxo-de-venezuelano>. Acesso em 08 de ma. de 2022.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

BRUNER, J. **Life as narrative**. Social Research, 2004.

BRUNS, M.A.T; GOMES JR. Prostituição: o discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador. **Jornal Brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis**. v.8, nº4: 4-13. Niterói, dez. 1996.

BRUNS, M. A. T. GUIMARÃES, R. M. **Garota de programa**: uma nova embalagem para o mesmo produto. Campinas: Átomo, 2010.

CÂMARA dos Deputados. **Comissão externa destinada a tratar da crise na Venezuela, em especial na fronteira com o Brasil**, 2019.

CÂMARA dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 4.211, de 2012**. Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=32BFF66F055813F2879DA1BD87681B56.node2?codteor=1019532&filename=Avulso+-PL+4211/2012. Acesso em: 12 mar. 2023.

CAMBRICOLI, F. Prostituição vira opção para imigrantes venezuelanas em Roraima. **Jornal Estadão**, 22/04/2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/prostituicao-vira-opcao-para-imigrantes-venezuelanas-em-roraima/>. Acesso em 08 de mai. de 2023.

CAVALCANTI, L. OLIVEIRA, T. de; SILVA, S. F. L. **Resumo Executivo**. Imigração e Refúgio no Brasil. A inserção do imigrante, solicitante de refúgio e refugiado no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra 2019.

CAVALCANTI, L., OLIVEIRA, T., ARAÚJO, D. A inserção dos migrantes no mercado de trabalho brasileiro. **Relatório Anual 2023**. Observatório das Migrações Internacionais. Brasília, DF: Observatório das Migrações, 2023.

CLARKSON, A. History of prostitution. In: **The canadian medical association journal** Sept. 1939. p.296-301.

CECCARELLI, P. R. As possíveis leituras da perversão. Belo Horizonte: **Estudos de Psicanálise**. 2011. p. 135-148. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300013. Acesso: 25 mar. de 2024.

CHESLER, P.; HUGHES, D. Feminism in the 21st Century. **The Washington Post**, 22 de fevereiro 2004, B07.

CHIAPPINI. L.; MARTINS. M.; PESAVENTO. S, J. **Fronteiras da Paz**. In: CHIAPPINI. Ligia; MARTINS. Maria Helena.; PESAVENTO. Sandra J. (Orgs.). Pampa e cultura: de Fierro a Netto. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CODOGNOTO, L. Cartografias de Mulheres na Prostituição. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 102–119, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v14i29.14054>. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/14054>. Acesso em: 24 jun. 2024

CORRÊA, W. H.; HOLANDA A. F. Prostituição e sentido de vida: relações de significado. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2012 427

CRISE na Venezuela: O desespero de quem que se prostitui na fronteira com a Colômbia. **Jornal g1.globo.com**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/28/crise-na-venezuela-o-desespero-de-quem-que-se-prostitui-na-fronteira-com-a-colombia.ghtml>. Acesso em 20 de jun. de 2022.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002

CUNHA, P. S. C. **Diário de Campo: Narrativas de prostitutas migrantes venezuelanas**. Boa Vista/RR: 2023.

CUSTÓDIO, K. A. **A construção da narrativa de pessoas com a doença de alzheimer: aspectos linguísticos e interacionais**. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS, 2021.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n° 24, p.40-52. Set -Dez 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 03 de mar. de 2023.

DE FINA, A. Discourse and Identity. In: Van Dijk, T. (Org.). **Discourse studies: A multidisciplinary introduction**. London, England: SAGE, 2011. p. 263-283.

DE FINA, A; PERRINO, S. Introduction: Interviews vs. ‘natural’ contexts: A false dilemma. **Language in Society**, Cambridge, v. 40, 1–11, 2011.

DEL PRIORE, M; VENÂNCIO, R. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2010.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. In: **contexto e Educação**, n° 7, Juí: Inijuí, 1987; Escola de Serviço Social.

FABRÍCIO, B.F.; BASTOS, L.C. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, M.G.D.; BASTOS, C.R.P.; PEREIRA, T.C. (Orgs.) **Discursos socioculturais em interação**. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FAGUNDES, M. K. Migração Venezuelana e a Exploração de Trabalho Análogo ao de Escravo em Roraima. **Revista da Escola Nacional da Inspeção do Trabalho**. Ano 3, 2019. Disponível em: <https://revistaenit.trabalho.gov.br/index.php/RevistaEnit/article/view/84/47>. Acesso em: 27 jul. 2024.

FOLLMAN, J. I. Identidade como conceito sociológico. In: **Ciências Sociais UNISINOS**. Centro de Ciências Humanas, Universidade Vale do Rio dos Sinos. v. 37, n. 158. São Leopoldo: UNISINOS, 2001, p. 43-66.

FERREIRA, A. Migrações internas e subdesenvolvimento: uma discussão. **Revista de Economia Política**, São Paulo, p. 98-124, jan./abr. 1986.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLANNERY, M. R. S. Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n.1, p. 112-119, jan./mar. 2011.

FLANNERY, M. R. S. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FRANÇA, G. V. Prostituição: um enfoque político-social. **Femina**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 145-148, 2012. Disponível em: < <http://www.derechocambiosocial.com/revista029/Prostitui%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 03 mar. de 2023.

FREITAS, D. B. A. P. A construção do sujeito nas narrativas orais. **CLIO - Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 25-2, p. 92-112, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCEZ, Pedro M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, Branca Telles *et al.* **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2001. p. 189-213.

GEORGAKOPOULOU, A. **Small Stories, Interactions and Identities**. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins, 2015.

GOFFMAN, E. Footing. In RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002 [1979].

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Northeast University Press, Boston, 1974.

GONÇALVES, A. J. Migrações Internas: evoluções e desafios. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 173-184, 2001.

GONZALEZ, Lélia. **Mulher negra**. (1984). Disponível em: https://ewe.branchable.com/index/livroteka_preta/le_769_lia_gonzalez_-_Mulher_Negra.pdf. Acesso: 23 mai. de 2024.

GUERRA, E. L. A. **Manual da pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima, 2014.

GUIMARÃES, K.; MERCHÁN-HAMANN, E. Comercializando fantasia: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, 13 (3), 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 12a ed., 2006.

HAMMERSLEY, M. What is Qualitative Research? What Is? **Research Methods**. London: Continuum/Bloomsbury, 2013

HANKE, M. Narrativas orais: formas e funções. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 0, p.117-126, 2005.

HAUGHTON, M.; LEVY, J. Como trabalhadoras do sexo no Brasil vêm conquistando direitos pelo sindicato. Em entrevista, Associação Mulheres Guerreiras discutem os avanços na profissão através de seu ativismo. **openDemocracy**, 2020. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/trabalhadoras-sexuais-sindicato-brasil/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

HERNÁNDEZ, A. M. G. **Narrativas y continuidad de vínculos en padres que perdieron hijos**. *Majorensis*, 2017; 13:118-125

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo Elefante, 2020. 288 p.

HOOKS, B. **Teaching to transgress: Education as the practice of freedom**. New York: Routledge, 1994.

HUGUES, D. Prefácio. In: PIRES, J.M., **O grito de milhões de escravas: a cumplicidade do silêncio**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

HYMES, D. Competence and performance in linguistic theory. **Acquisition of languages: models and methods**. Ed. Huxley and E. Ingram. New York: Academic Press, 1971, pp. 3-23

ISMAEL, V. de P.; NASCIMENTO, R. S. Imigração venezuelana no Brasil como mobilidade do trabalho: subsídios teóricos para seu estudo. **Brasil-Periferia**, XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos. 2022. Disponível em; <https://www.researchgate.net/profile/Vinicius-De-Paula-Ismael-2/publication/365233533> Acesso em: 24 jul. 2024.

KERNER, I. Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos Estudos CEBRAP**, n.93, jul. 2012, p. 45-58.

KILOMBA, G. **Descolonizando o conhecimento**. Palestra- performance. Tradução Jessica Oliveira. Disponível em: https://www.academia.edu/23391789/Tradu%C3%A7%C3%A3o_para_o_Portugu%C3%AAs_de_descolonizando_o_conhecimento_Uma_Palestra_Performance_de_Grada_Kilomba. Acesso em: 12 de mai de 2024.

KINNEL, H. e GRIFFITHS, R. **Male clients of female prostitutes in Birmingham**, England: A bridge for transmission of HIV? Birmingham: Central Birmingham Health Authority, Department of Public Health, 1989.

KNOWLES, C. Mobilidade. In: CAVALCANTI, Leonardo (Org.). **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W., **Language in the inner city**. Philadelphia, University of Philadelphia Press, p.354- 396, 1972.

LABOV, W. Some further steps in narrative analysis. **Journal of Narrative and Life History**. 7 (1-4): 395 – 413, 1997.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967

LACERDA, R. R. D. **Proteção do trabalho da prostituta: modelo laboral e princípio da justiça social**. In: SOUTO MAIOR, Jorge Luiz; GNATA, Noa Piatã Bassfeld (Orgs.) **Trabalhos marginais**. São Paulo: LTr, 2013. p. 145-163.

LEAL N. A. C.; SILVA S. M.; SILVA NETA E. L. M.; SALHAH S.; DALPASQUALE P. L. M.; BARBOSA L. A. Refugiados Venezuelanos em abrigos de Roraima: convivência, higiene, segurança e saúde dos abrigados. **SANARE – Rev Políticas Públicas** [Internet]. 2022 Jun 30;21(1). DOI: <https://doi.org/10.36925/sanare.v21i1.1577>. 3. Acesso em: 03 de mai. de 2024.

LINDE, C. **Life Stories: the creation of coherence**. New York: OUP, 1993.

LÓPEZ, E. N. S; SÁNCHEZ, J.S. G; BUITRAGO, G. B. **Efecto De La Migración De Mujeres Venezolanas En El Ejercicio De La Prostitución En La Ciudad De Bogotá Durante Los Años 2015-2020**. 2022. Disponível em: https://ciencia.lasalle.edu.co/cgi/viewcontent.cgi?article=1298&context=negocios_relaciones. Acesso em: 25 de jun. de 2024.

LOPES, K. S. S. **Redes sociais na experiência migratória de mulheres venezuelanas em Boa Vista – Roraima**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Universidade Federal de Roraima, 2022.

MAIS DE 40 MILHÕES se prostituem no mundo, diz estudo. **Jornal BBC**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is. Acesso em: 25 março e 2024.

MARCONDES, D. **Textos Básicos em Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MATOS, R. **Elas sonham acordadas em Santo Antônio dos Prazeres: Mulheres em Prostituição**. 2000. 117 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, UFBA, Salvador, 2004.

MCKEGANEY, N. e M. BARNARD. **Sex Work on the Streets: Prostitutes and their Clients**, Buckingham: Open University Press, 1996.

MENEZES, M. P. Tendências atuais das migrações internas no Brasil. **Scripta Nova**, revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 69, p. 1-17, ago. 2001.

MIRABETE, J. FABBRINI, R. N. **Parte Especial Arts. 121 a 234-B do CP**. Volume 2. 32ª Edição Revista e Atualizada até 5 de janeiro de 2015. Editora Atlas S.A- SP. 2015. Pág. 441/469.

MIRA, C. Como é que a gente diz? Uma análise das estratégias textual-interativas na narrativa de uma pessoa com doença de Alzheimer. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 3, 2019, p. 419-433.

MIRA, C.; CARNIN, A. Histórias sobre o convívio com a Doença de Alzheimer: contribuições da noção de referenciação para a análise de narrativas no contexto de interações de um Grupo de Apoio. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 1, p.157-174, 2017.

MIRA, C. Conversação nas afasias: uma análise do tópico discursivo e do turno conversacional sob a perspectiva textual-interativa. **Linguagem em (Dis)curso** (Online), v. 16, p. 133-152, 2016.

MISHLER, E. G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 97-119.

MISHLER, E. G. **Storylines: craftartists' narratives of identity**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

MISHLER, E. G. **Research Interviewing: Context and Narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento e Assistência Social. Família e Combate à Fome. **Brasil acolhe mais de 125 mil migrantes e refugiados venezuelanos por meio da Operação Acolhida**. In. Ministério Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/brasil-acolhe-mais-de-125-mil-migrantes-e-refugiados-venezuelanos-por-meio-da-operacao-acolhida>. Acesso em 20 de jul. de 2024.

MINISTÉRIO da Justiça e Segurança Pública. **O que é refúgio?** Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/o-que-e-refugio#:~:text=Um%20dos%20exemplos%20%C3%A9%20o,ainda%20no%20pa%C3%ADs%20de%20origem>. Acesso em 03 de maio de 2024.

MARQUESIN, D. F. B.; FERRAGUT, L. F. **Narrativa como objeto de estudo: Aportes Teóricos**. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n.2, p. 219-237, jul./dez. 2009.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. del P. (org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24

MOITA LOPES, L. P. Os EspaçoTempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada. **Caderno De Letras**, (40), 2021, 11-33. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i40.21413>

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 97-119.

MOITA LOPES, L.P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M.T.L. (orgs) **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro, Edições IPUB, 2001.

MORAES, A. F. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MUYLAERT et all. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. in **Revista da Escola de Enfermagem da USP**: December, 2014.

NASSER, A.; OUSHIRO, L. Perguntas e Respostas em entrevistas sociolinguísticas. **Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação II**. São Leopoldo - RS: Casa Leiria, 2010. Disponível em http://usp-br.academia.edu/LiviaOushiro/Papers/1008535/Perguntas_e_respostas_em_entrevistas_sociolinguisticas. Acesso em: 26 de jun. de 2022.

O'CONNELL-DAVIDSON, Julia. **British sex tourists in Thailand**. In: M. Maynard e J. Purvis (orgs.), (Hetero)sexual Politics, Londres: Taylor & Francis, 1995.

OCHS, E.; CAPPS, L. **Living Narrative: Creating Lives in Everyday Storytelling**. Cambridge: Harvard University Press, 2001

OCHS, E. **Narrating the self.**” **Annual Review of Anthropology**. 1996, 25(1):19-43.

OIM. **Relatório Mundial sobre Migração de 2024**. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/2024-05/world-migration-report-2024.pdf> Acesso em: 5 de agosto de 2024.

OLIVAR, J. M. N. **A angústia dos corpos indóceis: prostituição e conflito armado na Colômbia contemporânea**. 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Yw4gKryvwFjbfrXG7S7TZmb/?lang=pt>. Acesso em: 25 de jun. de 2024.

OLIVEIRA, A. T. A migração venezuelana no Brasil: crise humanitária. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas** V.13 N.1 2019 ISSN: 1984-1639, 335p.

OLIVEIRA, L. M. **A performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo**. 2013. Tese (doutorado) – Letras, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=21848@1>. Acesso em 09 out 2021.

OLIVEIRA, M. Q. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

ORGANIZAÇÃO Internacional para as migrações (OIM) Brasil. **População venezuelana refugiada e migrante fora de abrigos em Boa Vista.** Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). **Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272#:~:text=Em%202019%2C%20a%20Organi%20za%C3%A7%C3%A3o%20Internacional,%20C3%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20mundial>. Acesso em: 22 de jun. de 2022.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). **World Migration Report 2022.** Disponível em: https://reliefweb.int/report/world/world-migration-report-2022?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwwO20BhCJARIsAAAnTIVQEpmzLSF4zgcA0B3UrRhikfvNHXIO62gwSGvilLHADgNVNcUvUB80aAiHwEALw_wcB. Acesso em: 22 de jun. de 2022.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). **World Migration Report 2024.** Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/world-migration-report-2024?> Acesso em: 22 de jun. de 2024.

PACHECO, S. H. A regulamentação da prostituição e o combate à marginalização dos trabalhadores do sexo. **Revista da Faculdade de Direito da FMP** – nº 10, 2015, p. 136-154

PASINI, E. **Prostituição e a liberdade do corpo.** 2005. Disponível em: <https://www.clam.org.br/uploads/conteudo/Elisiane.pdf>. Acesso em: 25 março e 2024.

PATEMAN, C. **O contrato sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PAULA, J. Para sobreviver, venezuelanas se prostituem em Roraima sem conhecer DSTs. **Agência Aids**, 31/03/2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2018/03/31/las-ochenta-venezuelanas-recorrem-a-prostituicao-nas-ruas-do-brasil.htm>. Acesso em 08 de mai. de 2022.

PELÚCIO. L. Na noite nem todos os gatos são pardos Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Mercado do sexo, v.25, p. 217-248, 2005.

PISCITELLI, Adriana. **Deslocamentos femininos e prostituição.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 272p.

POLLAK, M. **Memória e Identidade social.** Rio de Janeiro. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROSTITUIÇÃO de venezuelanas avança com imigração em massa no Norte. **Folha de São Paulo.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1879719-prostituicao-devenezuelanas-avanca-com-imigracao-em-massa-no-norte.shtml>. 29 abr. 2017. Acesso em: 12 mar. 2023.

PROSTITUIÇÃO no bairro Caimbé, em Boa Vista, gera reclamação de moradores. **Jornal de Roraima 1ª Edição**. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7021256/>. Acesso em 08 de mai. de 2022.

RORAIMA têm maior valor médio nacional do Bolsa Família em maio. **Jornal Folha de Boa Vista**. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/roraima-tem-maior-valor-medio-nacional-do-bolsa-familia-em-maio/> Acesso em: 18 de mai. de 2023.

46,3 das prostitutas do Brasil têm de 20 a 29 anos. **Jornal Perfil News**. Disponível em: <https://www.perfilnews.com.br/2002/12/04/46-3-das-prostitutas-do-brasil-tem-de-20-a-29-anos/> Acesso em: 25 março de 2024.

QUEIROZ, N. **Breve história da prostituição: da puta sagrada à devassa pecadora**. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/breve-historia-da-prostituicao-da-puta-sagrada-a-devassa-pecadora/>. Acesso em: 25 de mai. de 2021.

RACZYNSKI, D. A mobilidade territorial da população na América Latina: perspectivas das análises lineares de investigação. In: **Memórias del Congreso Latioamericano de Población y Desarrollo**, México, v. 2, p. 863-92, 1983.

RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e código de sexualidade feminina em São Paulo**: Paz e Terra, 1991.

RAYMOND, J. **Não à legalização da prostituição – 10 razões para a prostituição não ser legalizada**. 2003. Disponível em: <https://www.mdm.org.pt/wp-content/uploads/2017/11/N%C3%83O-%C3%80-LEGALIZA%C3%87%C3%83O-DA-PROSTITUI%C3%87%C3%83O-10-raz%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 25 mar. de 2024.

REIS, G. O. **Aspectos da Prostituição na Sociedade Brasileira: A Prostituição não é crime**. 2021. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/aspectos-da-prostituicao-na-sociedade-brasileira/1188153543>. Acesso em: 25 março de 2024.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Ed. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro. 1992.

RODRIGUES, M. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Rev. Katál**: Florianópolis v. 12, n. 1, p. 68-76, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/sG4V4bWD8yHJVwGQnBJrkTn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ROSTAGNOL, S. Regulamentação: controle social ou dignidade do/no trabalho. In: Ana Isabel Fábreas-Martinez e Marcos Renato Benedetti, (Orgs). **Na batalha: sexualidade identidade e poder no universo da prostituição**. Porto Alegre: Decasa, Palmarica, 2000, p. 95 – 107.

SACKS, H. On doing “being ordinary”. In: ATKINSON; J. Maxwell; HERITA GE, John (Org.). **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 8, **Anais do VII Encontro nacional de estudos populacionais**, Campinas, ABEP, v. 3, p. 119-143, 1992.

SANTOS, V. G. **Narrativas Educacionais de Prostitutas do Centro de Fortaleza-CE**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2016.

SANTOS, W. S. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. In. BASTOS, Liliana; SANTOS, William Soares dos (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013. p. 21- 35. E-book.

SANTOS, W. S. Cordélia, a tua voz tá tão diferente: a construção do si mesmo e a perspectiva do presente em uma narrativa de conversão religiosa. **Calidoscópico**, vol. 7, núm. 2, mayo-agosto, 2009, pp. 144-154

SANTOS, P. R. Desejos, conflitos e preconceitos na invenção de si: história de uma travesti no mundo da prostituição. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 17, n. 32, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/4936>. Acesso em: 5 out. 2024.

SANTOS, M. A.; FANGANIELLO, A. L. S.; PAPARELLI, R.; e OLIVEIRA, F. Intervenção em saúde do trabalhador com profissionais do sexo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2008, vol. 11, n. 1, pp. 101-110.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. 1ª edição. São Paulo, Edusp, 1998.

SERPA, A; RIBEIRO, S. S. **Currículo: conversando sobre diferentes diferenças**. **Revista Teias**, [S.l.], v. 16, n. 40, p. 89-98, mar. 2015. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24552>>. Acesso em: 05 set. 2022.

SERRA, L. H.; SILVEIRA, T. S. A profissional do sexo no léxico do português falado na Amazônia Legal: discutindo imagens femininas na sociedade. **Revista ENTRELETRAS** (Araguaína), v. 15, n. 1, jan./abr. 2024 (ISSN 2179-3948 – online). Acesso em: 23 de mai. de 2024.

SILVA, C. R., ANDRADE, D. N. P., OSTERMANN, A. C. **Análise da Conversa: uma breve introdução**. ReVEL, vol. 07, n. 13, 2009 [www.revel.inf.br]

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000: 73-102.

SILVA, D. N. Crise na Venezuela. 2018. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historia-da-america/crise-na-venezuela.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

SILVA P. S.; ARRUDA-BARBOSA L. Imigração de venezuelanos e os desafios enfrentados por enfermeiros da atenção primária à saúde. **Enferm em Foco** [Internet]. 2020 Jul 23;11(2). DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n2.3091>. Acesso em 03 de maio de 2024.

SILVA, K. A. T.; CAPELLE, M. C. A. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, 16(6), Edição Especial. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n6p19-47>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA; F. C. A; SOUSA, E. M. A migração venezuelana e o aumento da pobreza em Roraima. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, V. 14, n. 27, P. 105-119, 2018.

SIMÕES, G. F. Venezuelanos em Roraima: migração no extremo norte do país. Brasília: Mundorama – **Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais**, 2017. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=23834>>. Acesso em: 22 de jun. de 2022.

SOARES J. F. *et al.* A Prostituição Sob a Ótica das Profissionais do Sexo. **Revista Saberes**, Rolim de Moura, vol. 3, n. 2, jul./dez., p. 63-75, 2015. ISSN: 2358-0909

SOUSA, R. Imigração venezuelana para o Brasil. 2019. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/imigracao-venezuelana-para-brasil.htm>. Acesso em 12 de abril de 2021.

STURZA, E. R. In: **Letras e Instrumentos Linguísticos**, nº. 18, jul./dez. 2006. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006. p.101-121.

THORNBORROW, J.; COATES, J. The sociolinguistics of narrative: identity, performance, culture. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p.1-16.

VAN DOORNINCK, M. **Only rights can stop wrongs**: A critical assessment of anti-trafficking strategies. Paper presented at EU/IOM STOP European Conference on Preventing and Combating Trafficking in Human Beings – A global challenge for the 21st century. September, 2002. Disponível em: <<http://www.walnet.org/csis/papers/wijers-rights.html>>. Acesso em 14 abr. 2024.

WOFFORD, M. C., TIBI, S. A human right to literacy education: Implications for serving Syrian refugee children. **International Journal of Speech-Language Pathology**, 2017; Early Online: 1–9

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 14. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2014. p. 7-20.

WORTHAM, S. Interactional positioning and narrative self-construction. **Narrative Inquiry**, 2000. 10(1), 157-184

ANEXO 1 – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

...	Pausa
:	Fala alongada
—	Ênfase
()	Sugestão do transcritor
(SI)	Segmento incompreensível
[Sobreposição de fala
(())	Comentário do transcritor
° °	Volume mais baixo
?	Pergunta

Fonte: Marcuschi (1986).

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

NOME DA PESQUISA: NAS ESQUINAS DA VIDA: NARRATIVAS DE MULHERES MIGRANTES PROFISSIONAIS DO SEXO EM BOA VISTA-RR



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, Patrícia Socorro da Costa Cunha, doutoranda do Curso de pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sob a orientação do Prof. Dr. Caio Cesar Costa Ribeiro Mira, estou lhe convidando para participar do projeto de pesquisa “Nas esquinas da vida: narrativas de mulheres migrantes em Boa Vista-RR”.

A pesquisa será desenvolvida em Boa Vista, onde, muitas migrantes venezuelanas trabalham como profissionais do sexo, em função da crise enfrentada por seu país. O objetivo da pesquisa é estudar as narrativas dessas mulheres, para compreender a construção de sua identidade como migrantes, venezuelanas, e profissionais do sexo, e trazer subsídios que possibilitem reflexões e debates sobre os aspectos que envolvem a busca de novas oportunidades em terras brasileiras.

Dessa forma, procura-se também identificar a relevância da linguística na sua relação com esse processo migratório e conhecer, como a prostituição se torna uma profissão para elas, identificando os desafios enfrentados nesse contexto específico, sua moldagem e adaptação aos costumes absorvidos, além de buscar compreender quais as histórias escondidas por trás de cada uma dessas migrantes e quais suas representações e identidades no contexto multilíngue e multicultural que é o estado de Roraima.

Sua participação consistirá em responder a uma entrevista individual, com duração estimada de duas horas, em local e horário convenientes, combinados previamente. A entrevista será gravada pelo celular. Os dados obtidos serão armazenados em local seguro, e só a pesquisadora terá acesso. As informações individuais ou relacionadas à comunidade são confidenciais. Seu nome será substituído, para fins da pesquisa, por um nome fictício.

Os riscos da pesquisa são considerados mínimos e se relacionam ao desconforto que o relato de fatos passados ou presentes possam desencadear. A pesquisadora prestará o suporte necessário nessa circunstância e apoiará em eventuais encaminhamentos à serviços de saúde ou assistência social. Não existem benefícios diretos da pesquisa, mas compreender o contexto das

participantes poderá contribuir para o desenvolvimento ou aprimoramento de políticas de promoção e proteção social dirigida à população em estudo. Você, poderá ter acesso aos resultados parciais e finais do estudo.

Estarei à disposição para esclarecimentos sobre a pesquisa e você pode fazer contato pelo e-mail patricia.cunha@ufr.br ou pelo telefone (95) 99114-1077. Esse documento deverá ser assinado em duas vias em caso de concordância em participar ficando uma delas em seu poder.

Boa Vista-RR, 01 de abril de 2022

Nome da participante

Profª. Patrícia Socorro da Costa Cunha